

S

REVISTA DA



Semana

Nº 27 — 5 de julho 58 — C.R. 10

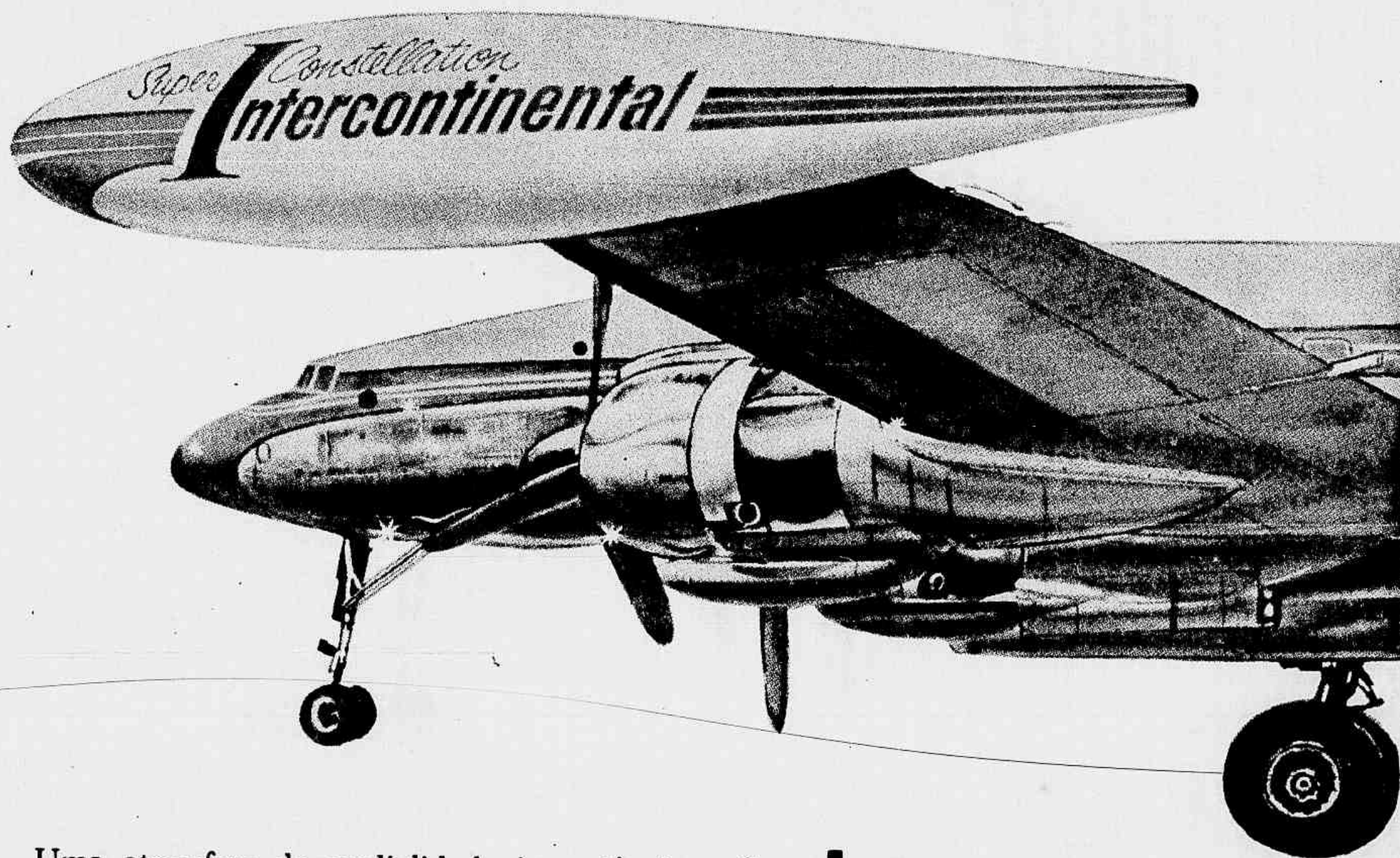


BRASIL - CAMPEÃO MUNDIAL

RIO NOVA YORK

pela **VARIG**

uma viagem insuperável
em luxo... em conforto... em cortesia!



Uma atmosfera de cordialidade, importância e eficiência envolverá Você... quando Você viajar no novo Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig! Para um passeio inesquecível... ou uma urgente viagem de negócios... voe sempre pela Varig, o melhor serviço para Nova York.

● Um novo avião... em nova rota... com o novo serviço Intercontinental de Luxo... assim Você viajará para Nova York, com uma única escala em Port-of-Spain, Trinidad, no Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig - a mais moderna aeronave para passageiros em voo no Hemisfério!

VARIG



Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 27, Rio, 5-7-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Enderço Telefónico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,000. Número avulso, Cr\$ 10,00.

A CAPA

Belini

REPORTAGEM

A Copa é do Brasil	4
Afinal o que é Long Beach	11
Apertei a mão da morte	19
Yhoham come-se com Hashi	23
Negrão falou 9 horas	62

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	26
-----------------------	----

MODAS

Para o frio carioca assim também é demais	30
---	----

TEATRO

«O Protocolo» e «Pega-Fogo»	33
-----------------------------	----

CONTO

Os Melhores Dias da Nossa Vida	34
--------------------------------	----

CURIOSIDADE

A Propósito de Belas Artes, por exemplo	38
---	----

CINEMA

No Rio, o maior cenarista do Cinema Japonês	49
---	----

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Só a Natureza deu o Máximo a Iô	51
---------------------------------	----

SOCIAIS

As Verdades de Mariasinha Maranguape	55
--------------------------------------	----

POLITICA

Trapézio	58
----------	----

ATUALIDADE

A Semana deixou também estas lembranças	62
---	----

SEÇÕES

A Revista há cinquenta anos	10
-----------------------------	----

Literatura e Arte	45
-------------------	----

Encontro com Chuck	57
--------------------	----

Humor	58
-------	----

CRÔNICA

Carta a Mário Cravo	66
---------------------	----



JÁ SE FOI O TEMPO, “SEU” MOÇO...

Crônica de GUIMA

SIM, já se foi o tempo em que certas coisas de mal e inesperadas aconteciam à UDN e ao Botafogo.

Quanto à UDN, vá lá. Não digo nada. Ou, melhor, concordo em que o passado não se tenha modificado. De todo, ainda.

Veja-se o que realmente sucede por aí. Os partidos políticos se juntam e separam sem cerimônia, em arranjos e combinações e permutações nem sempre no sentido matemático ou lógico: neste Estado, PTB-PSD contra PSP-PR; ali, adiante, já o PSP é aliado do PSD, em oposição à dupla PTB-PR. A própria turma da eterna vigilância também tem entrado nessa contradança de letras — tímidamente, às vezes — sem que haja críticas ou censuras mais sérias. De repente, porém, estoura um caso como o do lado de lá da Guanabara, ameaçando mexer com a estrutura geral do grupo!

Pois no Botafogo, “seu” moço, não temos mais disto. “Superamos esta fase”, como se diz. Embora depois de muito sofrimento, é verdade.

A situação começou a virar por ocasião do campeonato carioca de futebol, bem definido por aqueles famosos 6 a 2 finais no Maracanã. Foi, então, que a estrela voltou a brilhar firme. Solitária, mas estrela.

Depois, o espetáculo que se verifica na Europa, ao lado do Báltico. Não nego que Belini e Vavá, Gilmar e Pelê têm sido “grandes construtores das vitórias”. Mas, sinceramente, sem partidismo, onde está o eixo dos triunfos, segundo a fala imparcial dos adversários? Não é em Nilton Santos — perdão, doutor Nilton Santos? (Este mesmo Nilton Santos que seguiu como reserva de Oreco, nos desejos de Feola; este mesmo Feola que não levou Pampolini e teve o desplante de deixar Garrincha na cerca, substituído por Joel!...) Não é em Didi e no extrema “seu” Manoel,

de Pau Grande, raiz da Serra? E, debaixo daquela camisa horrorosa que o Valter Mesquita inventou, que camiseta eles vestem? A preto-e-branca, “seu” moço. Que nem é mais camiseta. Mas tatuagem, isso sim.



E PARA que não se diga que o Botafogo só brilha nos campos de futebol, eis também a presença desta belezoca de Adalgisa Colombo. De onde saiu ela para as andanças vitoriosas em que se atira? Não foi dali do casarão do clube, na avenida Venceslau Brás?...

POR ISSO, repito que já se foi aquele tempo, “seu” moço. Mas, por via das dúvidas, pé-de-pato, mangalô três vezes...



5x2:

A COPA É DO BRASIL!



GYLMAR DOS SANTOS NEVES — Arqueiro. Nasceu em São Paulo em 22-8-1930. Começou a jogar em 1950 pelo Jabaquara. Pertence ao Corinthians. Campeão paulista em 1951-1952 e 1954. Campeão brasileiro em 1954 e 1956. Vencedor do Rio-São Paulo em 1953. Vice-campeão sul-americano em 1953-1955 e 1957.



NILTON DE SORDI — Zagueiro-lateral. Nasceu em Piracicaba (São Paulo) em 14-2-1931. Começou a jogar em 1945 pelo Santa Cruz. Atualmente pertence ao São Paulo. Campeão paulista em 1953 e 1957 pelo São Paulo. Campeão brasileiro em 1952-1954 e 1957. Campeão sul-americano em 1956.



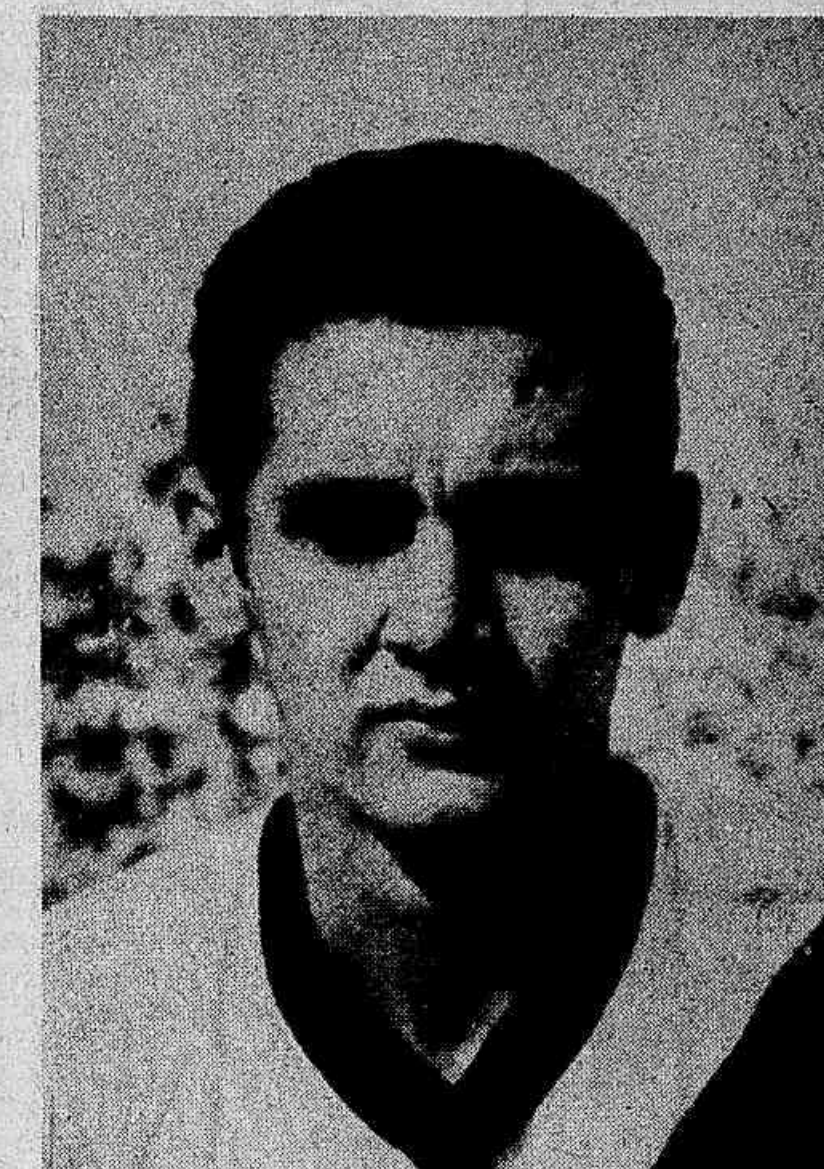
HIDERALDO LUIS BELINI — Zagueiro-central. Nasceu em São Paulo em 21-6-1930. Começou a jogar em 1948 pelo S.E. Itapirense (S. Paulo). Atualmente pertence ao Vasco da Gama. Campeão carioca pelo Vasco em 1952 e 1956. Vencedor do Rio-São Paulo em 1958. O capitão do time.



NILTON SANTOS — Médio-esquerdo. Nasceu no Distrito Federal em 16-5-1925. Começou a jogar pelo Botafogo, onde continua até hoje. Campeão carioca pelo Botafogo em 1948 e 1957. Campeão sul-americano em 1949. Campeão brasileiro em 1950. Campeão pan-americano em 1952.



JOSÉ ELY DE MIRANDA (Zito) — Médio-direito. Nasceu em Santos em 8-8-1932. Começou a jogar em 1948 pelo S.C. Roseiro (São Paulo). Atualmente pertence ao Santos. Campeão paulista pelo Santos em 1955 e 1956. Campeão brasileiro em 1956. Campeão sul-americano em 1956.



ORLANDO PEÇANHA DE CARVALHO — Centro-médio. Nasceu no Rio em 29-9-1935. Começou em 1952 pelo Fonseca A.C. Pertence ao Vasco. Campeão juvenil em 1952 pelo Fonseca. Campeão juvenil em 1954 pelo Vasco. Campeão brasileiro de juvenil em 1954. Campeão carioca em 1956 e do Rio-São Paulo em 1958.

Momento histórico para o futebol brasileiro: arrebatamos a Taça Jules Rimet



MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS (Garincha) — Extrema-direita. Nasceu no Estado do Rio. Começou a jogar em 1952 pelo E.C. Pau Grande (Magé). Atualmente pertence ao Botafogo. Campeão pelo Botafogo em 1957. Entrou no time por ocasião do jogo contra a Rússia, tornando-se efetivo.



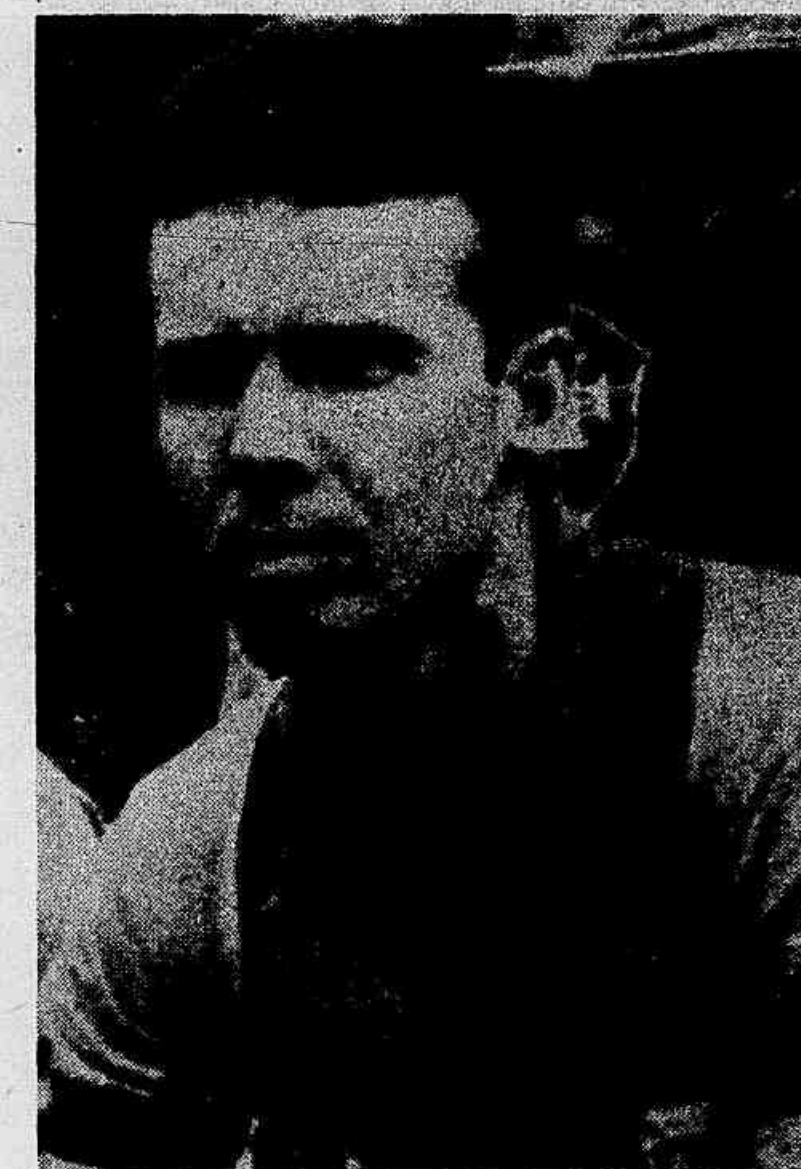
WALDIR PEREIRA (Didi) — Meia-direita. Nasceu em Campos em 8-10-1928. Começou em 1946 pelo Americano. Pertence ao Botafogo. Campeão carioca em 51. Vencedor da Copa Rio de 52 e Campeão pan-americano em 52. Vice-campeão sul-americano em 53-55 e 57. Campeão carioca em 57. Participou da Copa do Mundo em 1954.



EDVALDO IZIO NETTO (Vavá) — Centro-avante. Nasceu em Pernambuco em 12-11-1934. Começou a jogar no S.C. Recife. Pertence ao Vasco. Campeão carioca em 1956. Vice-campeão brasileiro em 57. Vencedor do Rio-S. Paulo em 58. Campeão amador pelo Vasco em 52. Campeão brasileiro de amadores em 1952.



EDSON ARANTES NASCIMENTO (Pelé) — Meia-esquerda. Nasceu em Três Corações (Minas Gerais) em 21-10-1940. Começou a jogar em 1950 pelo Bauru A.C. Atualmente pertence ao Santos F.C. Participou da Copa Roca de 1957. É o mais jovem do quadro brasileiro. Um dos artilheiros do campeonato.



MÁRIO JORGE ZAGALO — Extrema-esquerda. Nasceu em Maceió (Alagoas), em 9-9-1931. Começou a jogar em 1948 pelo América. Atualmente pertence ao Flamengo. Campeão brasileiro de amadores em 1951. Campeão carioca em 1953-1954 e 1955 pelo Flamengo. Vice-campeão brasileiro em 1957.



PAULO LIMA AMARAL (Preparador Físico) — Nasceu a 18-10-28 no D.F. Em 39 atuava no infante-juvenil do Flamengo e em 42 e 43 nos amadores. Em 42, entrou para a Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, cujo curso concluiu em 44. Fêz o curso de Técnico de Futebol. Pertence ao Botafogo.



CARLOS JOSÉ CASTILHO. Nasceu no Distrito Federal em 27-11-1927. Começou a jogar em 1945 pelo Olaria. Pertence ao Fluminense. Campeão carioca em 1951, pelo Fluminense. Campeão pan-americano em 1952. Vencedor da Copa Rio, em 1952. Participou da Copa do Mundo em 1954. (Arqueiro).



DJALMA SANTOS. Nasceu em S. Paulo em 27-2-1929. Começou na A. Portuguesa de Desportos em 1948. Campeão brasileiro por São Paulo em 52-54-56 e 57. Campeão pan-americano em 1952. Vice-campeão sul-americano em 1953. Campeão do Rio-São Paulo em 1952 e 1955. Integrou a seleção brasileira de 1954. (Médio-direito).



MAURO RAMOS DE OLIVEIRA — Zagueiro-central: Nasceu em Poços de Caldas em 30-8-1930. Começou em 1946 pela A.A. Caldense (Poços de Caldas). Pertence ao São Paulo. Campeão paulista em 48-49-53 e 57. Campeão sul-americano em 49, brasileiro por São Paulo em 1952 e 1956.



WALDEMAR RODRIGUES MARTINS (Oreco) — Médio-esquerdo. Nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 13 de junho de 1932. Começou a jogar em 1948 pelo Internacional de Santa Maria. Pertence ao Corinthians. Campeão gaúcho pelo S.C. Internacional, 50-51-52-53. Campeão pan-americano de 1956.



DINO SANI (médio-direito). Nasceu em São Paulo. Surgiu no Palmeiras em 1945. Atua presentemente no São Paulo. Campeão amador em 1948 pelo Palmeiras. Campeão paulista em 1950 pelo Palmeiras. Campeão brasileiro por São Paulo em 1956. Vice-campeão sul-americano em 1957. Campeão paulista em 1957.



ZÓZIMO ALVES CALAZANS — Centro-médio. Nasceu na Bahia, em 19 de junho de 1932. Começou a jogar em 1948 pelo Bangu, ao qual está vinculado até hoje. Campeão brasileiro de amadores em 1949-51. Vencedor do Torneio Início de 1954, pelo Bangu. Um dos autênticos valores novos do futebol brasileiro.

...grimas e risos, em todo o Brasil, sucederam à notícia da grande vitória.



JOEL ANTONIO MARTINS — Extrema-direita. Nasceu no Distrito Federal em 23-11-1931. Começou a jogar em 1958 pelo Botafogo. Pertence ao Flamengo. Campeão brasileiro de amadores em 1951. Campeão carioca em 1953-1954 e 1955. Vice-campeão brasileiro e sul-americano em 1957.



MOACIR CLAUDINO PINTO — Meia-direita. Nasceu em São Paulo em 18-5-1936. Começou a jogar em 1954 pelo Flamengo. Campeão de aspirantes pelo Flamengo em 1955 e 1956. Na reserva de Didi, não teve ocasião de atuar, em virtude das magníficas exibições do titular, tendo como o construtor das vitórias.



JOSÉ JOÃO ALTAFINI (Mazzola) — Centro-avante. Nasceu em Piracicaba (São Paulo) em 24-7-1938. Começou a jogar em 1953 pelo C.A. Piracicaba. Atualmente pertence ao Palmeiras. Campeão amador de 1954 pelo C.A. Piracicaba. Campeão juvenil em 1955 pelo Palmeiras. Campeão brasileiro em 1956.



EDVALDO ALVES DE SANTA ROSA (Dida) — Nasceu em Alagoas em 16-3-1934. Começou a jogar em 1952 pelo Centro Sportivo Alagoano. Pertence ao Flamengo. Campeão em 1956 pelo C.S. Alagoano. Campeão aspirante em 1954 e 1955 pelo Flamengo. Campeão carioca em 1954 e 1955 pelo Flamengo. (Meia-esquerda).



JOSÉ MACIA (Pepe) — Extrema-esquerda. Nasceu em Santos em 25-2-1935. Começou a jogar em 1951 pelo Santos, onde continua até hoje. Campeão paulista pelo Santos em 1955 e 1956. Campeão brasileiro em 1957. Vice-campeão sul-americano em 1957. Não jogou na Suécia, mas atuou na Itália.



MARIO AMÉRICO (Massagista). — Nasceu em Minas, a 28-7-1913. Foi boxeur profissional em S. Paulo. No Rio acabou como massagista do Madureira, em 1939. Foi para o Vasco e depois para a Portuguesa de Desportos. Tomou parte nas seleções carioca e brasileira desde 43 e, depois de 53, ficou na Paulista. É casado, tem 2 filhos.



PAULO MACHADO DE CARVALHO (Chefe). — Nasceu em 1901, em São Paulo. Dirigiu por oito anos o Departamento de Futebol do São Paulo F. Clube, sendo também por várias vezes seu presidente. Membro do Conselho Técnico de Futebol.



VICENTE FEOLA (Técnico). — Nasceu em 1909, em S. Paulo. Iniciou-se no esporte em 1922 jogando em vários clubes. Só em 1935 começou carreira de técnico. Estêve em 1936 na Portuguesa Santista, indo em 1937 para o São Paulo F.C.



DR. HILTON GOSLING (Médico). — Nasceu em 1923, no D.F. Começou no Serviço Médico do Fluminense em 1943, ainda acadêmico. Efetivado em 44, permaneceu no clube até 1951. Já integrou uma seleção em 56, mas é a primeira vez que presta serviços à CBD.

Quarta-feira, às duas da tarde, abraçaremos os nossos heróis

O BRASIL OSTENTA, hoje, com justiça, o título de campeão mundial de futebol, depois de vencer categoricamente as melhores seleções do Universo, num certame jamais visto em toda a história do "association". Desta feita, conquistamos mesmo a Taça "Jules Rimet", sonho tornado realidade por um grupo de rapazes jovens (e alguns veteranos) decididos e nos quais pouca gente acreditava quando daqui saíram. O impacto emocional de 1950 no Maracanã foi varrido de nossas memórias. E em todo o Brasil, de Norte a Sul e Este a Oeste, 60 milhões de pessoas vibram e festejam o feito de Vicente Feola e seus comandados, entre os quais, além dos jogadores, podem ser citados Paulo Machado de Carvalho, Paulo Amaral, Dr. Carvalhaes, Dr. Mário Trigo, Mário Américo, Dr. Hilton Gosling, José de Almeida, Carlos Nascimento e Ernesto Santos, que nos serviu de "olheiro".

28 ANOS A PROCURA DE UM TÍTULO

Durante 28 anos o Brasil sonhou com o título que acabamos de conquistar. Em duas oportunidades estivemos bem perto: 1938 e 1950. Um penalti praticado por Domingos da Gama e a "garra" dos uruguayos nos roubaram essas chances. Mas agora chegamos brilhantemente ao final. Entre a seleção campeã do mundo e a vencedora da "Copa Rio Branco" de 1932, há uma grande semelhança. Ambas saíram do Brasil sem contar com o apoio total dos fãs de futebol. Muitos valaram e xingaram. Ontem, a Leonidas da Silva e seus companheiros. Hoje, a Didi, Nilton Santos, Pelé, Belini, Gilmar, etc. Por isso devemos uma desculpa aos heróis da Suécia. E pedimos perdão por não acreditar em tão valerosos pés. Nosso triunfo não foi uma "questão de sorte". Enfrentamos, de início, a pior "chave" do campeonato. Nossos adversários nas Oitavas de Finais — Austria, Inglaterra e Rússia — eram os mais perigosos. Depois, o pequenino País de Gales, a França com seu extraordinário avante Kopa (que quebrou a invencibilidade de Gilmar) e, finalmente, a Suécia. Fomos o melhor quadro do campeonato. Não sofremos nenhuma derrota.

A MASCOTE E O COMENTARISTA

É interessante lembrar alguns episódios que precederam a decisão do título máximo do futebol mundial. Nos treinos realizados no Rio, Vicente Feola, Didi e os demais foram duramente

combatidos. A crônica em geral era contrária ao plantel e direção técnica. Apenas um comentarista acreditava nos rapazes: Albert Laurence, que em entrevista concedida à REVISTA DA SEMANA disse: "Feola é um homem que conhece futebol. Sua tranqüillidade pode nos levar à vitória. E o quadro foi bem organizado. São 22 homens que sabem jogar futebol. Entre os que podem chegar à final, estão a Alemanha, a Irlanda do Norte, a França (pela semelhança do futebol Sul-Americano), a Rússia e a Inglaterra. A Suécia também, porque está jogando em casa". Laurence tinha razão. Provou que conhece realmente futebol.

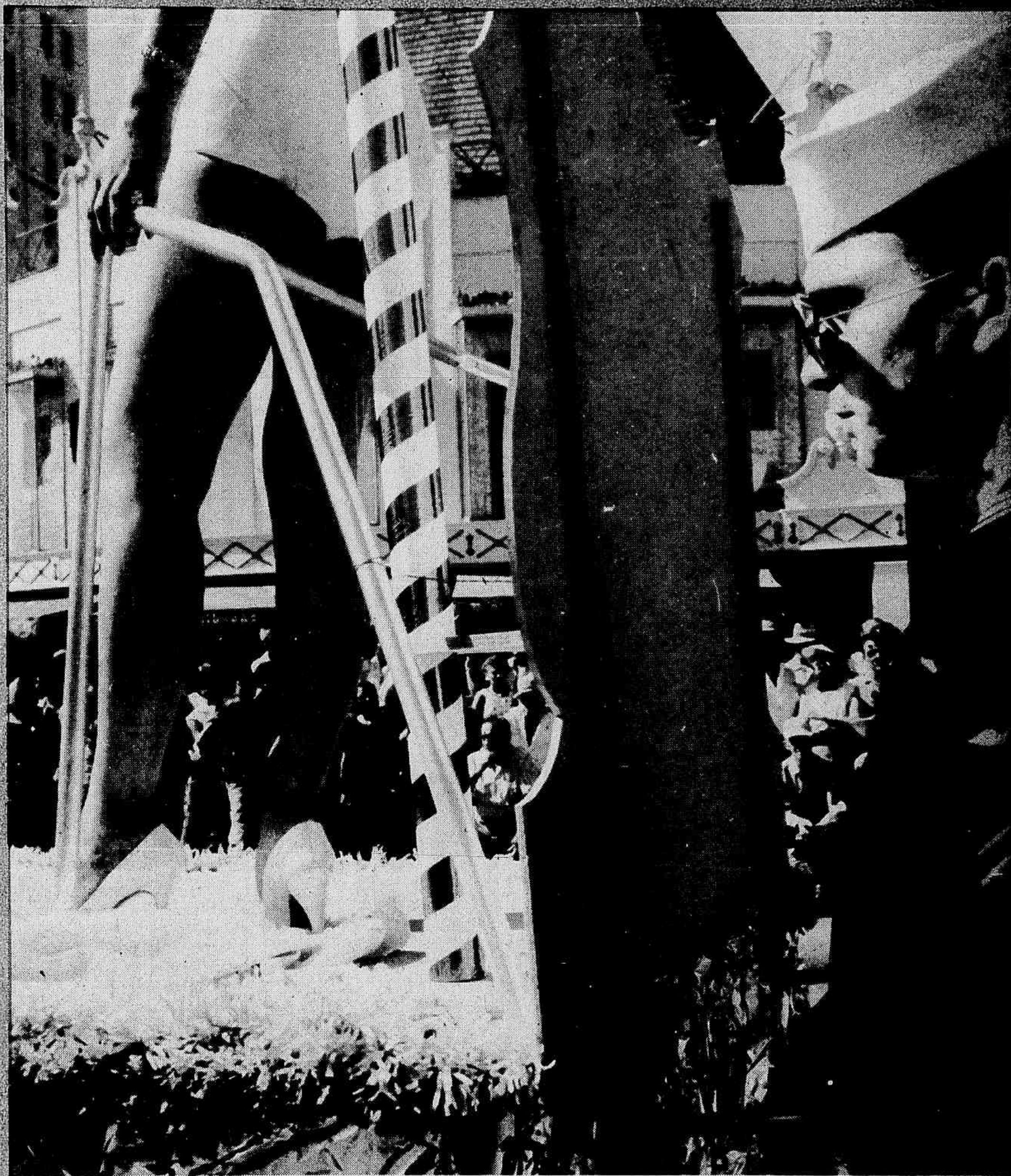
Quando nossos rapazes partiram, em sua companhia, viajando por conta própria, foi também Cristiano Lacorte, com sua cadeira de rodas e as suas próprias custas. Dizíamos que Cristiano — representante da rua Miguel Lemos — era a mascote que faltava à CBD. E Cristiano realmente deu sorte ao "scratch".

Nunca o futebol despertou tanto entusiasmo em nossa cidade, assim como em todo o Brasil. Nos jogos realizados durante os dias úteis da semana, Congresso paralizou, na Justiça os criminosos aguardavam o fim do jogo para serem julgados e, curioso, pela primeira vez um bairro inteiro dirigiu um apelo cordial à Light. Dessa vez, não reclamaram. Pediram que o costumeiro corte no fornecimento de energia elétrica não fosse realizado no domingo do jogo final, para que pudessem ouvir o feito de Didi e seus companheiros. O apelo foi atendido com uma nota em todos os jornais e emissoras de Rádio e TV.

O presidente da República, no jogo contra a França, ouviu o "match" ao lado do pai do excepcional Garrincha e da esposa do construtor de nossas vitórias, Didi.

Na Câmara dos Deputados, quando mais acessos eram os debates, na tarde do jogo contra os franceses, um parlamentar aproximou-se do microfone e pediu um aparte. Disse simplesmente ao orador: "Vossa Excelência me permite?" Respondeu o orador: "Com muito prazer". E o aparte foi esse: "Brasil um a zero, goal de Vavá". O orador sorriu e continuou a falar de política. O feito da Suécia entrará para a história do nosso esporte como uma das maiores façanhas do futebol brasileiro. E até mesmo nos dois últimos dias antes da decisão final, o estado de espírito do povo brasileiro não era do "já ganhamos", como ocorreu, em 1950. Estávamos, sim, possuídos de uma fé inabalável. E, honestamente, a Suécia não possui futebol para vencer o Brasil. Somos campeões de fato e de direito.

A FINAL O QUE É LONG BEACH

[illegible]

Elas são examinadas em todos os ângulos: frente, lados e arco

AO CONTRÁRIO do que muitos julgam, Long Beach não é uma praia de Miami. Também fazem muita confusão com Palm Beach, na Flórida, mas na verdade é uma pequena cidade de verão e fica localizada na Califórnia, bem próximo à famosa Los Angeles, onde um dos subúrbios (Hollywood), é a capital do cinema. Está distante de Nova Iorque dez horas de avião, no vôo que eles denominam "costa a costa", porque atravessa quase todo o território americano, em um pulo do Atlântico ao Pacífico. Nos dias comuns, que compreende quase todo o ano, Long Beach é uma cidade pacata e sem maiores emoções. Sua tranquilidade, somente é quebrada com a alegria dos bêbados, que nas noites de sexta para sábado, não dispensam "pileques" tremendos. Os hotéis, também não têm, normalmente, grande movimento. Apenas os recém-casados se hospedam neles. E também os viajantes comerciais. Mas tudo isso, não chega a oferecer um registro digno de maior importância.

Porém, quando chega Julho, as coisas mudam inteiramente de figura. É a época em que é realizado anualmente o concurso mundial de beleza, e turistas (americanos e estrangeiros), aparecem dos mais longínquos recantos. Durante dez dias, Long Beach passa a despertar as atenções do mundo inteiro. Jornalistas de diversos países, embarcaram para a Califórnia, a fim de acompanhar a sua "miss" que disputará o título de Miss Universo.

E a cidade perde aquela tranquilidade, movimentam-se os seus hotéis, enchem-se os seus restaurantes, as suas ruas, as casas co-

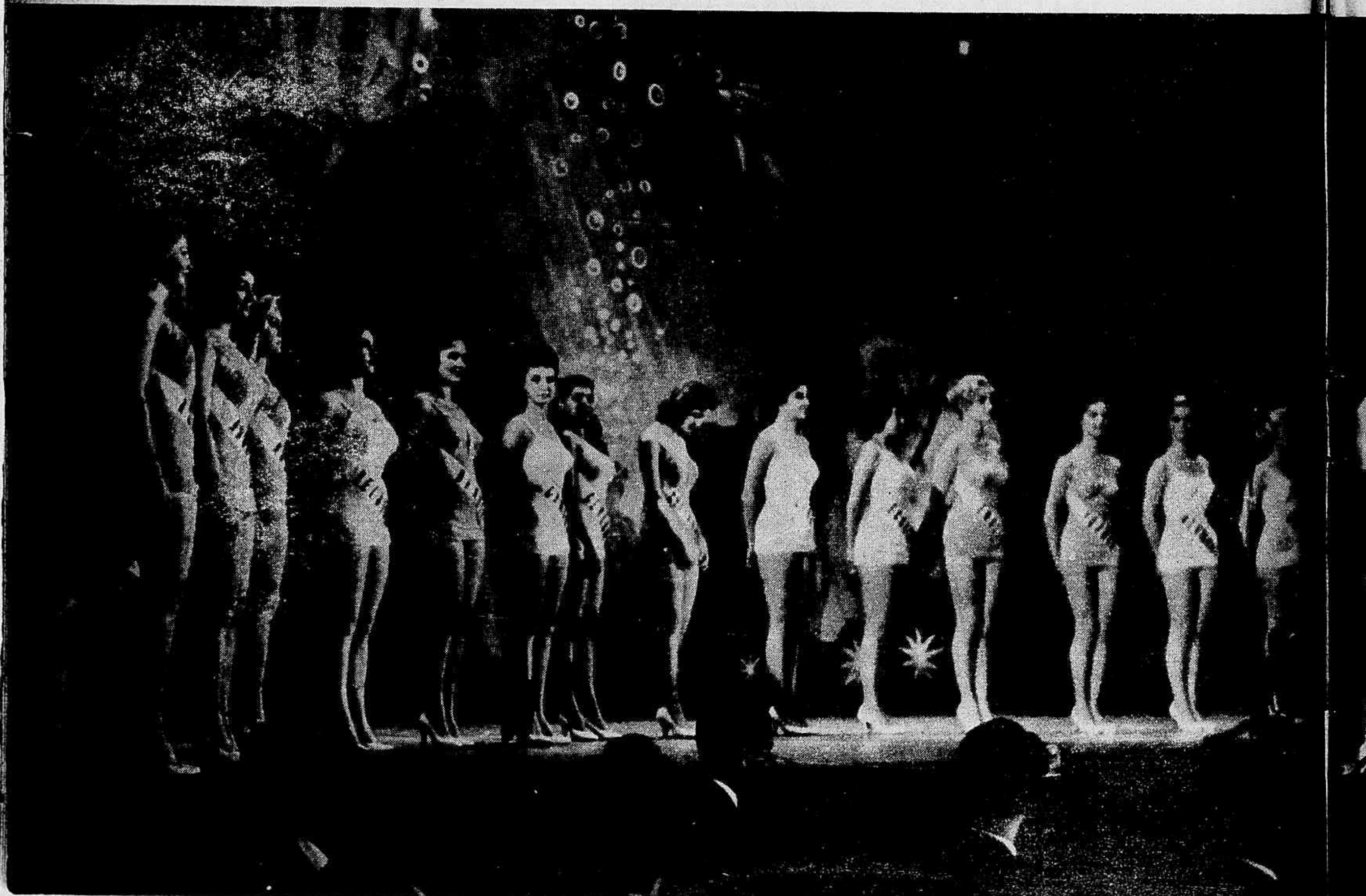
merciais. E bandeiras, com o tradicional "Welcome to Miss Universe Contest", enfeitam as principais avenidas.

O concurso de Miss Universo, é promovido por uma organização, criada exclusivamente para esta finalidade, e pela Prefeitura de Long Beach. Funciona com um Diretor-Executivo, um homem de Relações Públicas, e vários assistentes. Tudo que for possível, render dinheiro, é explorado: catálogo (cheio de anúncios) com fotos de todas as "miss" e programa oficial, patrocínio dos carros em que as candidatas desfilam (empurradas por marinheiros), fotografias oficiais, uma infinidade de coisas. Eles procuram tirar o máximo de vantagem, sem entretanto explorar as miss, em particular. O lucro vem da promoção em geral, e do contrato feito com a vitoriosa. Mas elas não são obrigadas a dizerem que usam o produto tal, que o seu preferido é o maiô da marca X, e outros expedientes condenados. Elegância eles têm, indiscutivelmente.

A candidata, quando chega a Long Beach, é confiada a uma "hostess" (espécie de guardiã), que não mais a abandona noite e dia. As mães ou os pais, não podem ficar em companhia das filhas. E cada "hostess", toma conta de duas moças, geralmente, uma americana e uma estrangeira.

É uma medida acertada, porque somente assim, é possível cumprir os programas, dentro do rigoroso horário americano. E depois, elas cuidam da moça, muito melhor que qualquer acompanhante. O problema da diferença de idiomas, é resolvido na

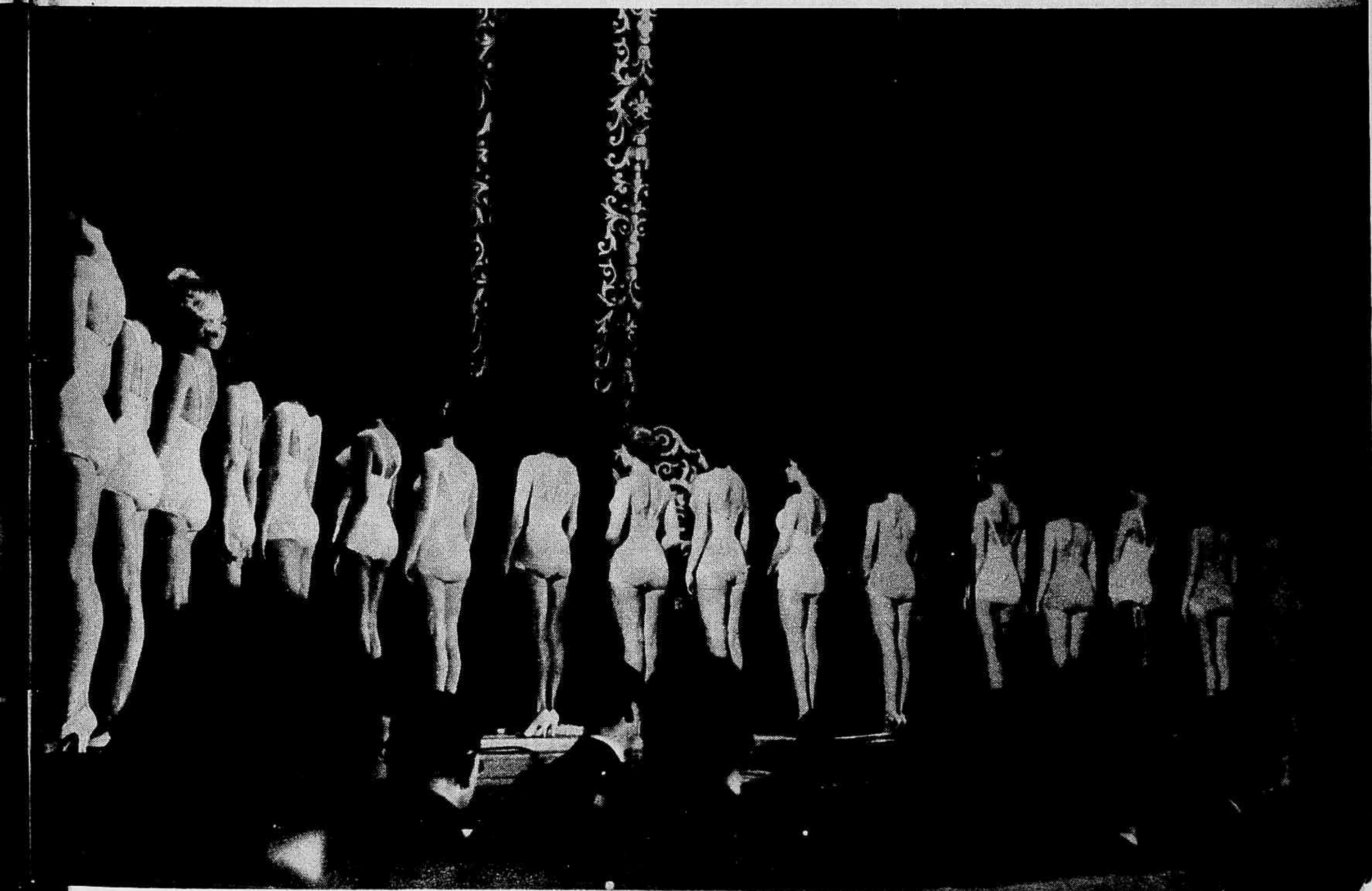
O júri as examinam minuciosamente enquanto a orquestra executa uma música suave. Em conjunto, eles podem decidir com maior acerto.



er costas..

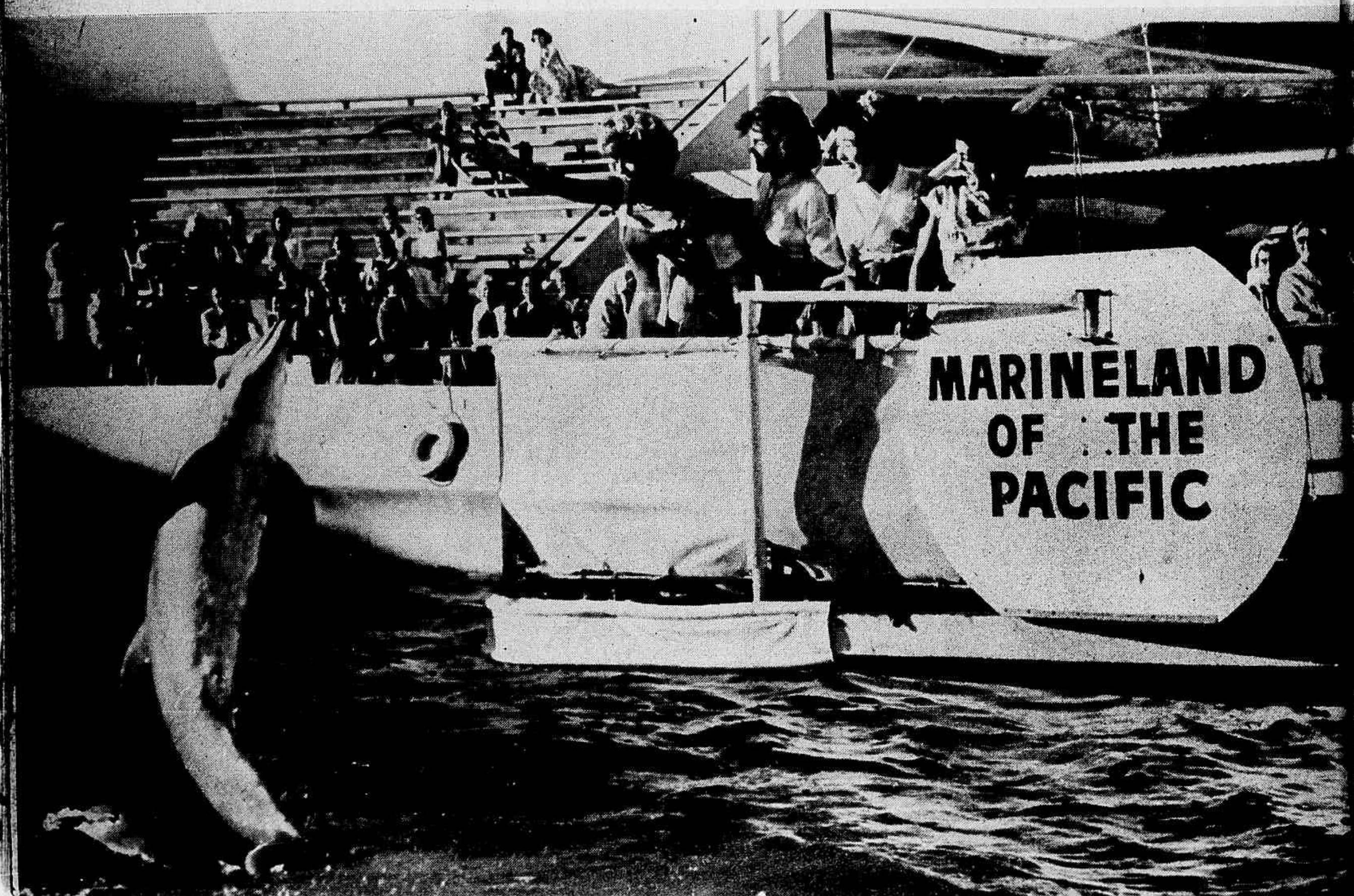


Observem na foto acima, a Miss Estados Unidos 1957. Quase sem quadris, como gostam os americanos. Em baixo, elas são vistas de costas.





A parada de domingo é o mais belo espetáculo de todo o concurso de Miss Universo. Em baixo, as «miss» visitando o Oceanário



Long Beach
enche-se de
turistas
durante
os dez dias
do concurso

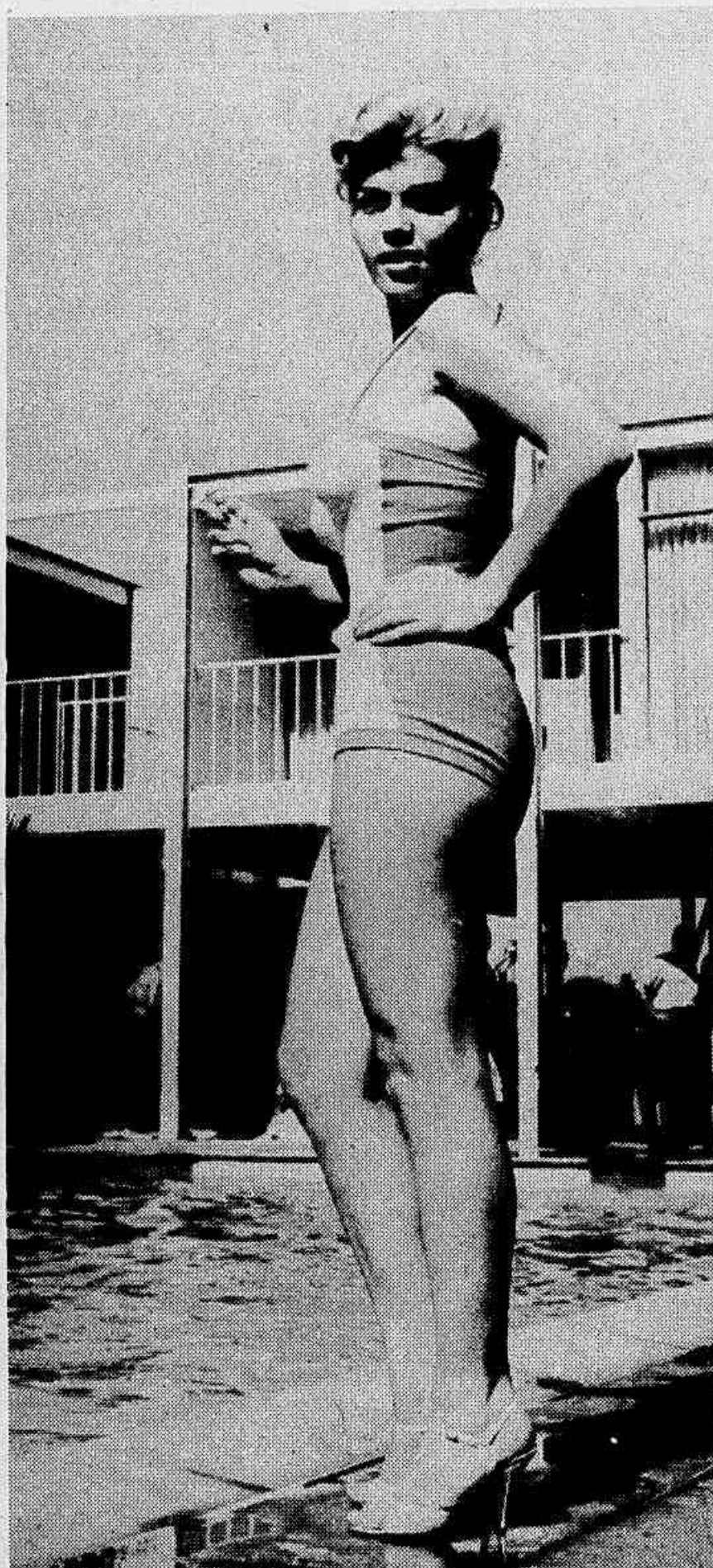


O público comparece em massa. Uns com gravata, alguns de blusões, e outros, de roupa de banho mesmo. Miss Brasil 57, aí está com a sua baiana

Eis aí o que seria (na opinião do júri) a Miss Universo ideal:



ROSTO de Miss Alemanha 1957



BUSTO de Miss Itália 1957



PERNAS de Miss Illinois 1957

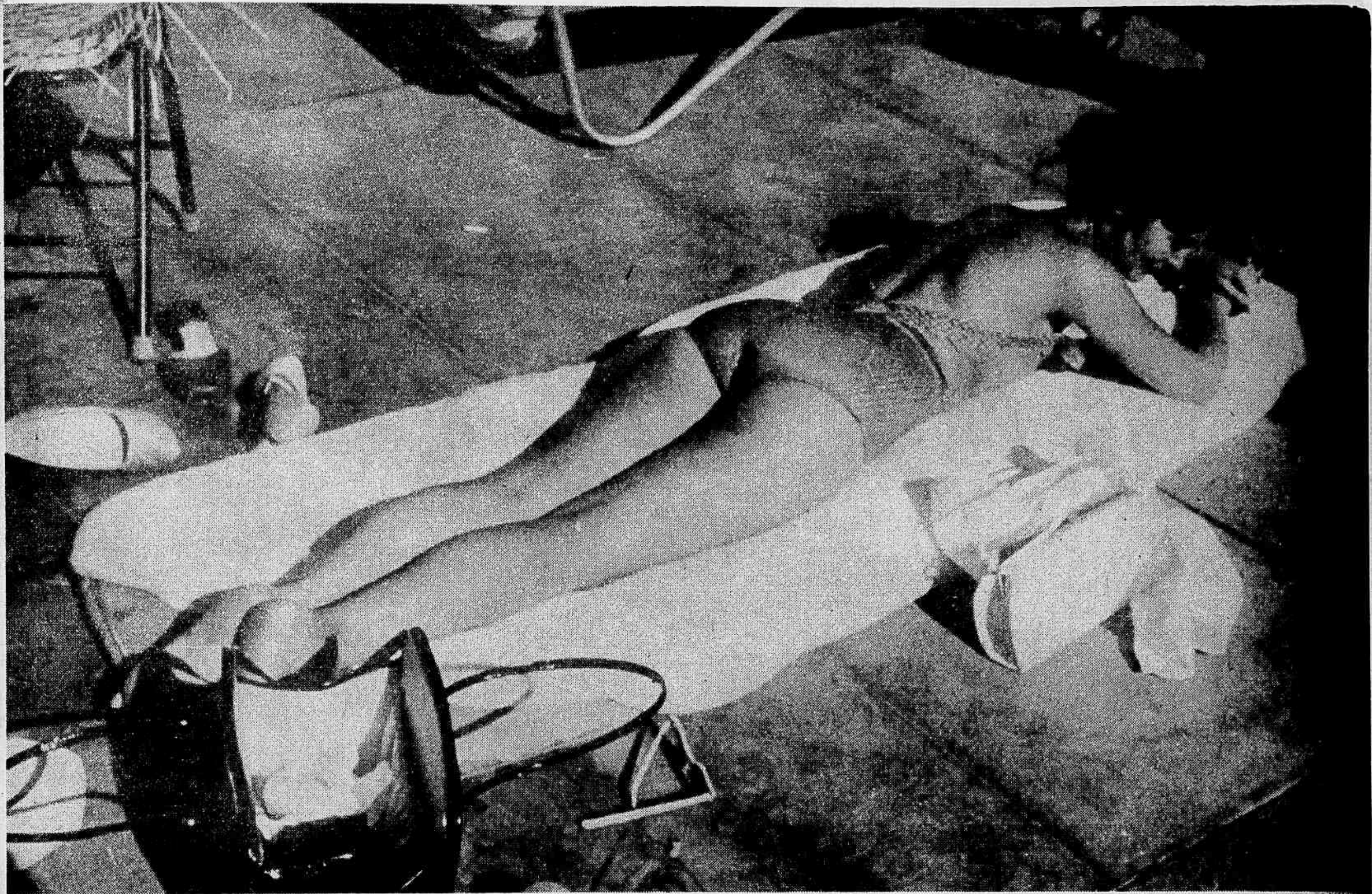


As «hostess» (chapéu com flores) são implacáveis guardiães. Cada uma delas toma conta de duas moças.

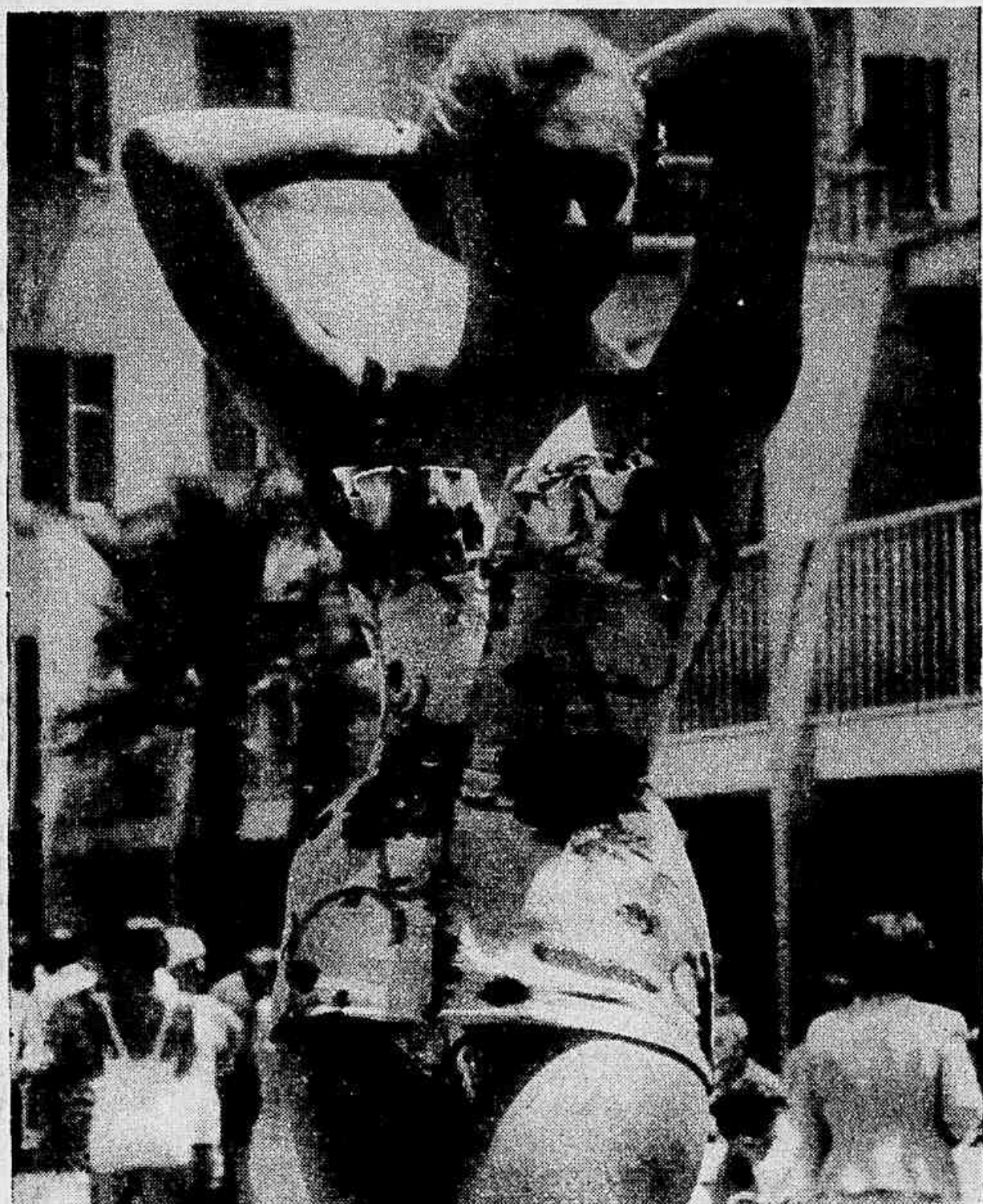
medida do possível. Neste último ano, por exemplo, a nossa Terezinha Morango ficou em companhia de uma «hostess» que falava fluentemente o português. Para a italiana, uma que fala italiano, para a francesa, outra que domina o francês, e assim por diante.

Este ano o concurso será realizado entre os dias 17 a 27 de Julho. As candidatas deverão chegar a Long Beach, em uma quinta-feira, e somente terminarão todos os compromissos, dez dias após. Do programa, consta: uma apresentação ao ar livre, em um estádio, onde as miss receberão a chave simbólica da cidade, das mãos do Prefeito, quatro desfiles no Auditório Municipal, passeios de lancha, visita aos estúdios de cinema ou ao oceanário (espécie de aquário gigantesco), e piscina todos os dias, para fotos com a imprensa. Tudo muito cansativo e que obriga as moças a dormirem cedo, para conservar a forma. Porém a grande atração do concurso, é sem dúvida alguma a parada de domingo à tarde, onde as miss desfilam nos carrinhos, frente à praia, participando também da mostra, uma infinidade de colégios e bandas de música. Espetáculo belíssimo, não somente pela graciosidade das miss, como também, pelos luxuosos carros alegóricos apresentados. Neste dia, o público elege a «mais simpática da parada», através de votos publicados nos jornais, e a imprensa, escolhe «a mais fotogênica».

Muitos acusam o júri de Long Beach, de parcialidade. Se bem que os interesses comerciais influam de uma maneira decisiva, o



Para fotografar uma miss nesta posição o repórter tem que usar uma teleobjetiva e ficar longe da polícia...



Este maiô usado por Miss Bélgica 57 foi considerado indecente para Long Beach. De fato, algumas partes mostravam demais...

Estas fotos são inteiramente proibidas em Long Beach

que mais prejudica os latinos é que o conceito de beleza adotado, difere do nosso. Eles gostam de mulheres com muito pouco quadril, busto relativamente grande, e rosto assim como o da Miss Alemanha, que nos visitou recentemente. Daí porque o ano passado venceu a Miss Peru, quando haviam dezenas de candidatas com muito maiores possibilidades, dentro do que julgamos o nosso tipo de beleza. Dois outros itens que pesam no julgamento, são: *naturalidade* e *personalidade*. Moça sofisticada, jamais terá vez em Long Beach. Podem examinar todas que já conquistaram o título, e entre elas jamais encontrará uma Miss Universo, artificial, de poses estudadas. E aí está a nossa Morango, para confirmar, o que afirmamos. A *naturalidade*, foi sempre a sua melhor arma.

Várias coisas são proibidas em Long Beach. Exemplos: foto de moça deitada, de costas. Em pé, de costas, de baixo para cima (como a que posou Miss Itália, o ano passado). Usar maiôs cavados, como o de Miss Bélgica 1957. Posar escondida atrás de cadeira ou mesa, dando a impressão que está sem roupa. Debruçada para a frente, aparecendo indiscretamente o busto. Mas por serem proibidas estas poses, são as preferidas dos fotógrafos, que tudo fazem para obter um desses flagrantes. E a imprensa brasileira então, sempre consegue "dá um jeitinho"...

Long Beach, finalmente, é a meta máxima dos concursos de beleza. Representa o sonho das moças que pretendem alcançar a fama, através da plástica, e da formosura. Poucas são as que de lá regressam com o desejo satisfeito. Mas todas, sem distinção, tudo fazem para conseguir ao menos chegar até lá, porque é uma fascinação sentir-se "alguém", mesmo por pouco tempo, ser fotografada e admirada, pelos povos do mundo inteiro!

Apertei a mão da morte

Reportagem de RENARD PEREZ

ATRAVESSAMOS OS CORREDORES brancos e frios, paramos diante do apartamento 229. É a senhora do poeta — dona Maria Clara — quem nos recebe, e nos leva para o compartimento contíguo, onde Olegário se encontra, sentado no leito. Sua fisionomia está abatida, e os olhos têm um brilho diferente no rosto encoado. Mas o sorriso acolhedor é o mesmo. O poeta nos reconhece e vem, em passos lentos, sentar-se na saleta.

Tínhamos ouvido falar na gravidade de seu estado. Mas, passada a primeira impressão, o velho Olegário que conhecemos retorna, através da voz pausada e dos gestos expansivos. Recostado no "sommier", um robe vermelho sobre o pijama, parece sentir-se à vontade na saleta de paredes nuas — tão diferente, entretanto, de sua enorme casa da rua Pompeu Loureiro, em Copacabana, atulhada de quadros e móveis antigos. Contra o fundo branco da parede, sobressai a sua bela cabeça, a lembrarmos — com sua ampla testa e os cabelos prateados — uma figura antiga, de legenda.

Perguntamos ao poeta como se sente, e ele balança lentamente a cabeça:

— Poucas pessoas terão chegado tão perto do fim, como eu. Tive uma hemorragia no duodeno, apertei a mão da morte...

E Olegário conta a luta que teve o velho Agenor Pôrto, durante duas horas e meia, para trazê-lo à vida. Isso foi o princípio de tudo, há três meses atrás. Naquela fase mais aguda da doença, internou-se o poeta durante quinze dias no Hospital São Miguel, seguindo depois para Teresópolis, onde passou quase um mês. Mas o frio obrigou-o a voltar ao Rio, indo então, a conselho médico, para a clínica São Vicente, no alto da Gávea, onde se encontra há cinco semanas. Embora considerando-se fora de perigo, acha-se ainda bastante fraco, sujeito a recaídas: a despeito das dez transfusões de sangue que tomou, ficou-lhe a anemia. Na véspera, mesmo, de nossa visita, sofrera uma vertigem durante o banho, e tivera de se submeter a nova transfusão.

Mas a doença trouxe compensações:

— Esta moléstia serviu para que eu desse um balanço nas minhas amizades — diz Olegário, reconfortado. — Tenho recebido, diariamente, visitas de colegas, de amigos, de leitores — conhecidos ou não. Ainda há pouco aqui esteve a diretoria da Academia. Telefonam-me a todo o momento para saber notícias de minha

saúde, moças e rapazes aparecem trazendo exemplares dos meus livros para autografar...

AS REMINISCÊNCIAS DO POETA

Pela janela aberta nos chega um pedaço da tarde. E a visão das árvores frondosas dos jardins do Hospital emprestam uma atmosfera acolhedora ao pequeno apartamento. Olegário acompanha-nos o olhar:

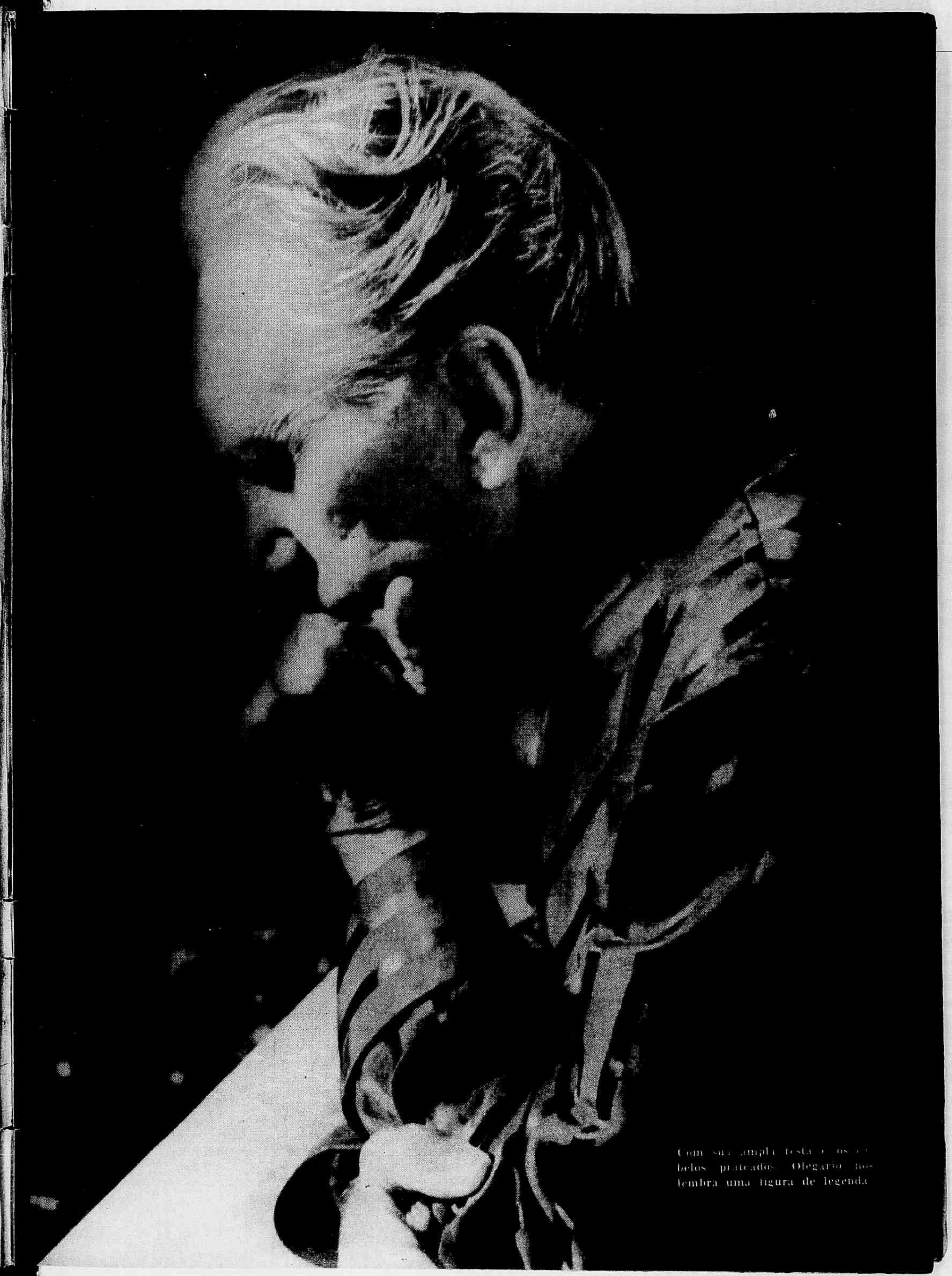
— Essa vegetação, esse sossêgo, me lembram o Cosme Velho, onde morei dezoito anos com meu pai, logo que cheguei de Pernambuco...

E o poeta, a voz pausada, recorda momentos de sua adolescência no casarão do Cosme Velho, onde se processaria uma das fases mais importantes de sua vida: a de sua formação literária. Fala em Machado de Assis, que residia perto de sua casa, e a quem o velho José Mariano costumava levar para a cidade de automóvel. Durante um momento, transforma-se a conversa num desfile de reminiscências. Sascha, o fotógrafo, fala, por sua vez, nos bondes de burro, que paravam para as mulheres — recordações longínquas de um período galante...

Enquanto o poeta mergulha no passado, lembramo-nos de um outro encontro que com ele tivemos, há três anos atrás. Como agora, Olegário também relembra o passado: sua infância em Poço da Panela, sua adolescência no Rio, as grandes figuras com quem tivera a felicidade de conviver: além de Machado — o barão do Rio Branco, Coelho Neto, Emílio de Menezes, seu grande amigo Bilac. Mas, então, o tom da conversa era diferente — como também o cenário: estávamos em sua casa de Copacabana, entre livros e quadros, bebíamos uísque. E, ao lado das recordações, o poeta falava também nos seus projetos para o futuro...

Perguntamos a Olegário se tem escrito.

— Não tenho feito nada, sinto-me ainda muito fraco... Mas gostaria de poder retomar as minhas "Memórias". Agora, mesmo, encontro-me exausto: ainda hoje pela manhã, Maciel Pinheiro me esgotou, fazendo-me falar por mais de meia hora ao microfone da rádio Roquete Pinto... Aliás, Maciel tem aparecido sempre e, há poucos dias, fui surpreendido com uma lembrança sua, que



Com sua ampla testa e os cabelos prateados, Olegário nos lembra uma figura de legenda



"Esta doença serviu pa

muito me comoveu: a oferta que me fez de uma medalha — homenagem da Biblioteca Municipal, de onde é diretor — comemorativa da publicação de minhas poesias completas.

A pedido de Olegário, dona Maria Clara mostra-nos a medalha: numa face, em relêvo, aparece o belo perfil do poeta e, no reverso, encimando a assinatura e o símbolo acadêmico, êsses seus melancólicos versos, que nos parecem, agora, ainda mais expressivos:

"Sem amôres, velho e triste,
Eu que fui poeta e fui rei,
Posso morrer sem remorsos:
Tudo o que me deram — dei."

Bela prestação de contas de quem alcançou, na vida, tudo o que um homem público pode desejar — grandes honrarias, projeção literária além-fronteiras, um nome querido por gerações e gerações sucessivas — e que hoje, aos 69 anos, pode olhar para o passado com tranqüilidade...

Olegário Mariano: Tôda uma vida de poesia.

SAUDEMOS O BRASIL COM O SEU MAIOR POETA

Superpondo-se a vidros e caixas de medicamentos, encontro, prêso à parede em frente ao leito de Olegário, um quadro — uma das poucas coisas que o poeta levou de sua casa, e que dá, àquela residência provisória, um toque familiar. É um óleo representando a "Toca da Cigarra", seu famoso sítio em Teresópolis, em frente à pracinha que tem o seu nome, e onde se ergue o seu busto. Lá está a sua famosa casa em estilo colonial, alpendrada, escondida entre trepadeiras, a lembrar a sua terra de infância — o seu querido Poço da Panela, em Pernambuco.

Sob uma mesinha, ao lado de um jarro com flores, há um álbum que manuseio. É uma coleção de fotografias do poeta tiradas em Portugal, ao tempo em que lá esteve como embaixador. Um recorte de jornal, colado na primeira fôlha, transcreve um trecho do discurso pronunciado por Júlio Dantas, numa seção da Academia de Ciências de Lisboa: "Saudemos Olegário Mariano, saudemos o Brasil com o seu maior poeta, a Embaixada da Glória". Segue-se uma série de fotografias — flagrantes de banquetes, de conferências, de reuniões, onde Olegário aparece, de pé, em ati-

A fisionomia do poeta está abatida, mas é o mesmo o seu sorriso



iu para que eu desse um balanço nas minhas amizades."

tude de discurso ou de declamação, ladeado pelas maiores figuras daquele país: Craveiro Lopes, Salazar, o poeta Júlio Dantas.

Olegário fala de Portugal com carinho. Recorda fatos do período de sua estada em Lisboa, que provam a grande consideração em que é tido naquele país. Fala de sua satisfação por ter sido escolhido, para presidente da república, o ex-ministro da Guerra, Américo Thomaz, que veio a conhecer justamente naquele tempo e de quem se tornou grande amigo.

A conversa toma outros rumos. Enquanto Sascha vai batendo fotografias, falamos de seu último livro — "Tôda uma Vida de Poesia", lançado pela José Olímpio em fins de 1956. Refere-se Olegário à tarde de autógrafos realizada na livraria São José pelo Natal, e comenta, comovido, os artigos aparecidos sobre o volume — entre outros o de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Dona Maria Clara nos serve café. Mais tarde, chega a sobrinha do poeta, que nos é apresentada. Daí a pouco, nos despedimos. Apesar de sua amabilidade, Olegário apresenta sinais de cansaço. Desejamos-lhe as melhores, seu breve regresso à casa, e novamente caminhamos pelos corredores brancos.

acolhedor. Ao lado da espôsa: dona Maria Clara.

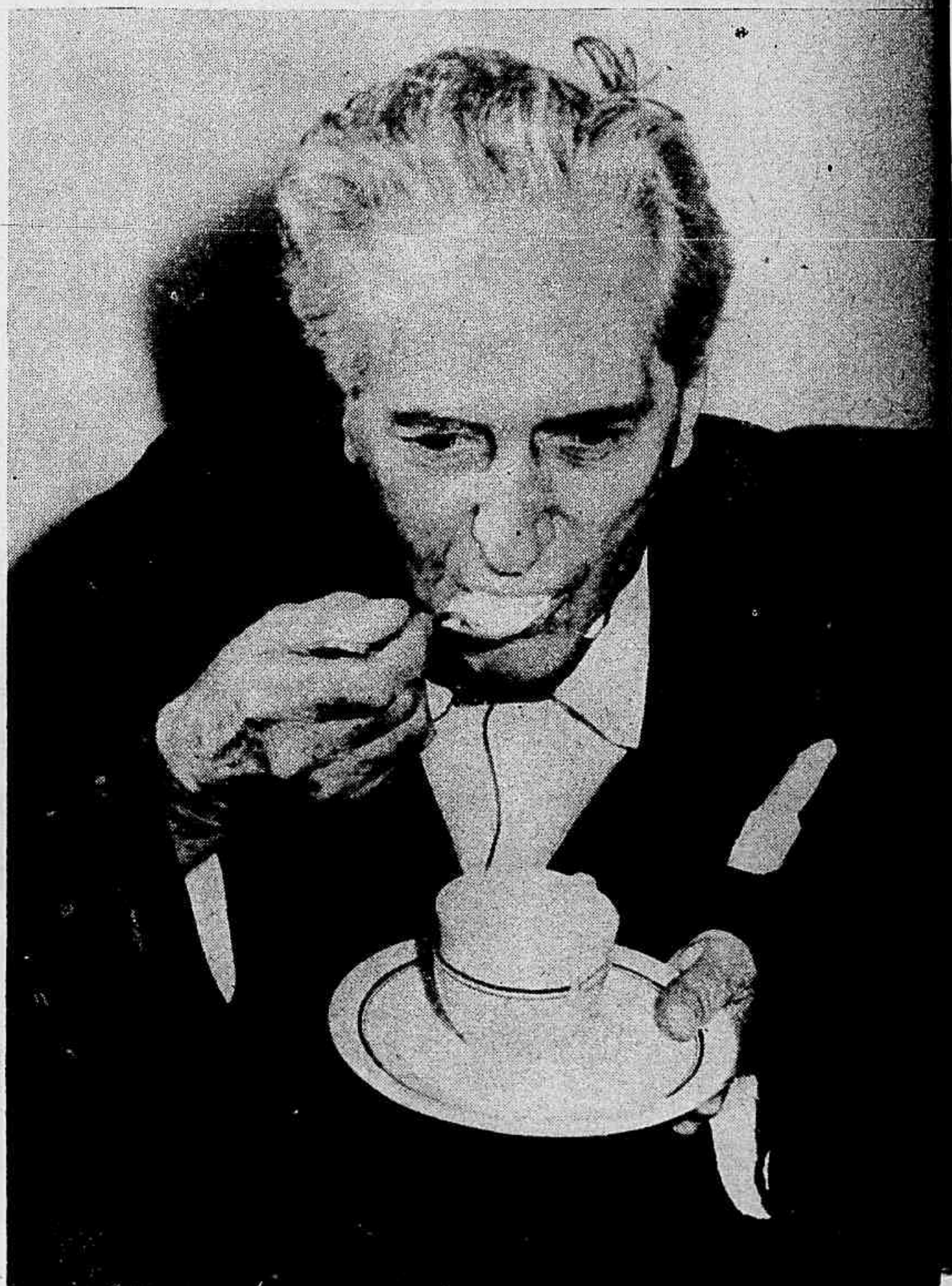
Mas, agora, levamos qualquer coisa em nós mesmos — um con-frangimento. Sabemos da gravidade do estado do poeta, apesar de sua aparente disposição. E sentimos uma melancolia por aquela figura imponente que começa a se abater — aquela bela figura de poeta que atravessou galhardamente o século, sempre fiel ao seu romantismo, enfrentando escolas e movimentos para permanecer, solitário, como uma bela relíquia do passado. Aquêlê poeta que encantou nossos pais, e que nos encantou também em nossa adolescência, e cujo nome foi dos primeiros que decoramos, e que sempre nos apareceu através de uma auréola de grandeza.

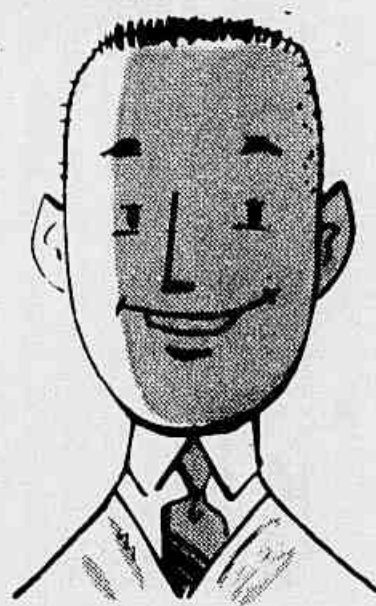
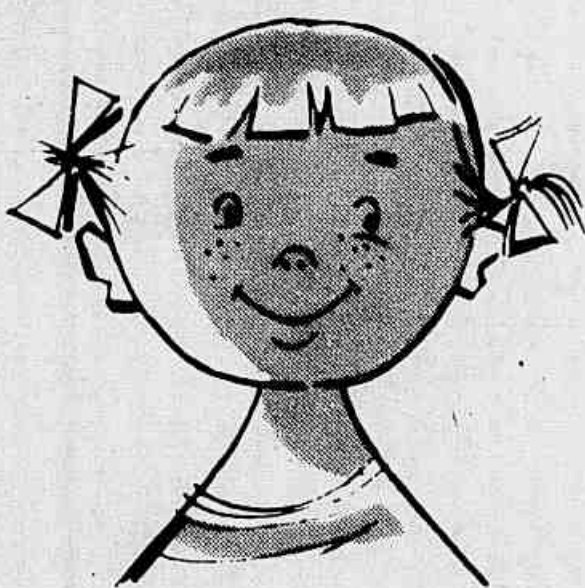
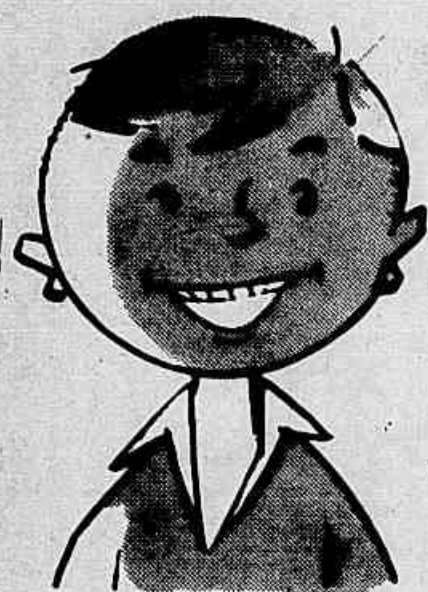
Era principalmente a vida que êle nos contara certa vez que nos fluía agora, depois daquele encontro do ocaso. E nos veio também à lembrança, insensivelmente, o primeiro verso do soneto com que fechou, há dez anos atrás, o seu "Enamorado da Vida":

Meus amigos, cheguei ao término da jornada.

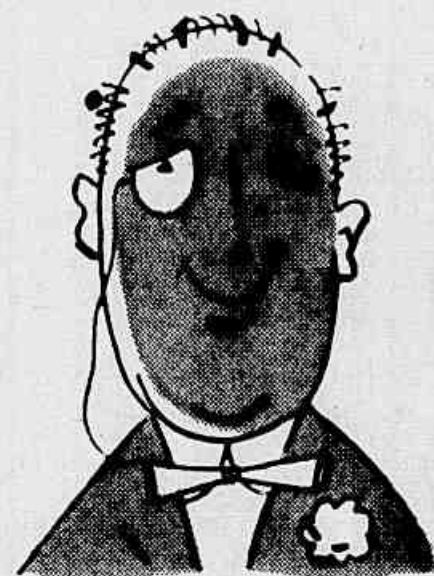
Enquanto atravessávamos as alamêdas do hospital, aquelas palavras iam ressoando em nós, pungentes. Reconfortava-nos saber que elas não eram mais que um verso.

— Gostaria agora de retomar as minhas Memórias

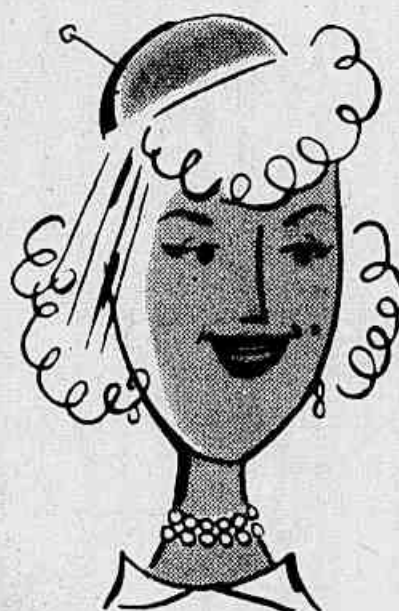
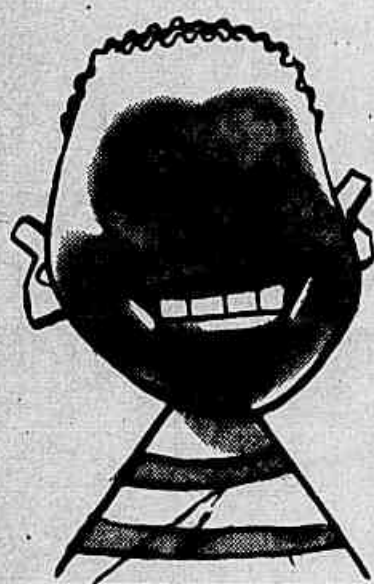




O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

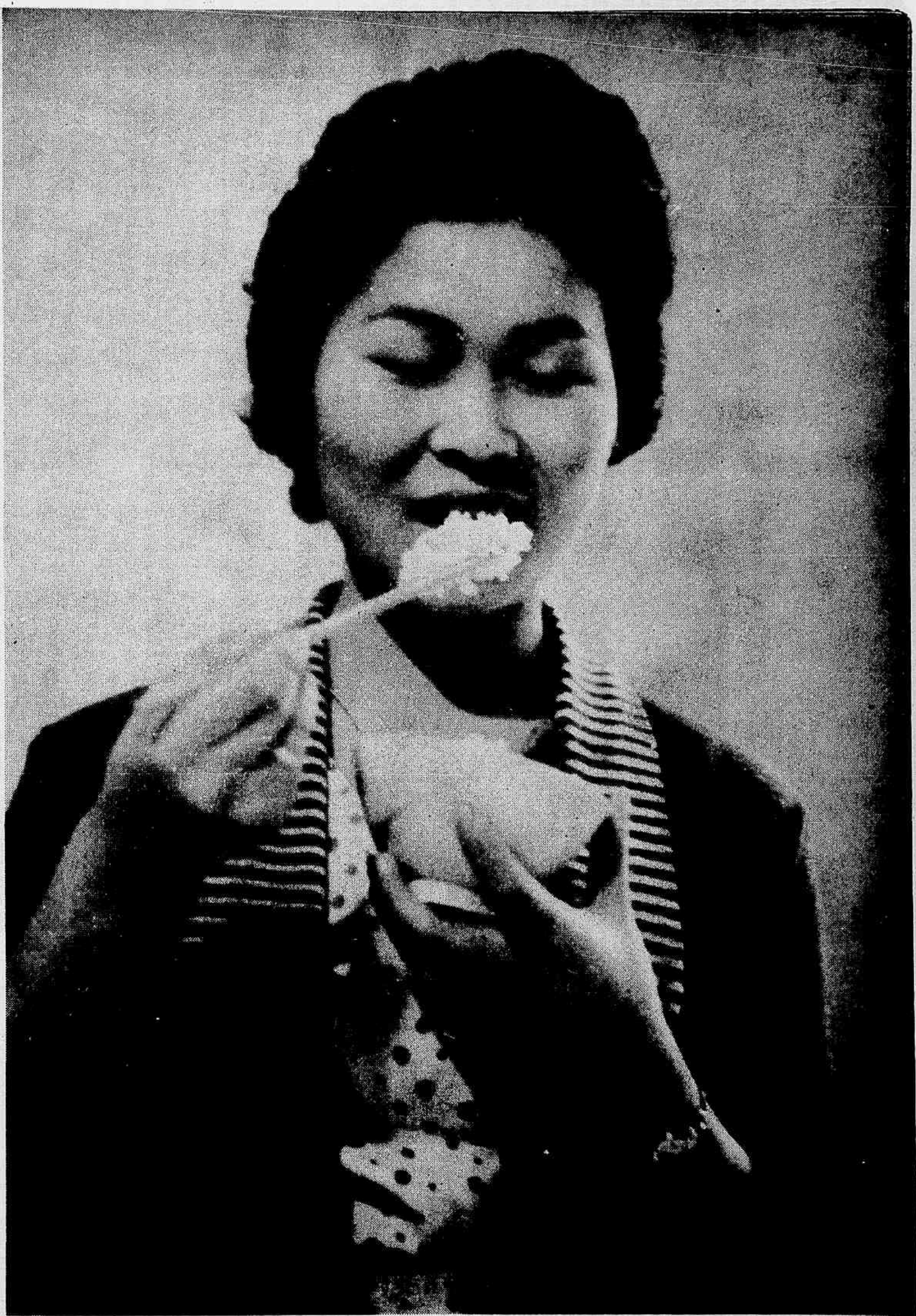
PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

YHOHAM COME-SE COM HASHI



QUINHENTAS TIGELINHAS DE "YHOHAM" (que em japonês quer dizer "geléia de feijão") foram comidos por igual número de convidados na recepção que a colônia japonesa do Rio ofereceu ao príncipe Mikasa, e sua esposa, na sede de sua embaixada, sábado passado. Pormenor curioso: o embaixador Yochiro Ando saudou os ilustres homenageados fazendo o seu discurso em meio à intensa chuva que caía. Só depois (e já bastante molhado) foi comer "okawa", isto é, arroz colorido, manejando, como os demais, os tradicionais pauzinhos.

O príncipe ficou encantado em saber que os pauzinhos (hashi) típicos já são fabricados no Brasil com tal minúcia que vêm embrulhados em guardanapos de papel (ocidentais) e atado dos indispensáveis palitos (portuguêses). E elogiou o paladar do "yhoham".

Frase de uma jovem "nisei" ao repórter: "Okawa tem gosto melhor depois de discurso na chuva..."

Mas okawa colorido
(para embaixador)
sabe melhor
depois da chuva



YUKIRO E TAKAITO — Casaca e Simpatia.

Os repórteres brasileiros, que foram apanhados de surpresa, passaram quase meia hora em busca de garfos para aderirem ao banquete. Finalmente, acharam alguns sem serventia, esquecidos sobre uma mesa. E só então puderam iniciar a refeição.

A recepção foi organizada pelo sr. Kanji Sitirato, comerciante instalado na praça do Rio.

O embaixador Yoschiro Ando saudou o príncipe em japonês (o discurso não foi traduzido) permanecendo durante todo o tempo de sua oração, de pé, na chuva, enquanto o príncipe, convenientemente abrigado, ficava nas escadarias.

EXPECTATIVA

Minutos antes da hora prevista para o príncipe e esposa chegarem à sede da Embaixada, grande era o número de populares que aglomeravam-se nas calçadas fronteiras da chancelaria. Duas alas enormes formaram-se ao longo do passeio público aguardando a chegada dos visitantes.

Na área interna (ao lado do prédio da Embaixada) mais de quinhentos japoneses (velhos, moços, homens, mulheres e crianças) tomavam posição na ansiedade de ver Mikasa e a princesa Yukiyo.

Um japonês falou pelo microfone a seus patrícios sobre o significado daquela homenagem. Um "batalhão" de fotógrafos, repórteres e cinegrafistas, aguardou próximo às escadarias a chegada. Entre os jornalistas haviam cinco militantes da imprensa japonesa, encarregados de fazer a cobertura da visita para diversos periódicos daquela nação.

DISCURSO NA CHUVA

Precedidos por batedores da Polícia Especial e sob intensos aplausos, os príncipes foram recebidos pelo embaixador Yoshiro Ando e esposa com o tradicional cumprimento (inclinação de corpo) e gritos de "banzai" (viva) emitidos pelo povo. Os visitantes ficaram nas escadarias do prédio, enquanto o embaixador Ando (em baixo) proferia a saudação. A chuva que já caía levemente, tornou-se mais forte, não impedindo entretanto, que o diplomata nipônico prosseguisse o discurso com toda a calma, embora estivesse à essa altura molhadíssimo.

A seguir, o príncipe Takahito Mikasa fez o agradecimento. Leu um discurso escrito em uma só folha de papel retangular, onde estavam desenhadas as complexas letras do alfabeto japonês. Não demorou cinco minutos na leitura. Ao final, o embaixador Ando e senhora levaram os visitantes reais para o interior da chancelaria onde seriam recepcionados.

Só a esta altura é que a multidão começou a se mover pois que, enquanto os príncipes permaneceram parados nas escadarias ninguém arredou o pé do lugar. Quando a chuva aumentou, quem tinha guarda-chuva abriu; porém a maioria agüentou o aguaceiro sem qualquer cobertura.

FLORES AGRADECEM LIÇÕES

Uma criança brasileira cortou a barreira humana que cercava os visitantes e com flores nos braços inclinou-se, pronunciou algumas palavras em japonês e entregou o buquê à princesa Yukiyo. Esta sorriu e juntamente com seu esposo inclinaram-se um pouco em sinal de agradecimento.

A menina chama-se Cláudia Fraenkel e sua amizade pelo povo japonês não se deve a nenhuma ligação de parentesco e sim porque mora perto da Embaixada e fez amizade com os moradores de lá. Nessas suas idas começou a querer aprender o idioma nipônico e então uma sobrinha do embaixador Ando prontificou-se a ensinar e o vem fazendo em aulas que dá a garôta. O ramo de flores, disseram-nos os pais, simbolizou o agradecimento deles e de Cláudia pelas atenções recebidas.

IMIGRANTES DE 1908

Como a visita dos príncipes japoneses foi programada para ilustrar as comemorações da passagem do cinquentenário da imigração nipônica para o Brasil, nessa recepção da colônia esteve presente um grupo de imigrantes que aqui chegaram em 1908.



DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Embaixador na chuva, príncipe nas escadas.



O PRÍNCIPE VEM AÍ!



SAUDAÇÃO DE IMIGRANTES

Cinquenta anos longe da Pátria.

Ostentavam todos, nas lapelas, um grande dístico com as cores nacionais do Japão e nos braços uma fita verde-amarela.

Eis cinco dos primeiros imigrantes chegados no Brasil e que atualmente moram no Rio: Knori Aruni (lavrador, 72 anos), Tamasa Aruni (espôsa de Knori, 67 anos), Takorei Horita (lavrador, 69 anos), Uichi Matsuda (químico aposentado da Light, 69 anos) e Utiana Kakith (industrial aposentado, 67 anos).

SERENIDADE ORIENTAL E "BANZAI"

Com um "banzai" coletivo e aplausos aos príncipes foi iniciado o banquete. Uma graciosa japonesa distribuiu aos presentes os tradicionais pauzinhos em vez de garfos. Ao centro estava um grande bôlo representando a bandeira do Sol Nascente e ao longo da mesa inúmeros pratos regionais do Japão. Terminado o almoço, o príncipe Mikasa e esposa passaram a percorrer as dependências da Embaixada.

Durante toda a visita o príncipe (sem sorrisos) manteve-se com uma serenidade oriental.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

O SR. DELANCY deu alguns passos indecisos em direção da janela, depois voltou-se para a mulher e disse a contragosto:

— Reconheço que o seu plano pode lograr êxito, mas quando conta você ter êsse encontro definitivo com Georges Meller? A chegada fortuita dêsse Beaumont parece-me bem estranha...

— Não se deve nunca deixar para o dia seguinte... — recitou Isabelle; e continuou: na verdade, o plano precisa ser realizado com urgência, e tenho a intenção de não me deitar antes de ter ido encontrar-me com meu caríssimo padraсто em seu retiro.

— Hoje mesmo, à noite? — adiantou Jacques, um tanto abalado.

— Sim. Ele declarou ter uma entrevista com sua musa. Esta, porém, nunca foi muito eloquente, tanto que não acredito que ela venha incomodar-nos.

Ouviu-se, perto, um estrondo de trovoada, e a jovem senhora não pôde guardar um sorriso, vendo o marido assustado:

— A tempestade tão aguardada! Tenho que me apressar.

Apanhando, de passagem, um chale que ela prendeu, em forma de turbante, em volta da cabeça, Isabelle Delancy saiu do aposento.

O PRIMEIRO estrondo da trovoada fez estremecer Nane na obscuridade do quarto.

Ela sempre tivera medo da tempestade. Quando menina, parecia-lhe que os relâmpagos fôsem chamas vomitadas por gigantesco dragão, e a trovoada — o ruído da sua corrida furiosa em volta da frágil casinha onde ela se diminuía, transida.

Nane abriu silenciosamente a porta e inspecionou o corredor em ambos os sentidos. Como não tivesse acendido a luz do quarto, os olhos se tinham habituado algum tanto à obscuridade e pôde convencer-se de que o corredor estava deserto. Entre um e outro trovão, nenhum ruído a atingia: todos deveriam estar dormindo ou pelo menos, recolhidos.

Nane saiu do aposento e tornou a fechar a porta com precauções infinitas. A trovoada fazia trégua, como se a tempestade ajuntasse as forças antes de lançá-las ao assalto da casa.

Segurando sua saia rodada para impedi-la de fazer ruído, a moça chegou, depressa, à escada. Debaixo da sola fina dos seus sapatos sem salto, ela sentia a delicada elasticidade do tapete de lã. A tempestade, de repente, tornou violenta e um estrépito ensurdecedor, que se prolongou um longo estrondo enquanto uma claridade lívida iluminava as portas-janelas do vestibulo, convenceu Nane, trêmula, de que o raio não teria caído longe.

O relâmpago tinha cegado a moça e, por contraste, as trevas, a seguir, lhe pareceram mais densas. E assim foi tropeçando até que, uma vez chegada ao primeiro degrau, voltou-se para o corredor que se achava à sua esquerda.

Nane sabia que Beaumont deveria deitar-se no quarto persa — o pequeno gabinete que abria para o terraço — uma vez que todos os outros do primeiro pavimento estavam ocupados. O divã espaçoso, onde até pouco tempo Estelle Vernon gostava de repousar depois do almoço, ali se encontrava, dando um aspecto de quarto ao exíguo cômodo.

RESUMO: Cai a noite no "Arayado", a bela propriedade que coube ao escritor Georges Meller, com o falecimento de sua mulher. Todos os seus ocupantes — Nick, Anne e Isabelle (casada com Jacques Delancy), enteados do escritor; Claire, sua sobrinha; Lydia Moreau, a governanta e pretendente à mão de Meller — bem como os seus dois novos hóspedes: Juliette Livel, atriz decadente, e Beaumont, produtor de cinema — todos êsses ocupantes do casarão se recolhem aos seus aposentos. Mas há algo no ar, uma atmosfera tensa entre essas personagens cujos ódios se entrelaçam, e que a tempestade que ameaça cair torna ainda mais inquietante.

M. B. ENDREBE



Quando Nane estendeu a mão para encontrar o tranquilizador contato

Felizmente para Nane Vernon, as empregadas tinham ido deitar-se e tudo, no andar térreo, parecia pacífico como no primeiro andar.

Nane não tinha necessidade de ver, para orientar-se, a porta desse cômodo onde fôra tão feliz ao fazer a sesta com sua mãe, durante os causticantes entardeceres do verão. Imobilizou-se em frente ao batente da porta, depois bateu nela de leve e esperou, com o coração a pulsar.

Nenhuma reação.

A moça bateu de novo, com mais força. Refletindo que a cabeça do divã estava perto da porta, dizia consigo mesmo que Beaumont não poderia deixar de ouvi-la. Todavia, a porta permaneceu fechada e nenhuma voz convidou-a a entrar.

Apesar disso, a moça ouviu um ruído de passos sobre o patamar da escada do primeiro andar. Alguém punha-se a descer as escadas, sem haver iluminado o vestibulo.

Perturbada por tal aproximação, Nane, com a inconsciente audácia da juventude, apertou o botão de porcelana e introduziu-se no interior do quarto persa.

GEORGES MELLER desviou-se da janela.

O parque, como um animal terrificado na expectativa de um castigo, condensava-se sob a ameaça iminente da tempestade, e não era um espetáculo particularmente reconfortante. Para escapar à sua incômoda visão, o escritor baixou as duplas cortinas de cretone, com ramagens. O cômodo tomou, instantaneamente, um aspecto de intimidade tranqüilizadora.

Como o fizera durante a tarde, tornou Meller a caminhar sobre o tapete que recobria o ladrilho vermelho. Nem uma vez só, tinha Georges lançado uma olhadela na direção do manuscrito que esperava sobre a mesa de trabalho. A página aberta sobre a capa trazia, ostensivamente, o título: **PÊSO MORTO, Ato III, em caracteres grossos e, um tanto mais em baixo, em letras miúdas, "Cena I".** Mas por baixo só havia grafite e sinais cabalísticos — frutos de uma pena desocupada ou que procurava, em vão, exprimir uma idéia na forma desejada.

Num dado momento, em sua marcha constante, o pé direito de Meller deu um encontrão na leve cesta de papéis, virando-a. Com gesto impaciente, o escritor recolocou-a de pé. Uma bola de papel permaneceu no tapete e Meller, irritado, mandou-a para debaixo das cortinas dobradas, com violento pontapé. Isso pareceu acalmar um pouco o seu mau humor e, depois de ter consultado o seu relógio-pulseira, dirigiu-se para um pequeno armário, encaixado entre prateleiras carregadas de livros, e que lhe fazia as vezes de bar. Apanhou uma garrafa de conhaque, que ajeitou em cima do ângulo da mesa de trabalho, com dois copos.

Enquanto fechava o armário, Meller ouviu o primeiro estrondo da trovada, precursora da tempestade.

O QUARTO ESTAVA mergulhado na escuridão e Nane, hesitante, recostou-se à porta que acabara de fechar. Apurou o ouvido, espreitando o barulho de uma outra respiração diferente da sua, mas o tumulto crescente da tempestade entrava pela porta-janela entreaberta e impedia-a de ouvir qualquer outra coisa.

Somente então a moça deu-se conta da delicada situação em que se tinha colocado: achava-se, em plena noite, no quarto de um desconhecido.

Isso fez-lhe o efeito de uma ducha gelada e, renunciando ao seu empreendimento, não pensou em mais nada a não ser fugir antes que o cineasta a descobrisse no quarto... Mas não era anormal que Beaumont tivesse deixado de despertar com as pancadas desferidas em sua porta... pela entrada de Nane?

Uma angústia repentina apertou o coração da jovem: talvez o cineasta tivesse despertado, sim, mas surpreendido por essa entrada furtiva, acreditasse ser o caso de um ladrão-arrombador ou

alguma coisa assim? Quem sabe se, não possuindo arma, esperasse a saída do intruso para pular da cama e dar alarma?

Nessa expectativa, Nane sentiu tornar-se escarlate. Era preciso, a qualquer preço, impedir tal coisa; pois, perante toda a parentada reunida, como poderia a moça justificar sua presença no quarto de Beaumont? Não poderia haver dúvida de que, se dissesse a verdade, todos creriam que...

— Meu senhor! — chamou ela, a voz trêmula. — Sou eu, Nane... Anne Vernon... Senhor Beaumont! Não ouse acender a luz... Oh! Responda-me, peço-lhe!

Como, quase chorando, Nane terminasse essa explicação pueril, a claridade de um relâmpago, insinuando-se entre as persianas meio-cerradas, iluminou o cômodo até nos seus menores recantos e avivou, num breve instante, os coloridos dos tapetes estofados que se estendiam pelas paredes.

Esses poucos segundos bastaram a Nane para se dar conta de que o leito estava desocupado. A colcha e o cobertor se conservavam dobrados no ângulo direito, como os deixara a empregada. Ninguém se tinha ainda deitado nessa cama, e Anne estava sozinha no cômodo que, agora, era preenchido pelo estrépito da trovada.

Nane Vernon supôs que o cineasta tivesse saído para o parque, a fim de fumar um último cigarro antes de se deitar. Mas a chuva tinha começado a cair com violência cada vez maior e ele, certamente, entraria de um segundo para outro. Fazendo girar vivamente, a maçaneta da porta por detrás das suas costas, a moça tornou a sair para o corredor.

Se os relâmpagos iluminavam o vestibulo quase sem cessar, a sua claridade morria no início do corredor, e apenas trevas espessas havia no local onde Anne se achava. Mas, fora do quarto de Beaumont, a situação era menos delicada, e a jovem imobilizou-se nessa obscuridade cúmplice, a fim de calcular o modo como devia tornar a alcançar o primeiro andar sem atrair a atenção. Ela não havia esquecido o ruído de passos, que a impelira a entrar no quarto de Beaumont.

Ao mesmo tempo, a moça achou-se, de súbito, presa de uma reação nervosa — sucedendo à tensão que a fazia agir desde que subira até seu quarto — e ela sentia que suas forças a abandonavam. O assoalho parecia-lhe vacilar debaixo dos pés e, instintivamente, Nane estendeu a mão para encontrar o tranquilizador contato da parede.

Foi, então, que seus dedos encontraram alguma coisa tépida no seio das trevas: uma outra mão...

O VENTO VOLTOU bruscamente e, atirando-se para dentro do quarto pela janela aberta, aí lançou uma lufada úmida, agitando, com fúria, as cortinas duplas que derrubaram uma cadeira velha.

Claire pousou, vivamente, os pés descalços em cima do tapete: era-lhe preciso fechar essa janela, se não quisesse correr o risco de ver o quarto inundado. Levantou a cadeira e conseguiu, afinal, empurrar as duas folhas da janela. Enquanto lutava assim contra a borrasca, Claire ouviu, no andar de baixo, a porta de entrada que se fechava.

Maquinalmente, a moça separou a cortina e olhou para fora. A luz de um relâmpago, teve a surpresa de ver uma silhueta estranha, revestida de comprida capa impermeável de couro e que parecia decapitada, arrojarse, correndo sob a chuva, e contornar com rapidez o jardim, antes de desaparecer sob a cobertura das árvores.

Claire se indagou quem poderia sair, em tal hora e debaixo dessa chuva torrencial... algum empregado, sem dúvida, tendo-se esquecido de fechar o portão gradeado do jardim. A jovem tornou a deitar-se, mas, depois de um momento, enquanto procurava reconciliar o sono, o vento ressurgiu novamente e pôs-se a agitar as folhas da janela, cujo fecho se afrouxara.

Sentindo que lhe seria impossível reconciliar o sono nessa umidade sufocante, Claire resignou-se a esperar o fim da tempestade.

to da parede, seus dedos descobriram alguma coisa tépida...

tade para tornar a abrir inteiramente a janela, e procurar, enfim, adormecer. Depois de tê-la fechado completamente, Claire apoiou o rosto contra a vidraça, sentindo-lhe o frescor. A tempestade agitava, com selvageria, o cimo das árvores, e transformava o parque num "décor" de pesadelo. De novo, enquanto um relâmpago dava ao enorme jardim o aspecto de um sítio infernal, Claire viu alguém voltando, a passo precipitado, para a casa...

E como dessa vez o rosto estivesse voltado para ela, a moça reconheceu André Beaumont — o "smoking" encharcado pela chuva.

APENAS A INSISTÊNCIA das pancadas desferidas em sua porta acabou por despertar Isabelle — pois ela as tinha, primeiramente, incorporado ao seu sonho, sem lhes dar conta.

A jovem senhora abriu, de repente, os olhos sobre a brancura confusa do teto, e levantou-se após uma olhadela maquinal ao relógio de cabeceira que marcava oito horas:

— Quem está aí? — perguntou, voltada para a porta.

— Eu, minha senhora... Bertrand. O mordomo.

— Que deseja, Bertrand? Indiquei o cardápio do almoço à cozinheira...

— Não se trata do almoço... Desculpe-me, madame, mas é preciso, absolutamente, que eu fale à senhora...

A ansiedade que transparecia na voz do empregado fez com que a sra. Delancy não hesitasse por mais tempo. Enfiou-se no quimono antes jogado a uma cadeira e foi abrir a porta.

Na penumbra do corredor, o rosto de Bertrand pareceu-lhe de uma palidez anormal e Isabelle recuou um passo, levando, num gesto instintivo, uma das mãos à garganta:

— Meu Deus, Bertrand, o que se está passando?

O empregado engoliu penosamente a saliva, depois de haver umedecido os lábios:

— Uma... uma grande desgraça, minha senhora — balbuciou.

— A senhorita Moreau está morta! — exclamou Isabelle.

Bertrand observou-a, sem procurar dissimular a sua surpresa e repetiu, como se não compreendesse:

— A senhorita Moreau, minha senhora...?

Com gesto enérgico, a sra. Delancy puxou o mordomo para o interior do quarto e fechou-o à chave atrás dele:

— Sente-se, ou o senhor irá desmaiar!

— Sim, senhora... Obrigado, minha senhora...

— Estou escutando-o, Bertrand.

— Sim, senhora. Eis então: hoje de manhã, às oito horas menos um quarto, fui, como de costume, bater à porta do senhor — senhor Meller, minha senhora — com o intuito de despertá-lo antes de lhe levarem seu café matinal. De ordinário, o senhor gritava para mim "Obrigado, Bertrand!" ou "Bom-dia, Bertrand!" Hoje, pela manhã, não obtive resposta alguma.

— Tendo insistido sem mais resultado — prosseguiu o mordomo — pensei que o senhor Meller tivesse, quem sabe, dormido mal por causa da tempestade, e se encontrasse já no banheiro, onde não me escutava. Entrei, por conseguinte, no quarto, e tive a surpresa de constatar que o leito não tinha sido desfeito, que o pijama dele tinha permanecido intacto nos braços da poltrona...

Bertrand parecia deleitar-se à enumeração desses detalhes domésticos, como se deles retirasse algum reconforto. A sua interlocutora, porém, não o deixou retardar-se por mais tempo:

— Eu lhe peço, Bertrand, vamos aos fatos!

— É para lhe dizer, minha senhora, que fiquei surpreendido. Lembrei-me da violência da tempestade e pensei que o senhor Meller tivesse sido capaz de encontrar-se bloqueado no pavilhão, onde tinha o sofá-cama que era constantemente armado. Mas, como pudesse necessitar dos meus serviços, dirigi-me às pressas, ao pavilhão. Aproximando-me, vi luz filtrar-se por entre as cortinas da biblioteca e isso me confirmou que o senhor Meller tinha dormido lá... Mas julgue a senhora a minha emoção quando,

desde a minha entrada no vestibulo, vi-o prostrado em sua mesa de trabalho...

— Ele não estava...? — exclamou Isabelle sem ousar terminar. O mordomo abanou a cabeça tristemente:

— Sim, minha senhora... O senhor Meller estava morto.

Agora que um outro havia pronunciado a terrível palavra, Isabelle pôde repeti-la. Mas havia, ainda, incredulidade na sua voz:

— Morto?!

— Oh, sim! Imediatamente eu me dei conta. Não havia mais nada que fazer: um buraco na frente e esses fermentos não perdoam... É aí que se visa quando não se quer falhar.

A sra. Delancy estava estupefata:

— Um buraco na... Então ele se suicidou? Mas é de estarrecer! Ele estava com tudo para ser feliz...

— Minha senhora... pode-se, por acaso, responder pela felicidade de nosso vizinho?

Isabelle não era mulher que se deixasse perturbar por muito tempo por um acontecimento imprevisto:

— Tem razão, Bertrand — disse ela — e o fim do senhor Meller é a prova disso. Ninguém, mais, está a par do fato?

— Não, minha senhora. Vim aqui diretamente. Achei preferível que a senhora se achasse em condições de tomar uma decisão antes que a coisa se propague... É um negócio bastante penoso, minha senhora!

— Você foi perfeito, Bertrand — aprovou Isabelle, tomando pé na situação. — A senhorita Anne vai estar em idade de pensar em casamento e um suicídio na família não é boa nota. Jamais me esquecerei do tato de que você acaba de dar prova.

O mordomo levantou-se:

— Sinto-me satisfeito de que minha senhora aprove o meu procedimento. Não precisa mais de mim, madame Delancy?

— Não, agradecida, Bertrand. Agora, peço-lhe que não fale a ninguém sobre esse drama, até que eu tenha combinado, com meu marido, o melhor meio de evitar o escândalo.

— A senhora pode contar com a minha discrição.

O mordomo remexeu no fundo do bolso da calça e estendeu uma chave a Isabelle:

— A chave da prisão, minha senhora. Pensei que seria mais prudente fechar a porta...

— Obrigado, Bertrand. Decididamente, o senhor pensa em tudo. Bertrand inclinou-se, levemente, e, girando sobre os calcanhares, deu uma volta à chave na fechadura. Depois, saiu do quarto, dignamente, com passo comedido. E a sra. Delancy permaneceu, por um momento, com o olhar fixo sobre a porta que acabava de fechar-se atrás dele.

O contato da chave na mão fechada fez lembrar a Isabelle tudo o que de urgência requeria a situação. Os demais hóspedes do Arayado não iam demorar-se a despertar e importava que ela, antes, tivesse adotado uma linha de conduta...

Todavia, a sra. Delancy julgou preferível ir, primeiro, fazer uma visita ao falecido Georges Meller, antes de informar o marido desse fim tão trágico quanto imprevisto.

ALGUNS INSTANTES MAIS tarde, tendo-se vestido rapidamente, Isabelle descia a escada. O vestibulo estava deserto naquela hora relativamente matinal, estando os criados ocupados no subsolo a preparar o café da manhã.

Para evitar ser vista pelos outros hóspedes, quando estivesse embaixo, no terraço, Isabelle seguiu a balaustrada de pedra e, assim dissimulada, chegou à vereda que contorna o parque.

O usurpador estava morto.

Apenas andando pela vereda ervosa, onde seus sapatos se cobriam de finas gotículas, a sra. Delancy tentou penetrar-se dessa realidade, sem conseguir experimentar a menor emoção. Pelo contrário, estava presa de uma exultação que lhe dava vontade de cantar.

(Continua na pág. 46)

PARA O FRIO CARIOCA...



◆ GIVENCHY

Pulôver de gola abotoada em tricô preto com mangas $\frac{3}{4}$. Bastante decotado, muito comprido, adelgaça o corpo. A gola de cetim é presa por um botão de cada lado.



◆ BALENCIAGA

Tailleur de lã cinza. Casaco comprido com 8 botões. Forma trapézio atenuada. Saia plissada com muita roda. Gola tailleur.

No grande concurso de elegância automobilística realizado em Enghien, duas estrelas da tela apresentaram novas criações da alta costura parisiense. À esquerda, Tilda Thamar exibiu um modelo de Balenciaga, "ultra-cacó" e Eva Linkova, um vestido "bulle", de Bernard Sagardey, em tule.



ASSIM TAMBÉM É DEMAIS...

SUGESTÕES PARA O QUARTO DE SUAS FILHINHAS

SE O QUARTO para suas filhinhas for
pequeno, a tarefa será fácil. Por exemplo,
se a filha tiver 5 anos, a mãe colocará as duas
cabeceiras de uma cama numa parede,
deixando a outra a receber o ar
fresco da janela de frente. Deixar o
camafeu de madeira leve para as crianças,
e talvez algumas que talvez guardem
alguns brinquedos de brincar à vontade.
Se a filha tiver uma menina e um
menino, a mãe poderá para os dois, mi-
nha cama de madeira, separada por
um pequeno espaço, e uma se-
parada para o menino. Sobre as paredes
deverão ser coladas algumas gravuras
de animais, e talvez uma gravura de um
cavalo, para a menina, durante o dia.

Se a filha tiver 10 anos, a mãe poderá
colocar a cama de madeira no quarto
de frente para a janela. Para
a menina, poderá colocar gravuras de
animais, e talvez uma gravura de um
cavalo, para a menina, durante o dia.
Se a filha tiver 15 anos, a mãe poderá
colocar a cama de madeira no quarto
de frente para a janela. Para
a menina, poderá colocar gravuras de
animais, e talvez uma gravura de um
cavalo, para a menina, durante o dia.

SE A FILHA tiver 15 anos, a mãe poderá
colocar a cama de madeira no quarto
de frente para a janela. Para
a menina, poderá colocar gravuras de
animais, e talvez uma gravura de um
cavalo, para a menina, durante o dia.
Se a filha tiver 20 anos, a mãe poderá
colocar a cama de madeira no quarto
de frente para a janela. Para
a menina, poderá colocar gravuras de
animais, e talvez uma gravura de um
cavalo, para a menina, durante o dia.



♦ JEAN PATOU

Para o inverno, tailleur-paletó em tweed
vermelho vivo. Casquinha com bolsos,
larga "martingale", saia "fourreau".

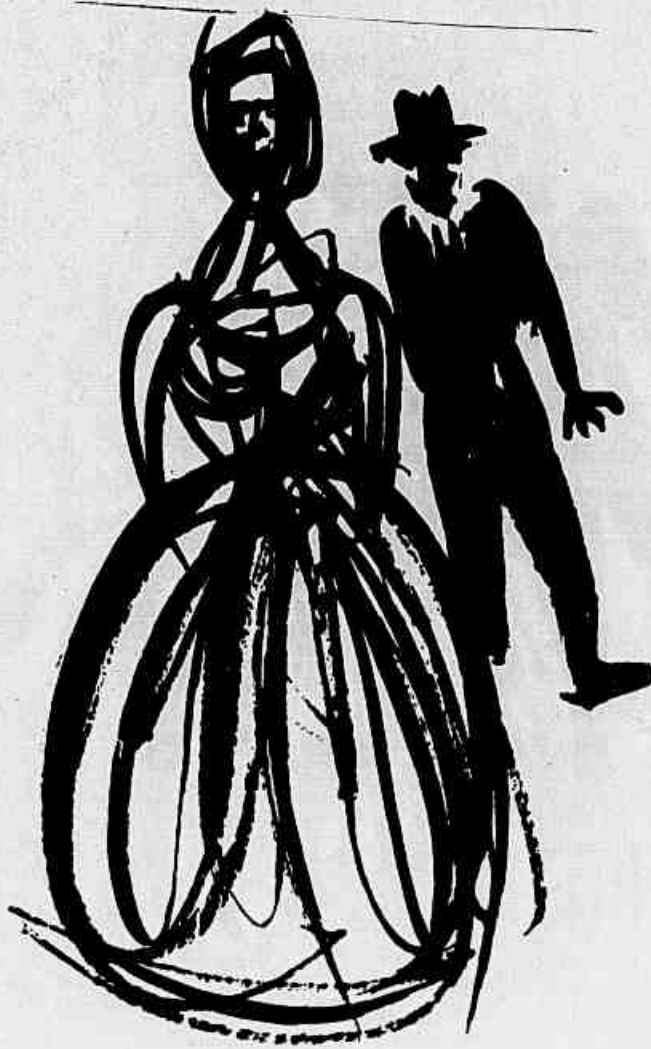
"O PROTOCOLO" E "PEGA FOGO"

DESPEDINDO-SE do público do Rio, o Teatro Cacilda Becker apresentou um espetáculo duplo, constando de "O Protocolo", de Machado de Assis, e "Pega Fogo" de Jules Renard.

O primeiro foi incluído no programa sob o patrocínio do Departamento de História e Divulgação da Prefeitura do Distrito Federal em homenagem ao emérito escritor, cujo cinquentenário da morte, ora se realiza. Entretanto, achamos infeliz a idéia de encenar essa peça, mesmo com o intuito de divulgação. Machado de Assis como teatrólogo sempre foi deficiente, distanciando-se muito do romancista valoroso que todos admiramos. Mostrar essa faceta bastante incolor de Machado de Assis não nos parece uma homenagem.

"O Protocolo" é um episódio insosso, evidenciando o rebuscado da época, numa história cacete e com pouco espírito. Por outro lado, a direção de Ziembinski não foi muito feliz, dando tratamentos diferentes aos personagens, quebrando alguns efeitos. Freddy Kleeman foi um "Venâncio Alves" muito caricato, contrastando com o "Pinheiro" de Walmor Chagas; Cleyde Yáconis foi "Elisa" de forma agradável, dentro das limitações do papel e Celme Silva satisfaz plenamente na "prima Lulu".

Embora bonitos os cenários e as vestimentas de Nilson Penna, temos a reparar a infidelidade com a época brasileira.



A parte brilhante do espetáculo, cabe, sem dúvida, à "Pega Fogo", antigo êxito artístico de Cacilda Becker, ainda no T.B.C.

A peça de Jules Renard narra a história de um menino apelidado de Pega Fogo pela cor avermelhada de seus cabelos. Detestado por sua mãe, é sobre ele que recaem todas as culpas, tornando sua vida bem amarga. Pega Fogo não se revolta, pois apesar da pouca idade, já é um filósofo e compreende que o mundo pertence aos maus. Seu pai, igualmente infeliz, fechado em si mesmo, passa os dias caçando e julga melhor ignorar a esposa rabugenta. Um dia, porém, conversa com seu filho e acaba por descobrir a triste condição do menino, que até então lhe era desconhecida; daí nasce uma palestra franca, onde o menino-mártir e o marido infeliz abrem seus corações e fazem um pacto de amizade.

O tema de "Pega Fogo" teve a habilíssima técnica de Jules Renard, compondo um ato inesquecível. É muito raro em teatro argumentos que necessitem crianças em papéis de realce, dadas às dificuldades de serem levados à cena; casos há, em verdade como o ex-menino Michel François, que induziu Henri-René Lenormand a transpor "Fils de Personne" ao teatro; são, porém, raríssimos e efêmeros êsses casos.

"Pega Fogo" tem a seu favor a ausência de exageros e pieguices, tão freqüentes em peças dessa natureza. É uma obra justa, onde nenhuma palavra é flácida e todos os diálogos seguros, formando cenas comovidas pela simplicidade e beleza.

Trabalham em "Pega Fogo" Cacilda Becker, Ziembinski, Cleyde Yáconis e Kleber Macedo. Cacilda vive o personagem-título de uma maneira soberba. Raramente vê-se em teatro uma personagem tão magnificamente interpretada. Os trejeitos, os saltinhos, as entonações, a reflexão, a maneira de encabular de um menino amadurecido pela crueza da vida, são dados pela grande atriz. Nesse papel ela superou as outras encarnações (que são muitas e esplêndidas) já realizadas. Duvidamos que o desempenho de Suzanne Després (artista muito elogiada, criadora de "Poil de Carotte" no Théâtre Antoine, de Paris, em 1900) tenha sido melhor que o de Cacilda. Ziembinski foi o pai Lépic, atuando igualmente de forma impecável. Cleyde foi "Anette", aproveitando o máximo do pequeno papel. Kleber Macedo, infelizmente, nos deu um desem-



penho bastante exagerado na "Sra. Lépic". Bons o cenário de Josef Guerreiro e a tradução de Gustavo Nonnemberg.

INTERNACIONAIS

"Lord Chamberlain", órgão da censura inglesa, proibiu a peça de Ronald Duncan, "The Catalyst", na primeira exibição. Nessa obra, o autor aborda um problema bastante delicado, ou seja, o do lesbianismo. Escândalo e polêmicas surgiram em torno do fato; o ator principal da peça, o americano Phil Brown, sugeriu então, que o autor firmasse um contrato com a "Cunard Line" para que "The Catalyst" fosse encenada nos transatlânticos "Queen Mary" e "Queen Elizabeth" durante as suas travessias marítimas. Com efeito, a interdição do "Lord Chamberlain" não abrange além das águas territoriais e assim a peça proibida será representada em "local inglês"...

ESTREOU no Théâtre des Mathurins, em Paris, "La Paix du Dimanche", do inglês John Osborne, em tradução de Constance Coline e "mise-en-scène" de Raymond Gêrome, com aplausos da crítica. O novo autor britânico vai, assim, conquistando os palcos do mundo. Provavelmente o Rio o conhecerá por intermédio do "Teatro de Hoje", a ser inaugurado, em julho, no Teatro do Leme.

J. FOMM



CONTO

OS MELHORES DIAS DE NOSSA VIDA

JOÃO LUIZ DE REIT

RES

DE REITAS

CHEGUEI CEDO ou a festa começa com atraso ?

Há uma hora entra gente e mais gente. Conheço tudo isso de cor, a "caipirada". Santo Antônio, São João. São Pedro. A quantas já vim?... Das lembranças de tantas fiz uma. São tôdas iguais.

É!... Dizem que o tempo envelhece. Não creio. Aqui, luzes — fogos — gente, à vontade, limpa de máscara — sempre se renovam.

Por que penso? — Por que lembrar? — Se aos meus olhos, novamente, tudo que vi promete repetir-se. É o princípio da repetição, que rege os fenômenos naturais noite-dia-noite. Cientificamente, falaram alto a respeito de Freud e muitos após ele. A tão maravilhosa quanto misteriosa natureza.



Se fecho os olhos, continuo absorvendo, inebriado, os quadros

Gosto dos festejos juninos. O sorriso do simples, do humilde, se une a outros. Festa mais para o espírito. Tradição. Engraçado! — Como o homem se apegue às tradições, escravizando-se eternamente!

Ora, a vida! O homem também gira em torno de si mesmo: do repouso ao repouso, através da inquietação.

Este ano é como os outros. Se fecho os olhos, continuo absorvendo, inebriado, os quadros de chita. Serão repetidos os mesmos pratos: O "casamento na roça", com aquele falatório todo; um padre, um juiz, a imposição do "delegado". Dança de quadrilha — o "marcante", sempre enérgico. Foguetes — balões — a canjicada, dirigida por d. Marieta. São espontâneos os trabalhos dos dirigentes, por mais estafantes que sejam, para conseguir brilhantismo à altura do acontecimento. E sempre o conseguem. Mas, o mês de junho finda-se, logo, deixando saudades, acordando os foliões de um sonho gostoso, simples, de beleza incomparável.

VASPERAS DE SÃO PEDRO... Oh! Minas Gerais!...

Cheguei cedo, mas a festa começa com atraso.

Nossa família — uma escadinha — e muitas, como se fossem uma só — enorme, tomam caminho da praça de esportes do clube do bairro. Falando, falando, no frio. A multidão encapotada, aos grupos, transpõe os largos portões do estádio. Esfregam-se as mãos, bebe-se o quentão — e nada de começar... Mas, começa.

Vinte horas. Inicialmente, aquele povo todo recebe a "côrte" capira, composta de elementos da quadrilha, que acompanham os noivos. Anáguas e botinas amarelas saltam das carroças, quebram discrições e se cercam de curiosidade. Aplausos calorosos. Velhos rejuvenescidos. A gurizada boquiaberta.

Entre tudo e todos, graciosa mocinha de vermelho.

No gramado de futebol, ainda as ovações. Os sinos dos coroinhas, o andar cândido do senhor vigário. Na pista improvisada para a dança da quadrilha entra o "delegado". Dá tiros para o ar, e a gurizada delira. O juiz — de casaca e cartola — respeitabilíssimo. Os noivos, engraçadíssimos. E todo o mundo no superlativo. Faz o frio tradicional.

Não é alta (a garôta — a de vermelho) — bem vejo. Dou-lhe um e sessenta, incluindo o salto do sapato. Morena, muito alegre e animada, assiste às evoluções do pagode e, às vezes, olha p'ra cá.

Grande movimento nos bares. A sede social, lá no alto, iluminada, repleta de gente que se entorna pelas varandas. Os diretores, trançando p'ra lá e p'ra cá, providenciam isto e aquilo. Aquêle trouxe binóculo! Boa lembrança.

Nas gerais, a falange mais numerosa. Muita ordem.

Ué! — Eu não havia reparado que ela estava acompanhada. Deve ser seu irmão: fica melhor assim...

As músicas popularíssimas, que nunca saem da moda, são cantadas nos alto-falantes: "Calcai balão, calcai balão...". Porém, fazem lugar aos anúncios para o início do espetáculo.

Abrem-se as solenidades do "casamento". "Seu" delegado é quem ordena. Parecem cônscios dos seus papéis os nubentes. Fazem-se engraçados. A linguagem dos compadres e comadres explora o ambiente.

Há, de modo especial, quem ri despreocupada e continuamente. Vou dividindo minha atenção entre ela e o resto. Ambos são a festa.

A lua mais branca, o céu mais azul, o quentão menos poderoso. Os ofícios religiosos, demorados, gritam no frio muitas "piadas".

Por cima do copo, durmo na mira da obra de arte que se esboça, adiante: claros cabelos castanhos e escuros olhos felizes, agitados, a alegria a corar-lhe a palidez do semblante. E a graça se com-

pleta com o sorriso que lhe brinca nos lábios, trazendo à face sua alma juvenil. Eis um capítulo da história junina. Espontaneamente, já sei, ela será o centro das recordações.

"Vamos fazer mais quentão, minha gente!" — ordena o mestre-cuca. A segunda panelada, como a primeira, tomou lugares nas gerais e se perdeu entre o povo.

Findo o casamento — é a noiva quem dá a festa.

Noiva desajeitada, já disse? Os panos caem-lhe pelo corpo gordo. Seu pai — mais sério, menos fogueteiro, e, sobretudo, simpático — o mestre da quadrilha, inicia o arrasta-pé:

"Em seus lugares!"

Barbado, triste, a um canto, o sanfoneiro tira do instrumento curtos e longos gemidos — sempre no compasso.

Balancé!... Tour!... En avant!... En arrière!... Changer!... "Tour" — com o par do "vis a vis"!... (pequenos desarranjos) Caminho da Roça!...

E o sanfoneiro dorme com a cabeça no fole. Mas o choro prolongado, quase irritante, continua alimentando a quadrilha.

Primeira parte. Passos obedecem à voz de mando.

Segunda parte. Voltas, viravoltas; saias e saias multicores cobrem o tapete verde.

Terceira parte. Espero que ela não se vá.

Quarta. Já cansados os participantes e nossa vista. Recorremos ao "quentão".

Quinta parte. E termina.

Bulício. A massa se desloca, deforma quadros antigos e entra na falação. Nas pontas dos pés, por cima do povo, uns procuram outros. E ela?... Ali.

Sobem bombas, pipoqueando o céu. Caem as lágrimas dos potes que se partem. As pintas de luz, chegando ao solo, revelam carapintadas. Quando cai também o pano para a gurizada, e para os vovós que bebem seus últimos quentões. Mãos dadas, crianças descem o morro, comentando aquela parte e aquela outra. Leves, tranqüilos, bem humorados, entregam-se aos tiranos monopolizadores do direito sobre o sono...

PARA OS "DONOS DOS SEUS NARIZES" a festa tem duas partes distintas. A primeira prepara os ânimos; a segunda os confunde. São dois tempos. O que participou do primeiro consulta o seu fôlego, e entra no segundo, ou não entra. É jogo de idade.

"Dois pratos de canjica" — pede o rapaz. Irmão, mesmo? — Invejo-lhe a sorte... Ou não há necessidade? — Nossos olhos se prendem freqüentemente em diálogos tão amistosos!

Seu vestido é percorrido nas extremidades por filêtes brancos. Tocam-lhe as faces e o colo três peças que balançam — e jogam faíscas ao meu devaneio. Vez por outra, os cabelos, no impulso do vento, percorrem-lhe a fronte. Eis a beleza ao tempo e aos olhos.

Sentindo-se vigiada, inquieta-se; e, com algum rubor, levanta do prato os olhos curiosos. Saio do insistente exame, cumprimento um que passa, subo as escadas.

Alguns papais também ficaram, para tomar conta das meninas. Aquêles que enxergam longe e, não raro, se deixam surpreender.

Senhorinhas, garôtas, garôtinhas — vestidos de chita. Marmanjos. Bebidas. Todo o mundo na sede.

Na mesa do canto a conversa não é tão íntima! E não há nos olhares escassos de um para outro a luminosidade que revela o interesse. Ao acaso, não se preocupando com a companhia, ambos tiram do ambiente única distração. Na varanda, entre o passado e o futuro, eu e a dúvida focalizamos o casal.

s de chita dos festejos juninos...

A pista da quadrilha, lá em baixo, é apenas luzes. O barulho subiu. Aqui, a cadência se impõe. Com os trajes à moda ficaram lembranças do ritmo antigo. O sanfoneiro já não toca, apenas dorme. Agora, o bolero e o fox.

— Esta mesa me convém! Está num ponto estratégico, bem vês — dirijo-me ao Flores, um amigo que acabava de chegar e de se inteirar do meu dilema.

— Chegaste tarde. As testemunhas da história que te conto já perdem vida. D. Marieta deixa a canjica e também tira sua "pestana". Da fogueira só restam brasas.

— Linda. Sim, Linda. E nós concordamos em outro ponto: são irmãos, primos ou não se gostam. Está certo, Flores, não me animas mais; já tenho bastante "quentão". Já vou...

"Com sua permissão" — peço ao cavalheiro.

"Senhorita!" — curvo-me ligeiramente.

Dançamos. Primeiros minutos, silenciosos. O experimento deixa longe o "castelo". Há mais frescura em suas faces; um perfume leve, confortável; todos os seus movimentos têm graça. É o conjunto harmonioso das fraquezas femininas. A mais encantadora criatura do meu mundo. "Serenata ao Luar": belo suspiro de vida — delicado, parecido com ela. Guardo com carinho, nos braços, a versão real de amável sonho. Deslocamos os pés em passos lentos. Jogamos um único corpo nas ondas do ritmo. É como se eu enlaçasse uma nuvem enorme de espumas cristalinas e a quisesse conservar incólume, por esquecidos tempos. Senti-mo-nos melodiosa e românticamente algemados um ao outro.

Seria ridícula e mesmo discordante com a ocasião qualquer das apresentações de estilo.

— É pena, senhorita — para mim — que tudo se acabe em breve. Sempre gostei destas festas. Guardarei maior saudade entretanto, destes minutos. — Foi um sussurro pausado, que não obrigava resposta; para depois indagar:

— Seu irmão? — reforçando a voz.

— Não, primo. Lá em casa é muito difícil p'ra gente sair. Com ele meu tio não importa. Como seria bom se eu pudesse sair. Eu estou me divertindo tanto!

— E o seu nome?

— Musa.

(O perfume e a flor: Quem duvidaria?...).

O nome da inspiração, na voz divinamente rouca e doce, acompanhava uma timidez pouco perceptível. Os minutos correm...

— Sinto muito... Creio que não será possível um novo encontro, salvo por coincidência. Tive muito prazer em conhecê-lo, mas meu tio...

— Sim, eu compreendo: seu tio... — Há um tio e um primo, pensei.

(A consciência castiga a imaginação).

Caio do pedestal. Parecia que a história vinha se compondo e se revestindo, ao mesmo tempo, de qualidades próprias às recordações. Sim, uma história inventada, produto de um sonho! Conto poético, talvez.

Criancinha tôla. Não mais falamos da festa, nem de nós. Falamos a êsmo.

Um frio apêrto de mão foi a nossa despedida. Mas aquela cabe-cinha se voltava, de descida em descida, à proporção que seus olhos se perdiam no longe que nos ia separando...

Ó tempo que desprende as massas e desune os homens! Ó costumes! Ó mentalidades: o amor é um só.

Iniciava-se o império da recordação.

Nunca mais a vi.

Conheço vinte e tantos anos de minha vida. Quando criança, gostei de alguns. De lá pra cá, tantos foram os dias ingratos e tão poucos os felizes! Gosto das festas juninas. Há quantas já vim?... Das lembranças de tantas fiz uma...

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dar qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES
Cr\$ 15,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

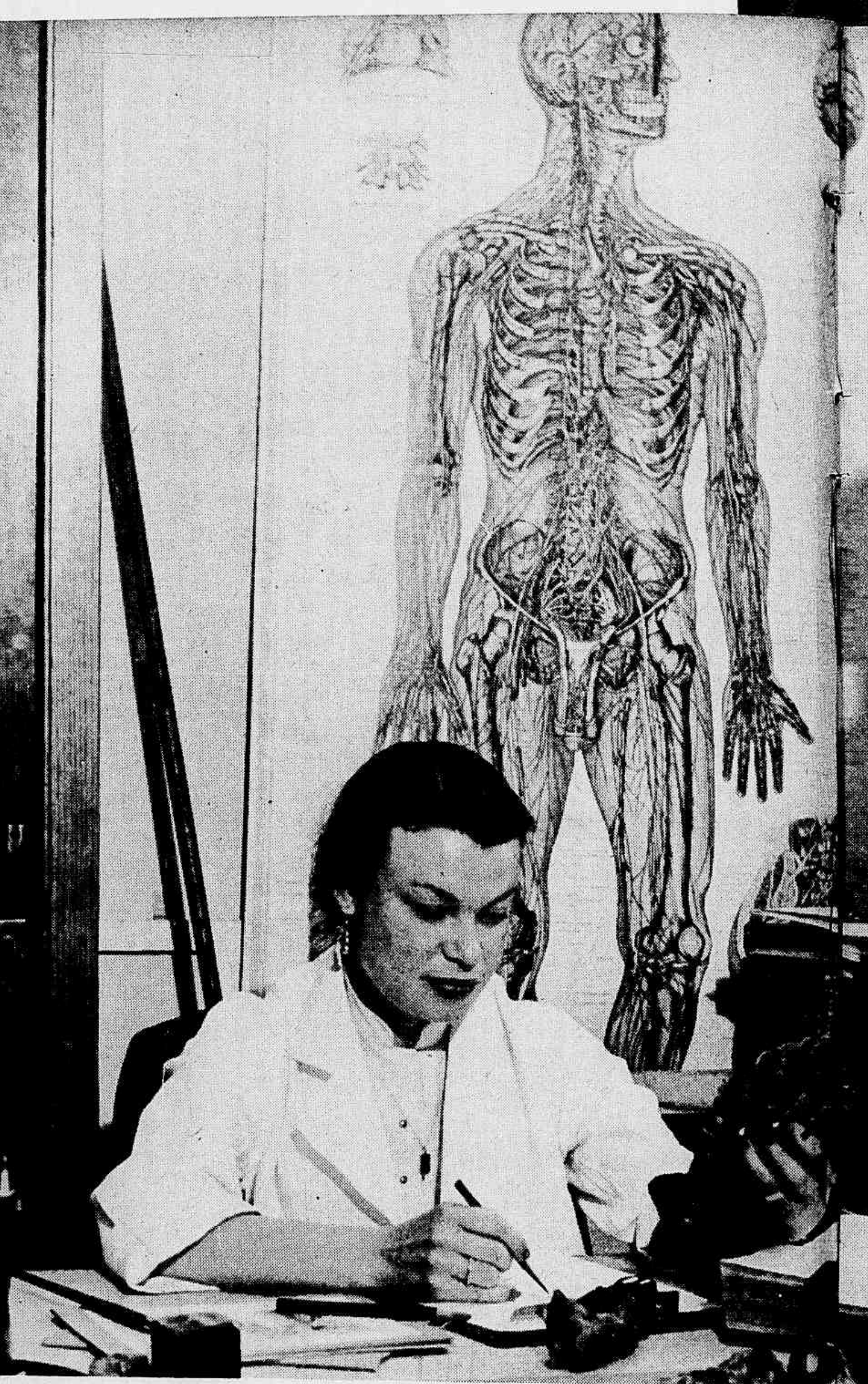
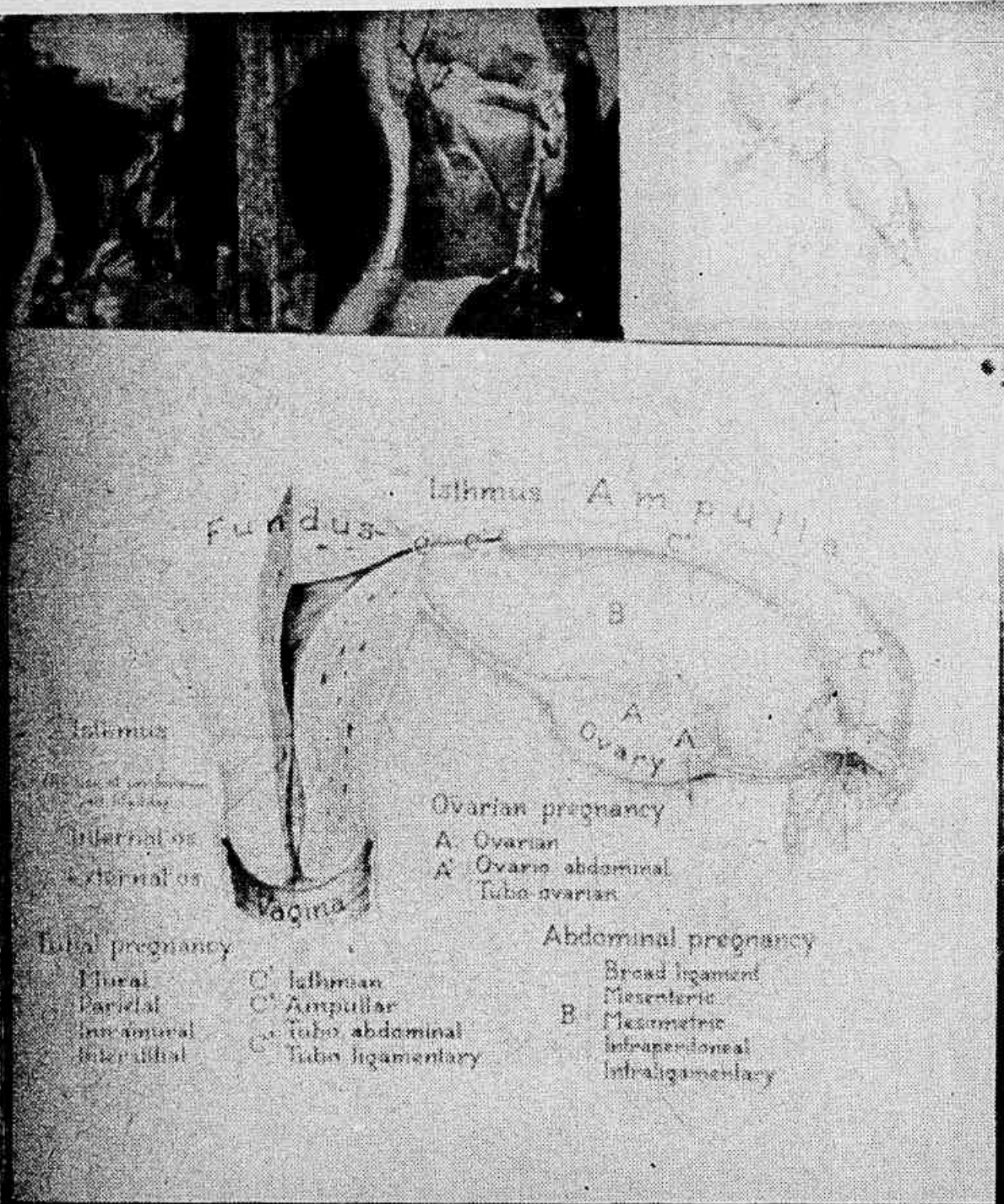
Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0101 (Rêde Interna)

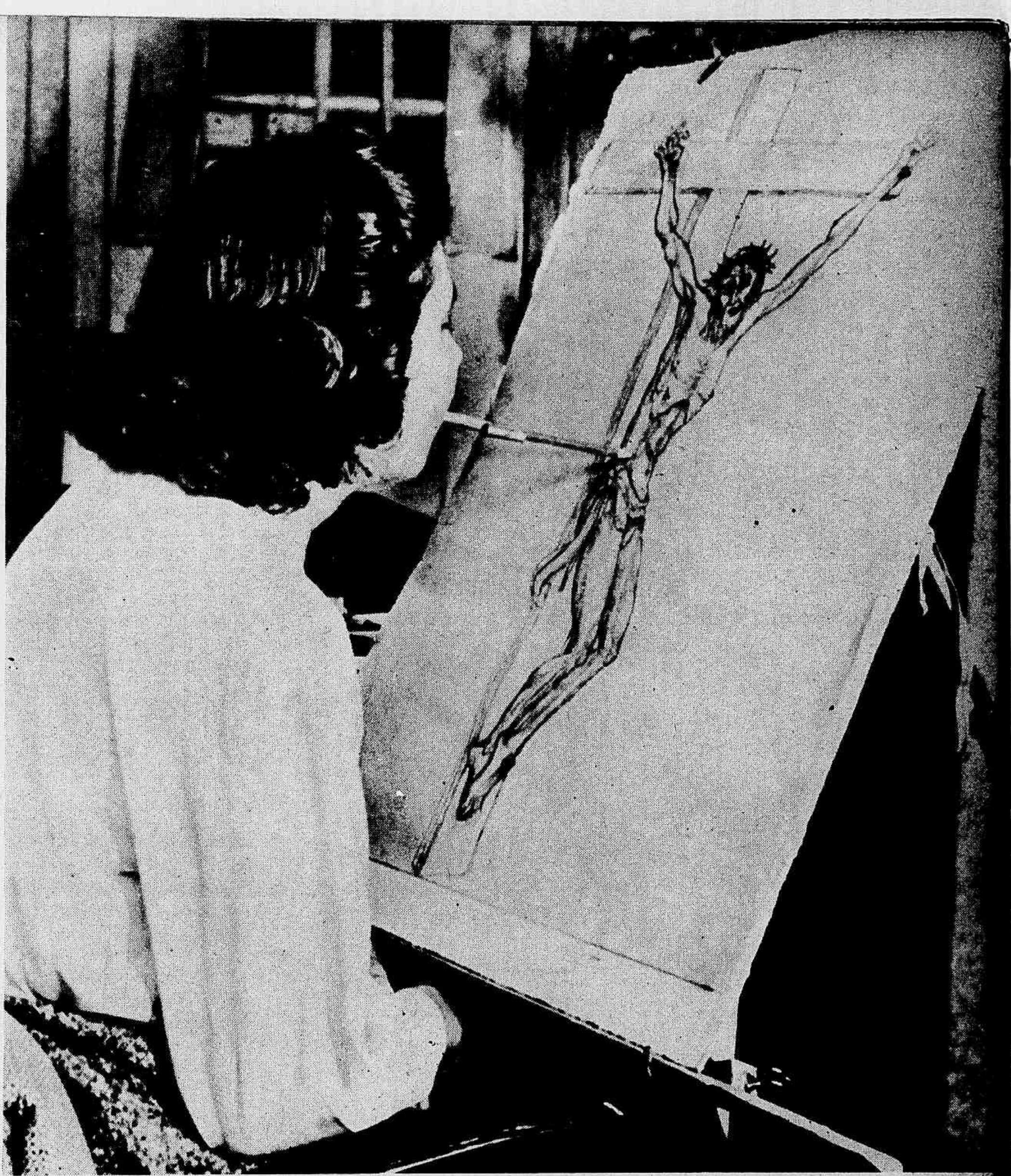
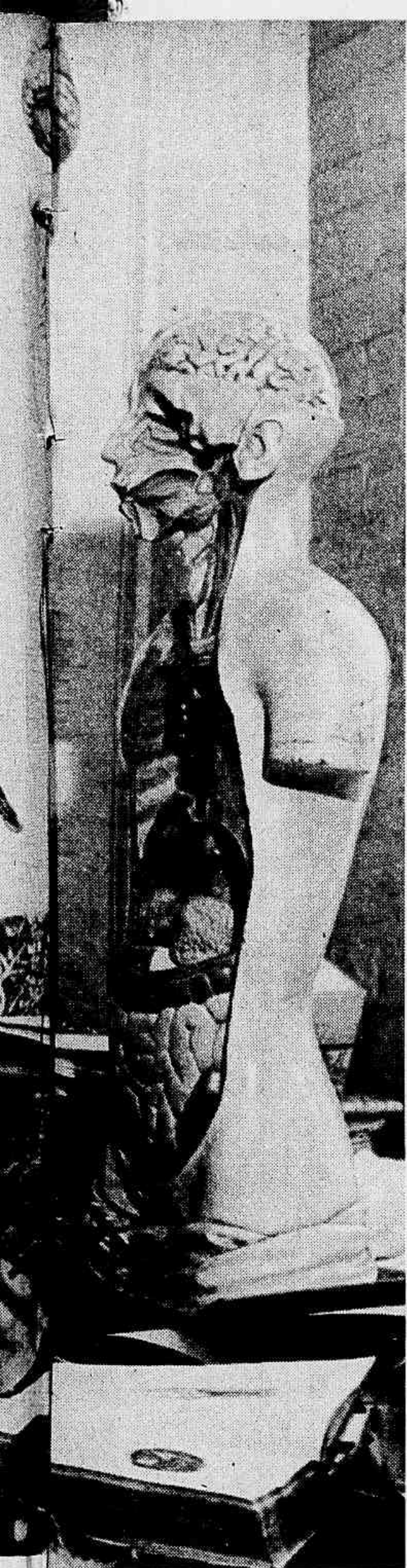
São Paulo — End. Telegr. -PRINCIPEHOTEL-



Hilda Rinaldi, uma artista brasileira que se dedicou à arte aplicada à medicina, desenha uma vértebra quando fazia estágio na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos.

PROPOSITO DE BELAS ARTES
POR EXEMPLO...

CARLOS A. NASCIMENTO

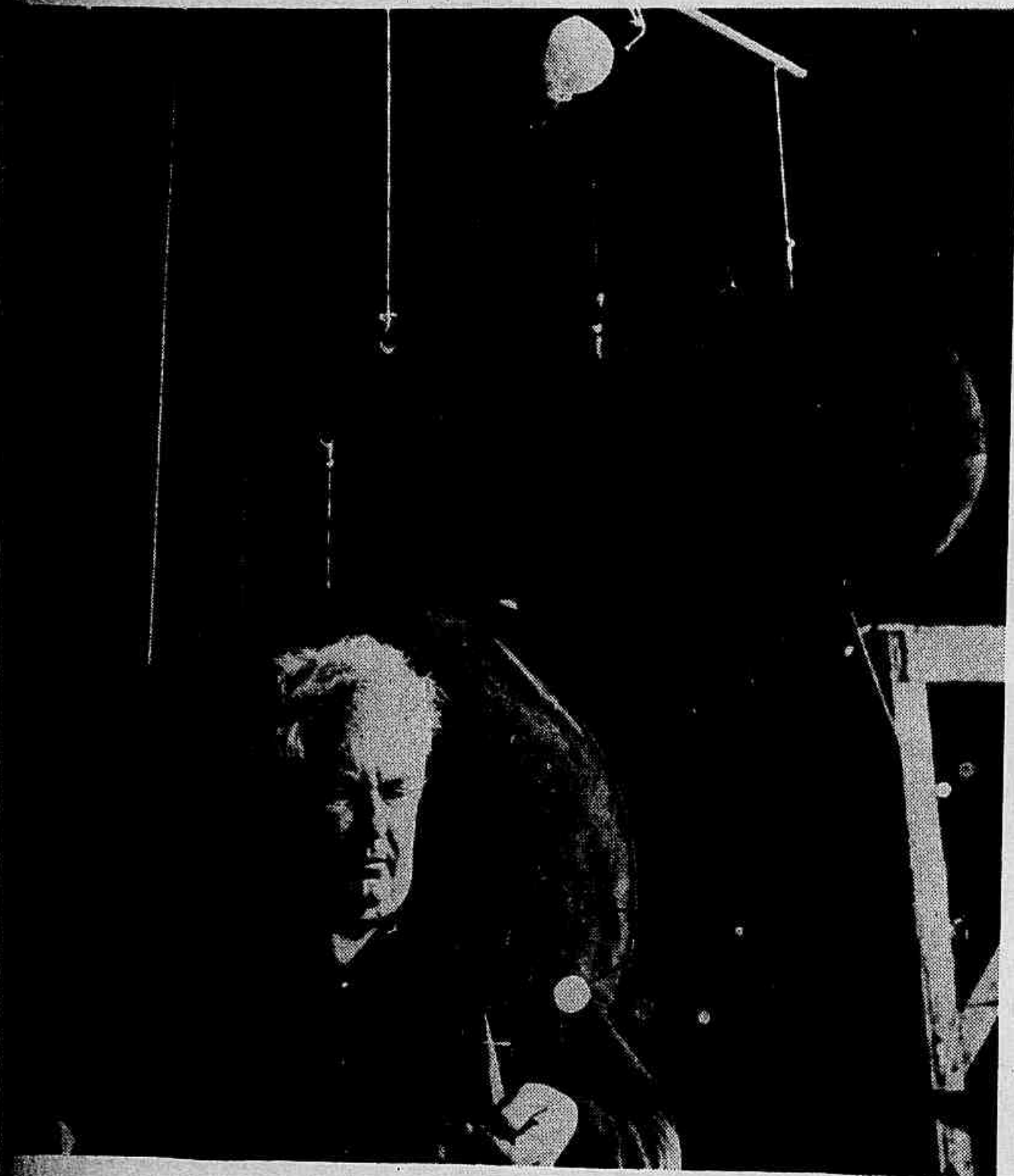


Essa moça inglesa executa verdadeiros prodígios desenhando com o lápis entre os dentes. A extraordinária artista sofre de paralisia dos membros superiores, em consequência de poliomielite.

REVISOR DE CASA PARA O PAÍS NIGÉRIANO — Um jovem de 25 anos, chamado Felix (autor), nasceu em 1915, em uma pequena vila, no norte da Inglaterra. Desde a infância, ele sofreu de paralisia dos membros superiores, em consequência de poliomielite. Apesar disso, ele se tornou um excelente desenhador, utilizando o lápis entre os dentes. Felix é conhecido por seus desenhos de figuras humanas e animais, que são muito bem feitos e expressivos. Ele também é um escritor, tendo publicado alguns livros e artigos. Felix é considerado um dos maiores talentos da Inglaterra, apesar de sua deficiência física.

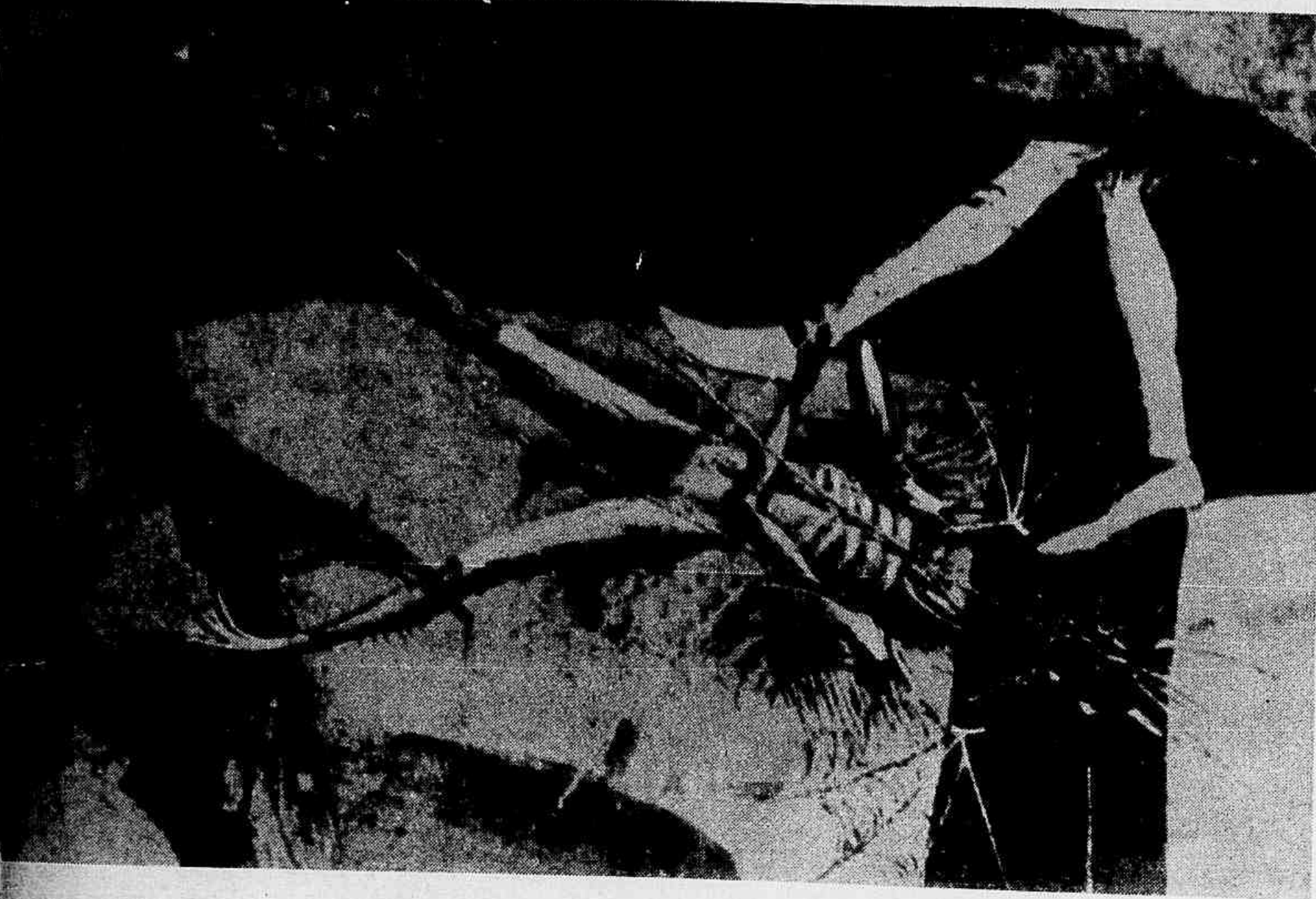
UMA NOVA MANEIRA DE DESENHAR — A maneira de desenhar de Felix é muito peculiar. Ele utiliza o lápis entre os dentes, o que lhe permite controlar a pressão e a direção da linha com muita precisão. Seus desenhos são feitos em uma única peça, sem a necessidade de usar a mão ou os braços. Isso lhe dá uma liberdade de expressão que muitos outros artistas não possuem. Felix também utiliza o lápis para fazer esboços e estudos de composição, o que lhe ajuda a desenvolver suas ideias e a criar obras de arte únicas.

Curiosa bruxa de 'pano da Rainha Vitória, uma das raridades



❶ escultor norte-americano Alexander Calder exibiu uma de suas famosas criações, a que ele intitula "mobiles".

❷ clichê representa a última criação de um artista que vive internado num hospital de alienados na França.



QUEM MAIS GOSTOU FOI O GATO

Aliás, essas pilhérias contra os modernistas são muito comuns. Conta-se que certa vez um influente cidadão francês dirigiu-se para a cozinha (e não para o "atelier") a fim de criar uma "obra". Pôs uma frigideira no fogo, estrelou dois ovos, juntou dois tomates e, com aquela "tinta" realizou uma verdadeira "obra-prima". O povo morreu de rir quando o fato foi noticiado pela imprensa, mas quem mais gostou foi o gato do vizinho que comeu o quadro.

NEM SÓ DE CINEMA VIVE O HOMEM... DE PINTURA TAMBÉM

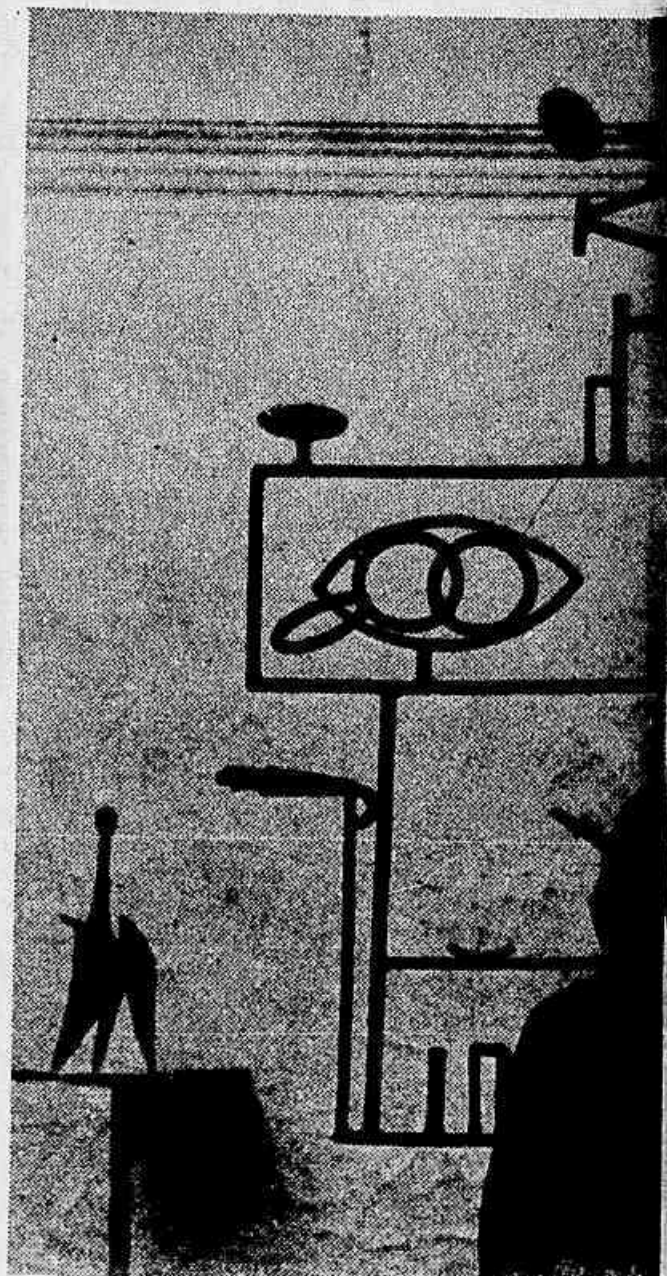
O diretor cinematográfico John Paddy Carstairs tinha o cinema como seu "ganha-pão" mas, nas horas vagas, pintava por dilettantismo. Certa vez, o estômago começou a reclamar a falta de seu elemento principal. Carstairs pôs suas telas debaixo do braço e dirigiu-se para a Galeria Leger, de Londres. No dia seguinte, tôdas as suas telas estavam vendidas. Hoje em dia, Carstairs é mais conhecido como pintor do que como cineasta que, diga-se de passagem, nunca conseguiu atravessar a fronteira da mediocridade na sétima arte.

DA TELA DE CINEMA PARA A TELA A ÓLEO

E, por falar em cineastas, não há muito se realizou uma exposição de pintura no Kensington Odeon, de Londres, a qual tinha como artistas expositores o ator-diretor Sir Laurence Olivier, sua esposa Vivien Leigh, Noel Coward e Ann Todd. A montra constava de óleos, aquarelas e desenhos.

TROCOU O "RING" DE "BOX" PELO "ATELIER" DE PINTURA

O aposentado pugilista pêso-médio Ed May, natural dos EE.UU., expôs recentemente suas telas no "hall" do grande Hotel Waldorf-Astoria, de Nova Iorque, o que constitui uma honraria excepcional, visto haverem pintores que se dedicaram a vida inteira à arte e nunca conseguiram expor em tão importante galeria. A



s de "House of Ewlay"

história do excêntrico pintor começou nos "rings", tendo se tornado campeão profissional de sua categoria lá pelo ano de 1908. Cansado de dar murros no rosto alheio, o nosso herói aparecia dez anos mais tarde nas telas dos cinemas dos EE.UU., no tempo que os filmes ainda não falavam. Não satisfeito com as "câmeras", Ed foi para o teatro; interpretou sucessos na Broadway e atuou ao lado de grandes nomes da época. Mas, como a arte de esmurrar os outros, o artificialismo de Hollywood e os cansativos espetáculos teatrais já lhe eram monótonos, o versátil artista encerrou-se num "atelier" e também teve êxito. Fala-se agora que Ed está aprendendo violino, para qualquer emergência.

O RÁDIO NÃO FOI FEITO SÓ PARA SE OUVIR FUTEBOL

Os principais museus e galerias de Moscou não têm mais guias e nem mesmo inscrições sob as obras expostas! Qualquer pessoa que queira saber detalhes de uma determinada peça exposta, basta puxar um microfone, citar o número da peça e aguardar pelos fones, a descrição detalhada da mesma. Pessoas de qualquer nacionalidade, quer sejam franceses, holandeses ou até brasileiros, poderão formular perguntas no seu idioma pátrio que terão a resposta imediata narrada por um crítico, historiador ou técnico que responde diretamente dos estúdios do museu.

AVIÕES NAZISTAS EM LONDRES

O Museu Imperial da Guerra, em Londres, exhibe em suas galerias 3 milhões de fotografias sobre os dois últimos conflitos mundiais, 8 mil telas e esculturas, 70 mil livros e documentos tendo a guerra como tema. Dentre suas mais importantes peças destacam-se um micro submarino alemão, para um só tripulante, foguetes V2, um torpedo humano italiano e o famoso "spitfire" que abateu 5 aviões nazistas durante a Batalha da Grã-Bretanha.

VENDE-SE UMA TELA DE VAN GOGH PINTADA NO ANO PASSADO

Existe uma organização em Londres que se especializa em imitar obras dos grandes mestres da pintura. As cópias são de tal



Eis aqui outra obra de um curioso artista norte-americano — David Smith: intitula-se "Metais unidos em formas abstratas".



maneira perfeitas que constantemente causam embaraços na alfândega de Londres pois, segundo uma velha lei inglesa, a exportação de obras de arte (autênticas) é proibida. A organização que se chama Fiehl's, possui quase meia centena de técnicos especialmente contratados para o trabalho de copiagem. Assim, famosas telas de Van Gogh, Utrillo, Picasso, Botticelli, Rubens e Monet são reproduzidas em larga escala. As tintas e as telas são envelhecidas quimicamente; os detalhes das obras originais são fotografados e ampliados para que o artista que as vai copiar reproduza exatamente o original. Ainda que a organização Fiehl's seja bastante honesta, declarando que suas obras são cópias, há atualmente verdadeiro pânico entre os colecionadores de quadros que temem serem vítimas de algum espertalhão que lhes vendam "gato por lebre".

Noel Noel, o veterano ator do cinema francês, também é dado às artes plásticas. Na foto, uma de suas mais expressivas criações.

PROBLEMA N.º 40 — PARA VETERANOS

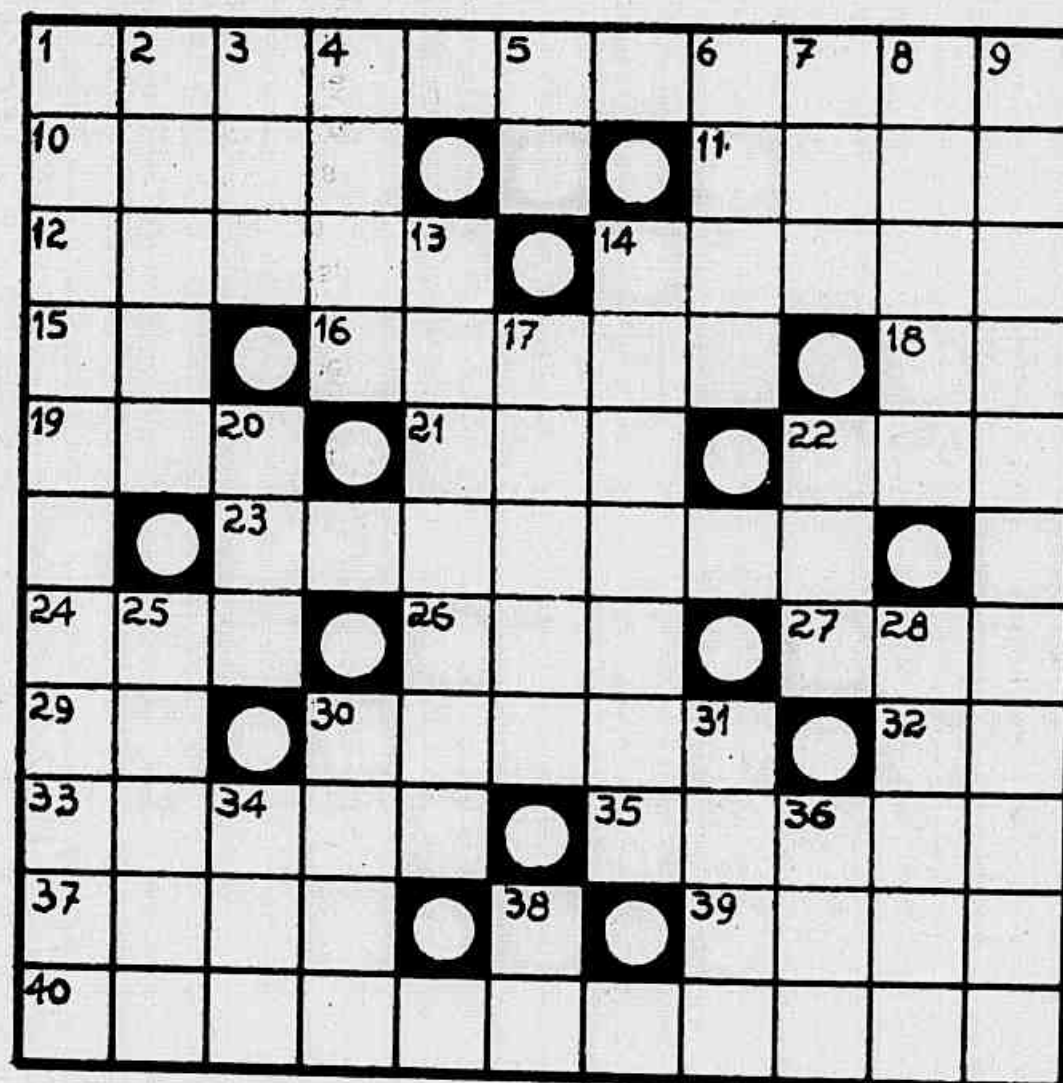
HORIZONTAIS: 1. Arte de tourear — 10. Matraca — 11. Escolhem, separando com cuidado o que é bom do que é mau — 12. Árvore frutífera da Amazônia — 14. Soltara gritos de dor — 15. Metrópole — 16. Quadra da proa — 18. Um dos quatro elementos dos antigos — 19. Espécie de chá, natural de certa região da China — 21. Cartel — 22. Nave — 23. Segreda — 24. Embocadura de rio — 26. Sirga — 27. Ilha do oceano Índico — 29. Misericórdia — 30. Natureza — 32. Interjeição de espanto — 33. Caudilho — 35. Costumada — 37. Mulher formosa — 39. Vociferar — 40. Requentaria (estilo, fala)

VERTICAIS: 1. Manifestaram impetuosamente — 2. Óco — 3. Muita pressa — 4. Asneira — 5. Nota musical — 6. Espécie de inambu — 7. Joeira — 8. Pessoa que chora facilmente (pl.) — 9. Mostrara fraqueza extrema — 13. Que nunca esquecerá — 14. Símbio do Amazonas — 17. Olmeiros — 20. Sôzinha — 22. O cubo na matemática antiga — 25. Um dos sucedâneos do iodóformio — 28. Girai — 30. Têm suspeitas — 31. Cruz de Santo André — 34. Ala — 36. Palavra hebraica que significa fogo — 38. Relação entre a circunferência e o diâmetro.

PROBLEMA N.º 40 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Causa amargor — 8. Seguiriam — 9. Prefixo que denota posição em derredor — 11. Elevada — 12. Estudava — 14. Flexão do verbo "haver" — 15. Detestar, ter ódio — 16. Indivíduo da tribo dos Oitis — 17. Escarnecer — 19. Dão miados — 21. Símbolo químico do ouro — 22. Quebradiços — 24. Destruidor, que rói (pl.).

VERTICAIS: 2. Terceira nota musical — 3. Pedra do altar — 4. Ranger (os dentes) — 5. Grande quantidade de gatos — 6. Queres bem — 7. Condimento, cloreto de sódio — 10. Relativo a miose — 13. Transferira para outro dia — 16. Nome de homem — 18. Via pública — 20. Freguesia de Portugal, no concelho de Bragança — 23. Igreja episcopal.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 39

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: moafa — bio — lua — Au — Zor — es — ir — sarué — pa — palpitantes — Su — anina — cá — nó — ovo — ut — aro — Dro — massa.

VERTICAIS: mó — abortivos — Al — baraúna — iu — ué — aspecto — zaino — ruano — ips — Spa — ena — asa — or — ur — om — dá.

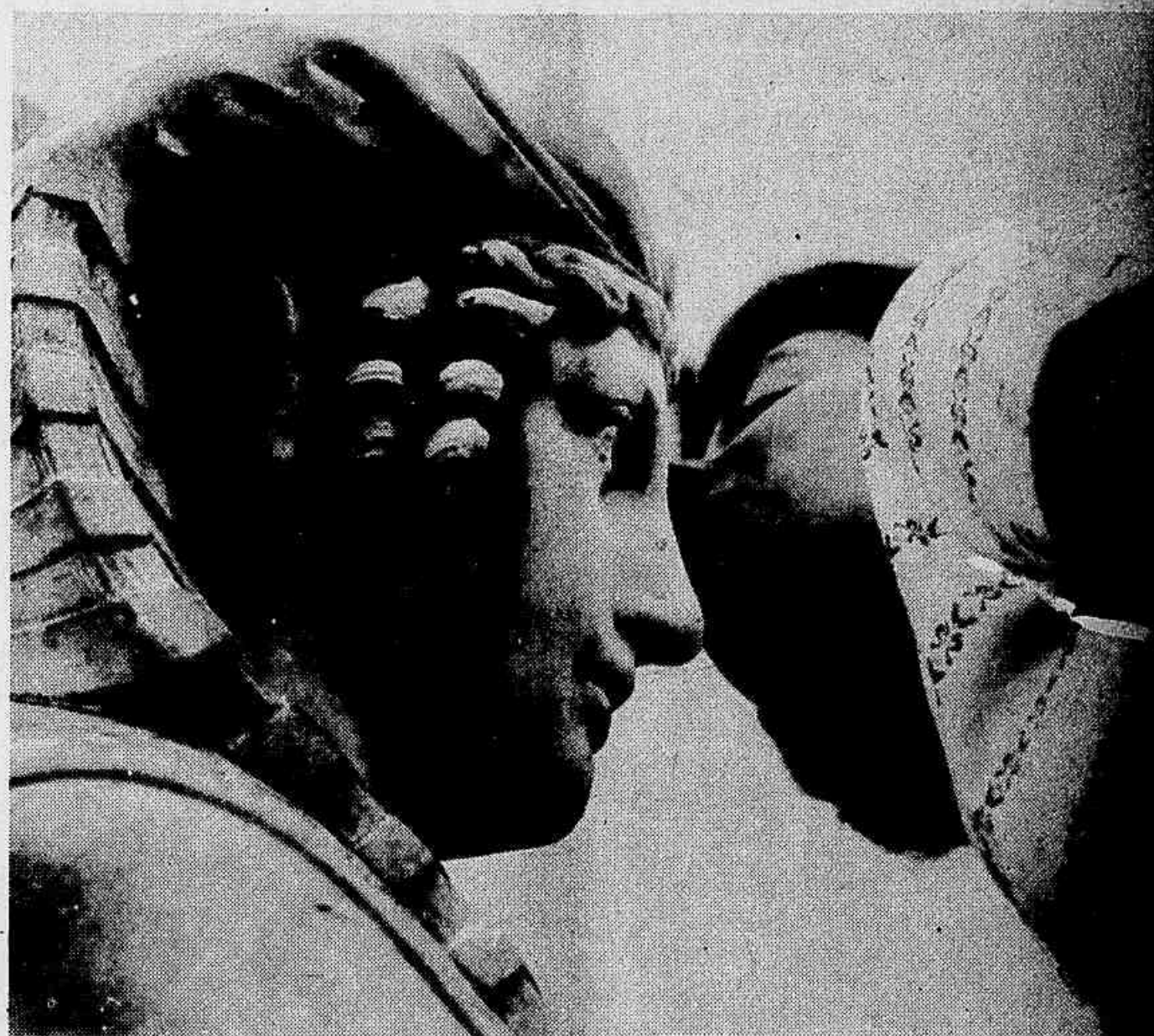
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Ada — mil — mártire — ara — Ra — és — batem — aa — ar — mas — amarela — lar — mal.

VERTICAIS: amar — dá — ara — mia — ir — leis — tratar — aba — ema — aral — real — mar — sem — má — lá.



Maria Helena descobriu a Europa



FOI MESMO no Distrito Federal que nasceu Maria Helena de Campos Barros, em 23 de outubro, há dezoito anos passados. Aqui também, fez o seu curso de ginásio, mas logo depois foi para a Europa, onde ficou quase três anos, descobrindo os segredos da Inglaterra, Itália, França e Suíça, além de estudar francês e inglês, pois o italiano já sabia. De tudo o que mais gostou foi da "velha Albion", porque "o povo é cordial e educado" e a vida não é tão monótona como na Suíça. Mas para falar, prefere o francês, e se não fôsse brasileira somente gostaria de ser italiana, pois "as latinas são muito mais femininas".

Em matéria de leitura, Maria Helena gosta quase de tudo. "Contanto que seja bom" — completa ela. Se entre os estrangeiros acha o Tolstoi o "maioral", já da "prata da casa", mais aprecia o Érico Veríssimo. "Também Graciliano Ramos é um dos meus preferidos" — gosta de acentuar.

Maria Helena, que tem 1.59 de altura, e 51 quilos de peso, não gosta muito de cuidar de casa, apesar de ser a única mulher, no meio de quatro irmãos. São todos muito unidos, não tem preferência por nenhum, mas se tivesse que decidir mesmo, a preferência seria dos gêmeos, não somente por serem os caçulas, mas porque são também, "umas verdadeiras gracinhas".

EDUARDO PORTELLA EM TRÊS DIMENSÕES

"É a atividade crítica uma atividade tridimensional", diz o crítico Eduardo Portella à página 43 de seu livro há pouco aparecido, "Dimensões I", (1), que traz abaixo do título o rótulo corajoso e elucidativo de **crítica literária** (2). Tal tridimensionalidade da crítica — é ainda Portella quem não-lo afirma — repousa sobre três elementos que são: a intuição, o conhecimento do mecanismo poético e a profundidade. O que equivale a dizer: em três momentos se divide a crítica literária, o primeiro sendo a **impressão**, o segundo a **exegese** e o terceiro o **juízo**.

Em sua grande maioria, nossos críticos (e não somente os de literatura) utilizam somente o primeiro de tais elementos, a intuição ou impressão, já que desprezam (porque as ignoram) aquelas bases estruturais sobre que repousa a obra de literatura, bases que são o arcabouço, importantíssimo, dessa mesma obra. Nêles, o juízo depende exclusivamente quase da intuição, da impressão. Motivo pelo qual costumam ser chamados de **impressionistas** tais críticos — geralmente leitores infatigáveis e homens de maior ou menor erudição, emitindo opiniões sobre os livros que devoram, oriundas de sua capacidade de observação, apreensão e compreensão. Assim agindo, não admira que sejam falhos, tantas vezes, seus juízos críticos, despidos que são de qualquer base científica. É verdade que, nos últimos anos, graças à pregação de vozes isoladas, como a do professor Afrânio Coutinho, e à ação benéfica (e recente) das Faculdades de Filosofia, a situação da crítica brasileira vem melhorando sensivelmente, e já hoje se espera, de quem se arrisque a emitir conceitos sobre livros, que conheça em detalhes o mecanismo da verdadeira ciência que escolheu para campo de atividades: ciência que possui suas leis e dispõe de métodos peculiares.

Um abuso, porém, freqüentemente se antepõe a outro. E assim foi que não poucas vezes a nova crítica assumiu, entre nós, proporções alarmantes, que ameaçavam convertê-la num mar de erudição estéril, de vez que separada daquela base de intuição — que, aqui, poderá ser chamada de **sensibilidade**, ou mesmo de **amor** — sem a qual é inútil, porque falha, qualquer análise.

Distante das limitações dos **impressionistas** e dos exageros, dos abusos de uns poucos críticos novos (alguns, em realidade, não tão novos), vem colocar-se agora Eduardo Portella no rol de nossos atuais críticos li-

terários, ocupando, desde o início, posição que nos parece ser de primeiro plano. Não é ele, um extremista, nada quer em excesso — nisso aliás sendo muito mais helênico que ibérico. E porque sabe que "já não é problema da crítica literária desprezar ou combater o impressionismo. O seu problema é superá-lo, assimilando-o" (o que está dito à página 43), parte do ponto a que chegaram em seus melhores momentos os vultos máximos da crítica impressionista brasileira — sem dúvida os senhores Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux entre outros —, para muito freqüentemente ultrapassá-los. É que teve a oportunidade (que soube aproveitar) de freqüentar no estrangeiro — na Espanha, na França, na Itália — aulas de grandes teóricos, Dâmaso Alonso e Bousoño, Bataillon e Ungaretti. É, assim, ao que nos parece, do Evangelho de há tanto pregado por Afrânio Coutinho, o esperado Messias.

É verdade que algumas vezes, incide Portella naquilo mesmo que condena, na crítica impressionista: quando, por exemplo, afirma de Alceu Amoroso Lima, à página 77: **sinto nele falta de ibericidade**, está elaborando um juízo estribado apenas na intuição, sem base científica alguma. Esses momentos são porém raros, e não chegam a empanar o brilho de "Dimensões I".

Portella tem base cultural eminentemente latina — se quiserem, eminentemente espanhola. Daí o elevado número de citações de autores espanhóis em seus escritos — característica que, não sendo propriamente um defeito, não deixa de ser a nosso ver uma limitação; daí a tendência a aproximar de um autor como Camilo José Cela autores brasileiros tão diversos como Guimarães Rosa e Cyro dos Anjos; daí, finalmente, o apêlo freqüente a uma **perspectiva ibérica**, que é aquela que nos fala mais próximo (página 77), a uma **ibericidade** que se traduz talvez numa íntima união entre **razão e vida**, e não apenas **vida ou unicamente razão** — como elucidada à página 149. Isso, a despeito de, à página 90, tratando do romance de Guimarães Rosa, ter escrito o que segue: "É essa vida que está em **Grande Sertão: Veredas** como estão aqueles conhecimentos: ela gritantemente, eles silenciosamente. Mais uma vez o racionalismo germânico vem juntar-se ao vitalismo ibérico: é o comportamento filosófico que nos cabe a nós, hoje, agora". — O que faz supor seja a ibericidade confundível com um abstrato **vitalismo**; o que admite, como base de ação dos povos germânicos (que Eduardo Portella chega a deno-

minar, na mesma página, de **nórdicos**), unicamente o **racionalismo**. Num povo que deu o **Sturm und Drang** e gerou o Romantismo irracional.

De qualquer modo, louve-se, em Eduardo Portella, o conhecimento e o amor de sua profissão de crítico: conhecimento que está patente em ensaios como o sobre Curtius (página 173), como o em que analisa o Memorialismo (página 191), ou a poesia de Cassiano Ricardo (página 127), sobretudo em "Realidade e Destino de Uma Cultura" (página 209), em que dá prova de uma lucidez que traduz uma perfeita atitude diante de nosso atual estágio de desenvolvimento, com antevisão verdadeiramente admirável; amor que se traduz no interesse, constante e intenso, por quanto possa ajudá-lo em sua missão crítica — a ponto de em "Dimensões I" estar citado, em nota de pé de página, um livro de Herbert Read — "The Tenth Muse" —, que à época em que foi escrito o ensaio, mal havia chegado ao Rio de Janeiro. Achamos, é certo, que em Portella a teoria é superior à prática; mas esse crítico é moço — tem só 26 anos —, e não é muito augurar-lhe um imenso futuro em nossas letras.

Resta fazer uma alusão ao prefácio de Gilberto Freyre, em que esse sociólogo, sob pretexto de apresentar o crítico, traça uma autobiografia, no caso um auto-elógio; à capa de Ivan Serpa, de rara e discreta beleza; ao índice Onomástico do fim do volume, útil, sem dúvida alguma, mas contendo, pelo que nos foi dado apurar, nada menos de quarenta e três erros, tipográficos ou não.

NOTAS

(1) — Eduardo Portella: "Dimensões I". Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1958. 223 páginas. Capa de Ivan Serpa. Prefácio de Gilberto Freyre.

(2) — O livro de Portella está assim colocado sob um signo totalmente diverso do em que inseriu seu livro o jovem colunista literário Renato Jobim — cujo volume, aparecido em 1957, intitulava-se, significativamente, "Anotações de Leitura". Essa característica diferencia a nosso ver as duas atitudes para com a crítica literária: a de Portella, baseada num esquema que não dispensa a intuição, escuda-se num intimado conhecimento do mecanismo poético; crítica em profundidade, conhecimento intuitivo, sim, mas comunicado — como queria Bousoño (página 47); a de Jobim, a de um intuitivo, dotado de certa cultura, sim, mas que tem suas limitações — tanto que não denomina seus ensaios de *críticas*, mas tão somente de *anotações de leitura*, que na verdade o são.

JORGE LACERDA

Embora com o natural atraso, decorrente das próprias condições de elaboração e entrega da presente seção, não poderíamos deixar de nela registrar, com sincero pesar, a morte — em trágicas circunstâncias — do senhor Jorge Lacerda, que para nós, muito mais do que o correto e valoroso Governador de Santa Catarina, era o fundador e orientador do suplemento "Letras e Artes" do matutino "A Manhã" — suplemento que em certa fase de nosso desenvolvimento literário reuniu, em seu âmago, o que de melhor havia no pensamento, nas letras e nas artes nacionais. Nós, que inclusive utilizamos também — pôsto que reconhecendo plenamente nossos poucos recursos —, o título "Letras e Artes", tão ligado a Jorge de Lacerda; nós, que trabalhamos naquele mesmo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, de que foi também Lacerda funcionário, e onde o vimos pela última vez na sexta-feira anterior à catástrofe aérea em que perderia a vida.

Jorge Lacerda morreu aos 43 anos. Não deixou, certamente, a obra de escritor que poderia ter elaborado: era daquele tipo de intelectual que se compraz em propiciar a outros os meios necessários à auto-afirmação, conservando-se modestamente em segundo plano. Depois, é claro que não esperava morrer tão cedo — pois, caso contrário, sua reconciliação com as Letras e as Artes daria-se mais dia menos dia, e teria produzido enfim seus frutos. Foi um homem afável e liberal, amado mesmo pelos adversários políticos. Entre seus amigos, sua posição não será preenchida.

GENTE

*** Impressionante, a semelhança do príncipe Mikasa, que há pouco nos visitou, com o professor Celso Cunha, diretor da Biblioteca Nacional... *** Van Jafa editará ainda esse ano uma coletânea de suas crônicas, anteriormente publicadas no "Correio da Manhã" sob o título de "O Negócio é o Seguinte". *** Dizem as más línguas que há pelo menos uma vantagem em se votar em Saldanha Coelho — que como todos sabem é candidato a vereador nas eleições de outubro: é que, se eleito, o autor de "Mural" terá pouco, ou mesmo nenhum tempo para escrever... *** Magalhães Júnior está escrevendo uma biografia de João Cândido, o marinheiro que em 1910 sublevaria a Armada. Lembremos-lhe que em poder do professor Castro Rebello está uma autobiografia manuscrita de João Cândido, por anos conservada em poder do professor Juliano Moreira, e presenteada ao professor Rebello pelo jornalista, há tempos. *** Eneida breve terá dois livros editados: "Sujinho de Terra" (literatura infantil) e "História do Carnaval Carioca". *** Oswaldino Marques termina no momento vasto estudo sobre a poesia de Cassiano Ricardo. *** Elysio Condé, diretor de *Jornal de Letras*, foi escolhido sócio correspondente da Academia Pernambucana de Letras. *** Ferreira Gullar (por falar em academias) ao que tudo indica deverá ser eleito membro

da Maranhense de Letras, sendo assim o primeiro poeta concreto a figurar num rol acadêmico. *** Marly de Oliveira, autora de "Cêrco da Primavera", está disputando uma bolsa de estudos para a Itália. Pretende estudar filologia, em Roma, com Ungaretti. *** O jovem poeta Renato Rocha Santos parte dentro de dias para a Suécia. Cursará a Universidade de Upsala. *** Rumores de que o escritor Vivaldi Moreira venha a assumir a direção de *Manchete* vêm circulando com certa insistência. *** Assis Brasil escreveu lúcida apresentação para o livro de estréia de José Louzeiro: "Depois da Luta" (contos), a sair breve pela Simões.

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

Estão marcadas para breve as seguintes exposições: dia 1.º, no salão do D.A. da Escola Nacional de Belas Artes — Cole-

tiva de Almir Gadelha, Rubem Valentim, Maria Teresa Vieira, Fernando Barreto, Júlio Vieira, etc.; dia 2, no Museu de Arte Moderna — Gravuras recentes de Fayga Ostrower; dia 4, no Clube Ginástico Português — Pinturas de Benjamin Silva; dia 12, na Associação Atlética Banco do Brasil — Desenhos de Cleoo.

EXPOSIÇÕES ATUAIS

A grande exposição do momento é sem dúvida o Salão Nacional de Arte Moderna, no Museu Nacional de Belas Artes até o dia 20. Outras exposições dignas de visita: a de Djanira, no Museu de Arte Moderna (desde 30); a de gravuras de Anna Letycia, na GEA (desde 25) e a De Lamônica na "Maison de France", inaugurada no mesmo dia e também de gravuras; a de Ivan Blin na "Montmartre" (pintura, só por mais alguns dias); a de obras da Escola Cuzquenha, na "Aleijadinho".

INIMÁ DE PAULA (PINTOR)



outro, considera-o um dos poucos artistas nacionais de importância verdadeiramente internacional.

* Crê que a crítica de arte, no Brasil, deveria levar mais em consideração a obra de arte dos nacionais, e não dedicar três quartas partes de seus cuidados ao que se faz na Europa.

* O pintor deve ter sólida base de conhecimentos, pois só assim poderá, através do pincel, traduzir o que deseja.

* Em nosso meio artístico andam fazendo falta publicações especializadas (livros e revistas), salas de exposição, cursos, etc. Mas a cada dia que se passa, a situação melhora.

* Não sabe quando fará uma exposição. Mas será "o mais breve possível".

* Acha que os artistas plásticos brasileiros deveriam reunir-se num órgão de classe, para melhor defenderem seus direitos e cumprirem suas obrigações.

* Vive unicamente de pintura — o que é raríssimo, no Brasil.

* Trabalha há mais de vinte anos em pintura, já tendo pintado cerca de 400 telas.

* Possui obras no Museu de Arte Moderna do Rio, no Nacional, de Belas Artes, e em várias coleções particulares.

* Tem trabalhado pouco em mosaicos no Brasil devido às dificuldades materiais que o empreendimento requer: o material nacional é ruim.

* Fêz algumas litografias em França.

* Divide em três fases sua pintura: Fase de 1945 (de técnica aparentada à dos impressionistas) — trabalha no Ceará, com Bandeira e Aldemir Martins, entre outros; Fase Branca e Cinza (1947-1951) — constituída pelas paisagens de Santa Teresa, etc.; Fase Posterior a 1953 e atual — em que atingiu o limite entre a arte figurativa e a não-figurativa, em paisagens quase abstratas.

* Mora em Santa Teresa, de onde não pretende mais sair.

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MÊSES

C\$ 15.00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BÉL-HORMON

Nº

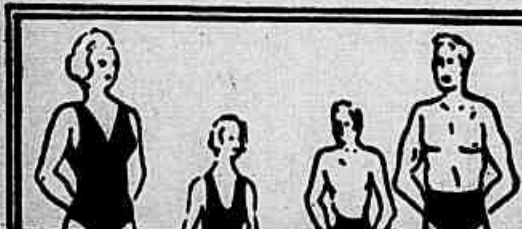
NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00



GRES-CER

Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá **FORÇA e SAÚDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedi-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA**

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método de Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficas, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 640 — São Paulo, Cr\$ 120.00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

(Cont. da pág. 29)

Mas, como a minúscula nódoa que vai estender-se e corromper o fruto resplandesciente, Isabelle sentia leve angústia persistir no seio da sua euforia: essa morte não seria um pouco oportuna demais?

A jovem senhora se recordava de todos os planos sábios que construíra no decurso das últimas semanas, para fazer fracassar o projeto de casamento do seu padasto e eis que, de repente, como com a intervenção de um bom gênio, Meller retirava-se da luta...

Como prêsa desses sentimentos mitigados, a jovem senhora apressara os passos, inconscientemente, e logo atingiu a extremidade da vereda próxima à prisão. Então parou, receando, de repente, se achar em presença do cadáver de um homem a quem tinha, tácitamente, desejado a morte, logo que ele entrara em sua vida.

Como lhe havia dito Bertrand, Isabelle distinguiu a claridade de uma lâmpada elétrica entre as cortinas semicerradas da biblioteca. Se já não fôsse dia claro, essa luz teria podido ser o índice de um trabalho inspirado mas, naquela circunstância, Isabelle achou-lhe logo algo de fúnebre. Não desejando deixar-se vencer por êsse temor que sentia crescer em si, a jovem senhora aproximou-se resolutamente da porta e introduziu a chave na fechadura.

— Provavelmente, vale mais que entremos juntos, minha senhora.

Ouvindo essa voz bruscamente atrás de si, a sra. Delancy soltou um grito de medo. Voltando-se, achou-se em frente de André Beaumont.

O cineasta, vestido com um terno completo de gabardine côr de canela, tinha por demais o ar de ali ter chegado ao acaso de um passeio matinal pelo parque.

Isabelle sacudiu as pálpebras e se recompôs rapidamente:

— Oh, sr. Beaumont, como o senhor me fez medo! Eu não o tinha ouvido aproximar-se — disse ela, sorrindo.

O rosto de Beaumont conservou-se impenetrável:

— É o que verifiquei. A senhora está muito emotiva e é por isso que julgo ser preferível não deixá-la entrar sôzinha nesse pavilhão.

O cineasta não abandonara a sua afabilidade um pouco altaneira, mas Isabelle experimentou repentina inquietude sob seu olhar glacial. Esforçando-se por nada deixar transparecer, disse num tom que demonstrava desenvoltura:

— Oh, é inútil, depois de tudo... Eu desejava, simplesmente, dar uma olhadela para ver se tudo estava em ordem... O senhor tomou seu café?

Beaumont fez que não entendeu a pergunta e, como Isabelle entendesse já a mão para tornar a pegar a chave, adiantou-se com um gesto, fazendo a chave dar uma volta na fechadura:

— Nem tudo está em ordem, uma vez que a luz se encontra acesa em pleno dia — disse êle, e exercendo pressão sobre o batente, antecipou-se a Isabelle na entrada do minúsculo vestibulo triangular, para o qual se abriam duas outras portas. A fôlha de uma delas se encontrava entreaberta e Isabelle avistou o ângulo da mesa de trabalho, com seu revestimento de feltro verde e a mancha sombria de um "smoking".

Bruscamente, Beaumont voltou-se, e seu olhar sondou o de madame Delancy:

— A senhora estava a par? — perguntou.

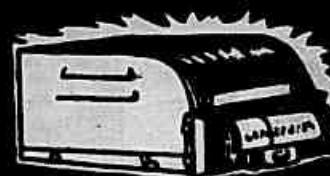
Para que procurar mentir? Isabelle tinha a impressão de nada poder esconder àqueles olhos.

— Sim — disse ela. — O mordomo descobriu-o... Veio logo avisar-me...

Beaumont considerou-a um instante em silêncio. Depois, voltando-se, penetrou na biblioteca. Caminhando instintivamente na ponta dos pés, Isabelle acompanhou-o.

(Continua)

'Mil' lhe oferece:



**RÁDIOS
ANTENAS
ACESSÓRIOS**

para todos os carros

PREÇOS HONESTOS

Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

32-1066 - 22-6134

RIO DE JANEIRO

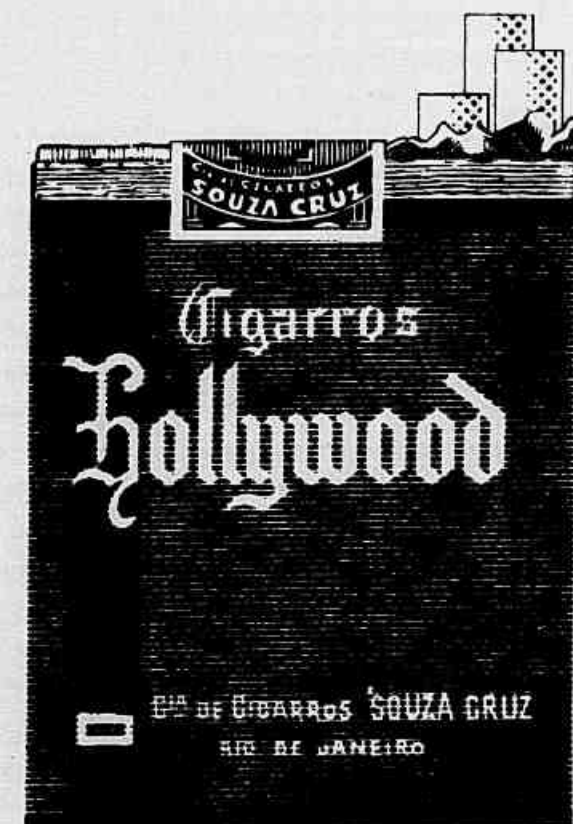
Só na
Mil

partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.

uma tradição
de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

O MAIOR CENARISTA DO CINE M

TOSHIRO IDE, considerado pelo valor de sua obra já realizada, o maior cenarista cinematográfico do Japão de hoje, passou dois dias no Rio de Janeiro e RS avistou-se com ele e entrevistou-o. Finalidade: saber como vai o cinema japonês e, principalmente, saber o objetivo de sua visita ao Brasil.

Toshiro Ide é um japonês simples, sinônimo de cortesia, rosto simétrico, os braços estão quase sempre estendidos ao longo do corpo e as mãos complementam suas palavras (só sabe dizer "obrigado" em português) com gestos particulares, principalmente imitando pequenas pirâmides.

TI encontrou-se no Rio com uma sua antiga discípula e colaboradora, Mio Mio; juntos fizeram o filme "As 4 irmãs". Mio serviu como nossa intérprete (falando um pouco de português, um pouco de inglês) e no momento da entrevista trajava um clássico quimono amarelo com listras pretas.

O primeiro lugar do Brasil que TI tocou foi Belém, a bordo do navio japonês "Brasil maru", que trazia aproximadamente uns duzentos imigrantes, uma parte destinada à colônia japonesa de Tomeaçu, Belém (3 000 japoneses dedicados à cultura da pimenta), outra para Campinas, São Paulo, numa fazenda brasileira de nome "Tosan".

Toshiro Ide declarou inicialmente que o objetivo desta viagem foi estudar o processo de integração dos seus nacionais na sociedade brasileira já que a TOHO Film, companhia à qual está comprometido por mais um ano de contrato, planejou realizar um filme no Brasil, baseado na novela "Viagem à América do Sul (nambei koro)", do escritor Einosuke Ito e publicada no jornal "Asahi", em Tóquio.

Toshiro Ide nasceu em Kyushu Tóquio, trabalhou alguns anos como desenhista comercial e formou-se pela Escola Superior de Tecnologia de Tóquio. Dedicou-se constantemente à literatura, foi redator, editor de revista e após, cinema.

JÁ FEZ EM 58 SEIS FILMES PREMIADOS

Dos 200 filmes já realizados este ano no Japão, por seis companhias, entre as quais a sua, seis em que Toshiro Ide participou como cenarista, estão premiados como os 10 melhores filmes do meio ano.

São eles: "Corrente da Montanha Azul (San Myaku)"; "Diário da Polícia (Keichatsu Niki)" eleito pelo povo como o melhor; "Arroz (Kome)"; "Mulheres Fluantes (Nagareru)"; "Crisântema Tardia (Ganguiku)"; "Calendário da Mulher (Onna no Koyomi)". Cinco outros: "Segredo (Himitsu)"; "O Casal (FuFu)"; "Cidade da Beleza (Bibo no Miyako)", que breve será levado em São Paulo, juntamente com "Cidade do Amor" (Aijo no Myiako). Seu recente Cinemascope "Moça das 3 cores" (San Choku Musume) está sendo levado em Tóquio com grande sucesso.

Toshiro Ide respondeu algumas questões:

CONCEITO DE CENÁRIO

"A função do escritor de cenário é transportar e adaptar uma história para filme. Se possível, prender-se pouco à história, mais ao seu ritmo e se possível, ainda, criar atmosfera original. Cenário tem tanto elemento figurativo quanto desenho de esta-



TEMA JAPONÊS

SEBASTIÃO DE FRANÇA



MIO ficou muito feliz
com a presença de
Toshiro Ide no Rio.
Foi o seu mestre
e com êle fez
"As 4 Irmãs" filme japonês.
Depois de um ano,
ela o revê.



A mulher japonesa, como requer a Cerimônia do Chá, serve o homem respeitosamente.

Opinião diferente
sôbre Copacabana:
"Pareceu-me
uma praia deserta.
No Rio,
existem coisas
mais lindas".

belecimento comercial. O elemento literário é menor, embora participante. Cinema é montagem: continuação de quadros, sons e música. Cenário se escreve com palavras mas são os quadros sucessivos que demonstram quanto o elemento figurativo é mais importante. A função do cenarista é eliminar o supérfluo da obra literária".

PRODUÇÃO JAPONESA NO BRASIL

"O nome eu já disse: "Viagem à América do Sul". Será produzida pela TOHO Film, em colaboração com a companhia marítima Osaka-Shosen. Será dirigido por Kazuo Takimura, o mesmo do "Diário da Polícia", em que trabalhamos juntos". Quanto aos atores, já estão projetados para atuar nesta produção, Hibari Misoro, Isumu Yukimura, Akira Takarada. Virão juntamente com os técnicos e materiais, em outubro. A filmagem será realizada no Brasil e montagem no Japão. O aproveitamento eventual de artistas brasileiros será feito nos locais da filmagem, com elementos locais."

PANORAMA ATUAL DO CINEMA JAPONÊS

"Existem presentemente no Japão, seis grandes companhias de cinema e que disputam mensalmente, anualmente, a vanguarda quantitativa — mas principalmente qualitativa — do cinema nacional. Estas seis companhias produzem cerca de 400 filmes por ano. Não descansamos nunca. Estamos sempre muito ocupados na revolução de critérios técnicos e artísticos e temos sido felizes. Posso afirmar que os nossos sistemas de Cinemascope e Technicolor são os melhores do mundo".

CARACTERÍSTICAS GERAIS

"Nosso ânimo e modo de trabalhar são habitualmente mais delicados, representados pelo tradicional drama japonês "NO" (pantomima). Por outro lado, grandes dificuldades se nos apresentam quando pretendemos realizar obra universal, de vez que o nosso idioma dificulta. Exemplo: se formos representar Shakespeare em japonês, necessitamos de 3 horas, em virtude da diferença de expressão oral, diferente e inconveniente. Para superar isso usamos técnico de pantomima a fim de evitar a expressão oral demasiada. Racionamos palavras e empregamos gestos. O ritmo do nosso cinema apresenta muito volume, é até algumas vezes, um pouco duro, mas ao mesmo tempo, apresenta planos lentos, símbolo da nossa delicadeza". O conteúdo do nosso cinema gira entre o social, literário, musical e o documentário, acrescente-se o drama doméstico, tema tão do gosto popular".

PRODUTORES, DIRETORES E ARTISTAS PREFERIDOS

"Considero bons produtores: Masumi Fûjimoto, Yazuo Takimura; bons diretores: notável Akira Kurosawa, mas sem boa obra recente, Keisuke Kinoshita, Shô Imai; artistas: Toshiro Mifune, Masayuki Mori (atores), Chikage Awashima, Ideko Takamine e Isuzu Yamada (atrizes)".

"A popularidade dos filmes japoneses não depende exclusivamente da opinião popular mas também de grupos de intelectuais que se preocupam constantemente em mostrar os nossos erros e disso muitas vezes sai polêmica. Existem a Liga dos críticos de jornais, a revista de cinema "Kinema-Junpo", maior autoridade em cinema, o jornal Mainichi e o jornal Tokyo".

MERCADO INTERNACIONAL

"É a América do Norte o nosso maior mercado. Oitenta a noventa filmes por ano. Nova Iorque e Los Angeles. Estes filmes serão exportados para a América do Sul, principalmente São Paulo, para a colônia, geralmente. Diz o representante da Toho, em São Paulo, Massao Oshida, que os exibidores do Brasil exigem uma quantia como garantia, antes de exhibir nossos filmes para o público. Com a falta de confiança eles deixam de importar nossas boas produções. Constatei na América do Sul que o povo está cansado de assistir cinema ocidental e aceita os nossos com grande simpatia. No Rio soube que há o clube dos "Niseis" e que divulgam o nosso cinema".

FILMES BRASILEIROS NO JAPÃO

"Consta que um filme brasileiro, o Cangaceiro, já esteve no Japão, mas não tive oportunidade de vê-lo. Sei também de um outro, Inferno Verde, mas chegou ao Japão exportado pela Itália coisa de que me surpreendo".

"Tendo de investigar as condições atuais das colônias, não tive tempo suficiente para conhecer melhor e me divertir no Rio de Janeiro. Sinto muito mas não posso considerar a cidade como o ponto mais lindo do Brasil. Se eu puder dizer honestamente, não gostei da praia de Copacabana, como tantos. Achei-a automática e civilizada demais, e os seus edifícios me pareceram muito frios e desorganizados. Eu penso assim, talvez porque nós japoneses gostamos mais de plantas e da natureza aberta. A minha opinião é de que deveriam plantar árvores como o pinheiro, em Copacabana. Ela me pareceu, uma praia deserta. No Rio existem coisas mais lindas."

DOS
nura;
a re-
Ma-
Isuzu

siva-
tuais
ros e
s de
idade

no-
lmes
São
cho,
igem
para
ortar
povo
com
s" e

e no
um
tália

tive
o de
omo
ente,
auto-
uito
apo-
inha
em
stem



DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

SÓ A NATUREZA
DEU A JÔ O MÁXIMO



JÔ É MORENA de cabelos bem pretos e compridos, olhos de côr igual, 51 quilos cientificamente distribuídos, já foi um dia candidata a miss, noivou e desnoivou e agora está em disponibilidade amorosa porque brigou com o noivo por motivos que não sabemos.

Ela nasceu precisamente em Pernambuco, mais precisamente há 18 anos perto de um cajueiro velho que não dava cacho. Foi uma menina assim, chegou ao Rio ainda muito novinha em companhia dos papais e foi crescendo, foi crescendo. Com 8 anos ela já desfilava de baianinha nos dias de carnaval, isto no Lido. Depois foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo e quando se viu, pronto. Jô já estava de tal forma estruturada que começou a preocupar seriamente os guardas de trânsito, isto em Copacabana.

A coisa vai, a coisa vem, os papais de Jô decidiram, após um "conselho de família" apelar para os recursos da ciência médica

pedindo que não consentissem no rápido progresso anatômico de Jô porque isto acontecendo muitos atropelos haveriam no futuro muito próximo, muito próximo. Os médicos responderam naturalmente não, qualquer providência nesse sentido seria inútil e contrariaria os sábios desejos de uma ilustre senhora chamada natureza.

Bem. A natureza desejando e os médicos impotentes Jô foi se estruturando e logo passou a desfilar com assiduidade na avenida Atlântica, nos clubes elegantes, nas reuniões de sociedade, nos cinemas e na praia, isto devidamente acompanhada do senhor maiô. Depois, bem depois mesmo, foi a Pernambuco e se candidatou a miss, perdendo por causa das exigências de outras espécies de estrutura e os senhores juizes não queriam Jô porém Rui.

Agora, passados os tempos, Jô só tem um ideal: quer ser modelo. Chamou a mãezinha num canto da sala e disse, fechando

os olhinhos e fazendo beicinho: "Mamãe, eu quero ser modelo". Mamãe concordou e vai daí seja feita a sua vontade, assim seja.

Opinião de Jô sobre as mulheres: "Tôdas são boas e bôbas".

Opinião de Jô sobre os homens: "Todos são bons e bobos".

Opinião de Jô sobre Jô: "Sou boa e sabidinha".

Ela admite muito reservadamente que poderá casar até hoje mas o senhor marido terá de se submeter aos seus dez mandamentos que ela prefere revelar muito particularmente ao pretendente. Do contrário, adeus casamento com Jô.

Gosta: comer, dormir, sonhar, praia, música, dança, festas, viagens, gritar, brigar.

Não gosta: homem ciumento demais, barata, grilo, afazeres domésticos, etc.

Bem. O resto vocês podem ver, podem ver.



O progresso
anatômico
de Jô
chegou a
preocupar
a família...

Departamento Especializado

FICHA:

Nome: Maria Josephina Malta (Jô)

Idade: 18 anos.

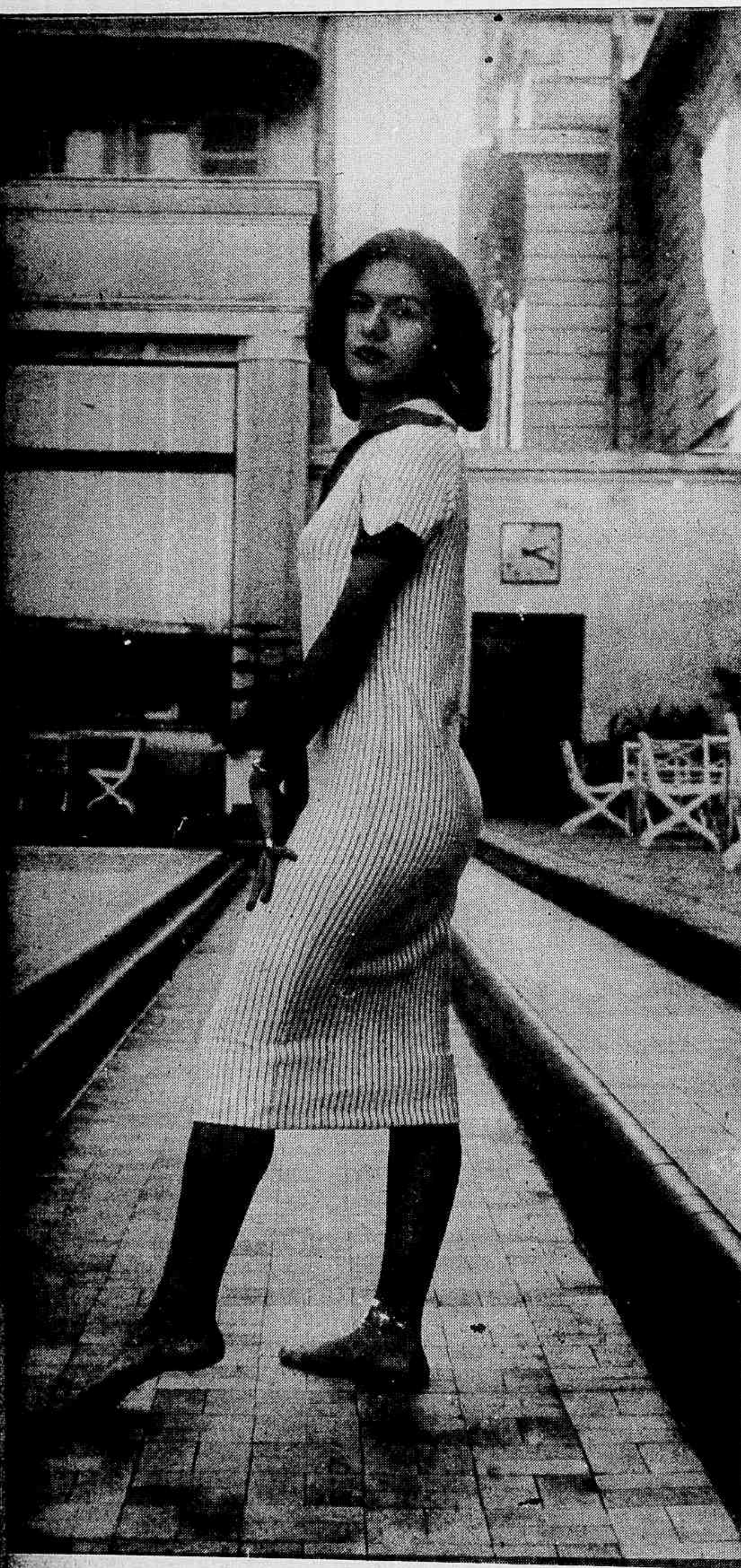
Profissão: quer ser modelo

Altura: 1.70 cms.

Residência:

Telefone:

Medidas: até a próxima.



Ela não gosta
de homem
ciumento demais



ANTES DE MAIS NADA, aviso aos navegantes que minhas verdades semanais não são da lavra do cronista Chuck, conforme sussurraram algumas imaginações mais precipitadas. Mariazinha tem nome e dêle muito se orgulha: Maria Francisca de Aguirre Maranguape. Para meu povo, simplesmente Mariazinha Maranguape...

MANTENDO A TRADIÇÃO de elegância dos Souza Campos, o jovem Diduzinho só usa blue-jeans sob medida no jardim de infância que frequenta. Tal pai, tal filho.

DUAS GUERRAS em andamento. Enquanto Varig e Real travam a batalha das letras e tentam provar que super será mais super, se o Super-G ou o Super-H, Banco da Bahia e Banco da Província do Rio Grande do Sul abrem nova "guerra dos 100 anos", cada qual jurando que o seu centenário é mais antigo do que o centenário do outro. Verdade matemática do entevero — G é igual a H, assim como 100 é igual a 100.

UM QUARTETO ilustre almoçou sexta-feira numa suite do Glória, com vinho francês e vista para o mar: Moses, Garrido Tórres, Berta e Helder Câmara. Moses veio da ABI, Berta do sul e Dom Helder de bonde, do Palácio São Joaquim. Ao fim do almoço, o quarteto comunicou ao jornalista Hernane Tavares de Sá quem será o "Homem de Visão de 1958".

ALGUNS BANCOS e tamboretos dados a agiotagem e semi-agiotagem, estão oficializando o juro de 5% ao mês, mesmo para os clientes mais antigos. Os papagaios da velha guarda abriram o bico em justo estrilo.

O PAULISTA Jorge Alves de Lima, protagonista de uma pequena obra-prima de narcisismo cinematográfico — "Kirongozi, Mestre Caçador" — ficou popularmente conhecido no Rio como o "seu" Kironga...

UM SOLTEIRÃO que figura na lista dos mais empedernidos, ricos e disputados da cidade, foi ao Maracanãzinho e assim se manifestou sobre Miss Goiás: "É a sobra de centímetros mais sexy que êsse concurso já viu".

SOCIÓLOGOS suspeitam que Brasília será a cidade ideal para o comércio alcoólico, dado o desajuste completo do homo brasiliensis durante a primeira infância do seu habitat. O funcionalismo exilado e re-

pentinamente privado de suas válvulas de escoamento — família, amigos, divertimento, hobby ou esporte — oficializará garrafa e copo como seu derivativo predileto.

UMA GRÁFICA do Rio está pensando seriamente em matar dois Levys de uma só cajadada, oferecendo ao deputado Herbert Victor Levy os excedentes de produção do cartaz discutido: "O Homem É Levy".

O MELHOR trocadilho sobre a tragédia da corveta "Angostura nasceu no bar do Club Naval, onde um almirante reformado comentou com fatalismo: "Qualquer "Angostura" teria um destino bitter..."

JOALHEIROS catalogaram suas clientes reconhecidamente regateadoras, majorando em 20% o preço inicial para o bloco da pechincha. Abate daqui, abate dali, as madames saem satisfeitas e a casa não sofre prejuízos. Com a invasão mineira, o problema agravava-se horivelmente, já que sem abatimento, mineiro só comprava bonde e, isso mesmo, em outros tempos.

DIZEM QUE o casamento da filha do sr. Israel Pinheiro com o jovem Hindemburgo Chateaubriand, agitado herdeiro do deputado paraibano Pereira Diniz, quase provoca uma crise doméstica. A noiva não queria saber do casamento no mato e somente enfrentou o altar em Brasília para atender razões de Estado, ditatorialmente apresentadas por papai Israel.

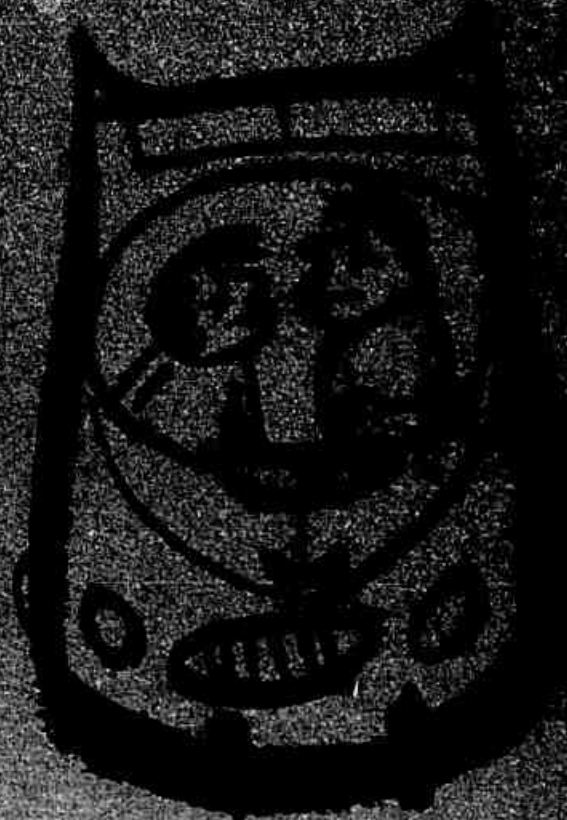
FATO NOVO perturbando a intensa campanha eleitoral do futuro deputado Celso Brant: Cupido atravessou em seu itinerário republicano a régia desenvoltura de Wilza Carla, rainha do carnaval carioca.

AVISO ao cronista Fernando Sabino: êste Canning desconhecido mudou-se em 1924 como rua para a fronteira de Copacabana com Ipanema. Antes, era travessa na cidade. Ramalho Ortigão o exilou e tomou conta de sua placa.

PAPAGAIADA a inauguração do novo e gigantesco teatro de Salvador. Será impossível manter o elefante branco — capacidade para 1700 pessoas e auditório externo para 5000 — em funcionamento regular: não há pessoal técnico, não há repertório e não há público. O mais curioso é que muitos baianos criticam Balbino por haver reduzido o projeto original, que previa um teatro quatro vezes maior...



AS
VERDADES
DE
MARIAZINHA
MARANGUAPE



encontro



com chuck



ENCONTRO ENTRE VOCÊS e uma moça cujo nome já leram, cujo rosto já viram muito... sem ter contudo ligado um ao outro. O nome foi escrito em colunas, e o rosto aparece quase diariamente em publicações, fazendo propaganda de produtos comerciais. Mariza Reynaud é modelo.

Eu sei que vocês estão de olho nos retratos, mas mesmo assim vou tentar descrevê-la: altura excelente para modelo, cabelos castanho-avermelhados, olhos castanhos transparentes e umas quatro ou cinco expressões faciais diferentes, tôdas elas lindas.

Fiz algumas perguntas para obter mais dados: qual era sua idade, há quantos anos era modelo, quanto ganhava, etc. Ela sorriu e comentou: "Saint-Exupéry tinha razão quando disse que os homens adoram números..."

Aparentemente Mariza vive tendo que responder estas perguntas: "Acho engraçado. Um gerente de uma firma que deseja fazer publicidade sempre que me vê pela primeira vez quer saber minha idade, tempo de trabalho, quanto quero ganhar, e por aí afora. Isto parece lógico a primeira vista, mas não o é. Ele já havia visto meus retratos, já havia especificado na agência que trata dos meus contratos a idade aproximada da modelo que desejava, e o preço já fôra combinado. No fundo tais gerentes estão querendo simplesmente ser gentis e puxar conversa, mas um modelo tem tanto que fazer que conversar é a última coisa que ela deseja..."

Fiquei curioso: "O que é que um modelo tem tanto a fazer? Afinal, não parece difícil ser bonita e posar para fotos..."

Mariza me favoreceu com um olhar que suponho ela costuma reservar para passadores de ações-entre-amigos: "Acordo às onze horas. Vou para o terraço apanhar sol no rosto porque nunca uso maquiagem a não ser para trabalhar. Almoço ligeiramente e vou ao cabeleireiro. Passo no mínimo uma hora sendo penteada e conversando com Hermílio o assunto de sempre: ele quer cortar meus cabelos e eu quero um penteado curto sem ter que sofrer a tesoura. Vou à cidade e na agência recebo dinheiro que eles cobraram para mim de publicidades feitas, e discuto novos contratos. Vou falar com o gerente duma firma que quer publicidade. Digamos que sua firma venda blusas e saias. Experimento a roupa, fico de pé enquanto fazem correções ou escolhem dezenas de peças. Saio correndo e vou ao estúdio de um fotógrafo posar para outra publicidade marcada anteriormente. Corro para casa, janto se tiver tempo, mudo de roupa e vou para a televisão desfilar vestidos. Às vezes tenho que posar à noite, em seguida."

Comentei: "Bem, isto parece cansativo do ponto de vista de locomoção, mas o trabalho em si deve ser fácil..." Mariza resolveu explicar como geralmente corre uma sessão no estúdio do fotógrafo: "Levo meia-hora fazendo maquiagem segundo o tipo desejado pela firma: expressão de menina, de jovem senhora, ou de sedutora. Fico no lugar indicado pelo fotógrafo, e debaixo de refletores quentes espero que ele distribua a iluminação como deseja. Quando tudo está pronto retoco a maquiagem e passo o pente nos cabelos. Volto ao lugar e então começamos a estudar os gestos e as expressões. Tudo sob os refletores. Tiradas várias chapas, espero serem reveladas e copiadas, para saber se serviram. Em geral temos que repetir novamente. Com sorte, o processo todo leva menos de três horas..."

Perguntei: "Isto acontece todos os dias?" Mariza respondeu: "Em geral acontece duas vezes por dia..."

Fui a um ponto muito discutido: "Mas em compensação vocês ganham muito dinheiro, não é verdade?" Confirmou ela: "Há



semanas em que só com fotos e filmagens de publicidade um modelo ganha 20 mil cruzeiros. Isto não quer dizer que todas as semanas sejam assim. Contudo, veja as despesas: um modelo tem que estar sempre bem vestido, cabeleireiro pelo menos três vezes por semana, horários tão apertados que a única condução apropriada é o táxi, uma refeição pelo menos por dia é feita em restaurantes, as roupas elegantes que usamos requerem jóias, acessórios bons, enfim, a apresentação pessoal e o conforto de habitação necessário a uma pessoa que trabalha num contínuo estado de excitação e que precisa estar de ótima aparência no dia seguinte, tudo isto custa muito caro."

Explorei o futuro perguntando qual é a ambição de um modelo. "Eu sei que muitas moças são modelos para passar depois para os palcos", diz ela. "Mas raramente isto acontece com as moças que obtêm grande destaque como modelos. Creio que a ambição seja a mesma de qualquer moça: casar. Na agência que trata dos meus contratos ao fim deste ano teremos tido nada menos que dez casamentos."

Todas as profissões têm espinhos mais agudos. Perguntei qual eram os da de Mariza. Ela não precisou pensar: "Em primeiro lugar vem as firmas que levam semanas para pagar serviços. Isto atrapalha a contabilidade da minha agência e evidentemente atrapalha a mim. Depois sou irritada por homens que quando me vêem passar na rua maquilada, por falta de tempo entre um trabalho e outro, ficam encarando como se eu fôsse uma escavadeira do Largo da Carioca preparando os alicerces de um edifício..."

Mariza sorri: "Em terceiro lugar vem os galãs que ao saberem que sou modelo acham que eu estava justamente a espera deles para ir a uma casa noturna ou passear de barco. As vezes acham que foram enviados por Deus para fazerem meu sucesso no cinema nacional..."

Finalmente vem uma irritação que felizmente não é muito comum: "Há moças que ocasionalmente levam ao estúdio seus

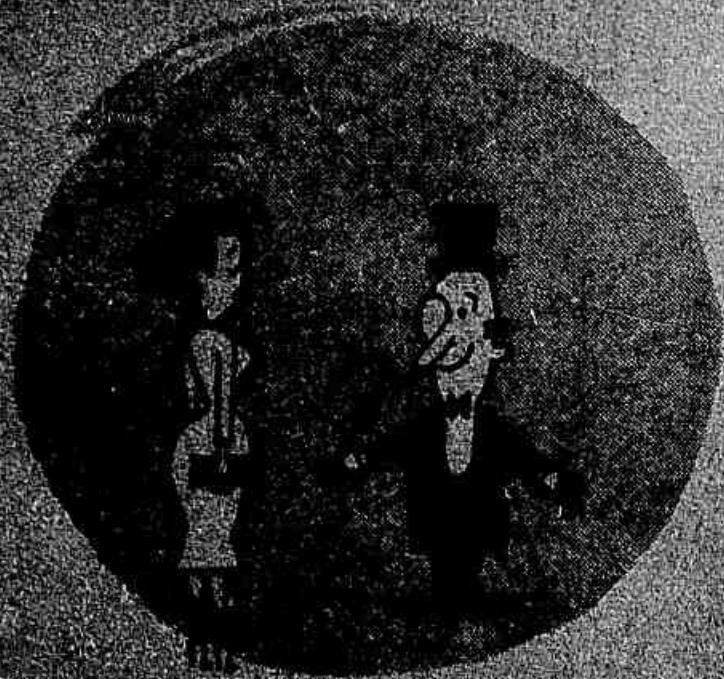
namorados, irmãos, tias, mães, primos ou amigos. Eu tenho horror quando estas pessoas não ficam sentadas bonitinhas na sala de espera, insistindo em observar todos os detalhes. Pelo menos há alguns que não dão sugestões..."

Fiz uma pergunta que eu sabia seria respondida com um sorriso irônico: "Basta ser uma moça bonita para ser modelo?"

O sorriso irônico veio. "Se a moça souber andar, tiver tido aulas de desfilar, não se pintar como uma candidata ao circo, tiver senso de responsabilidade nos compromissos de trabalho, usar roupas elegantes porém simples, souber ficar calada enquanto posa, e nunca aceitar convites para sair com funcionários de firmas que a contratem, eu diria que bastaria ser bonita..."

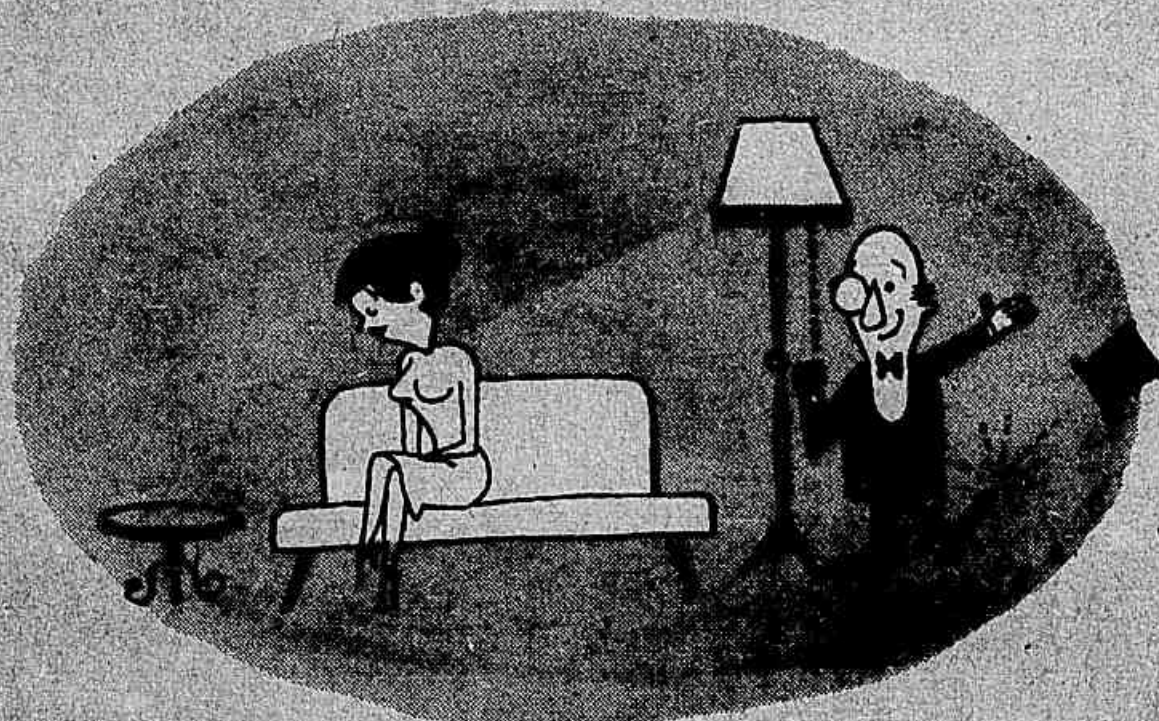
Mariza é aparentemente muito tímida. Ela em geral fala pouco, sorri apenas nos momentos necessários, e raramente vai à casas noturnas. Mas no entanto possui um dom de responder com uma agilidade cortante aos que se fazem de engraçados. "Creio que no Brasil ainda não obtivemos o selo absoluto de respeitabilidade nesta profissão. Admito que há muitas moças que contribuem para que o público em geral interprete mal esta maneira de ganhar a vida. Mas aos poucos as agências estão chegando a maioria, selecionando, e um dia talvez sejamos consideradas tão honestas quanto qualquer outra moça da nossa idade. Até lá só há uma coisa que eu posso fazer: evitar muita conversa com pessoas que conheço casualmente, ter a aparência de modelo só para trabalho, e quando alguém é muito, mas muito mesmo, abusado, dar uma resposta nunca rude, mas de preferência grandemente intelectual. Qualquer pessoa murcha quando recebe uma resposta evidentemente desfavorável, mas num nível que ela não consegue bem entender o que foi dito..."

Para terminar fui indiscreto: "Você usa os produtos que anuncia?" A resposta deixaria qualquer colunista tonto. "Você paga entrada às festas de caridade que patrocina através de sua coluna?..." Essa moça não é sopa, não!



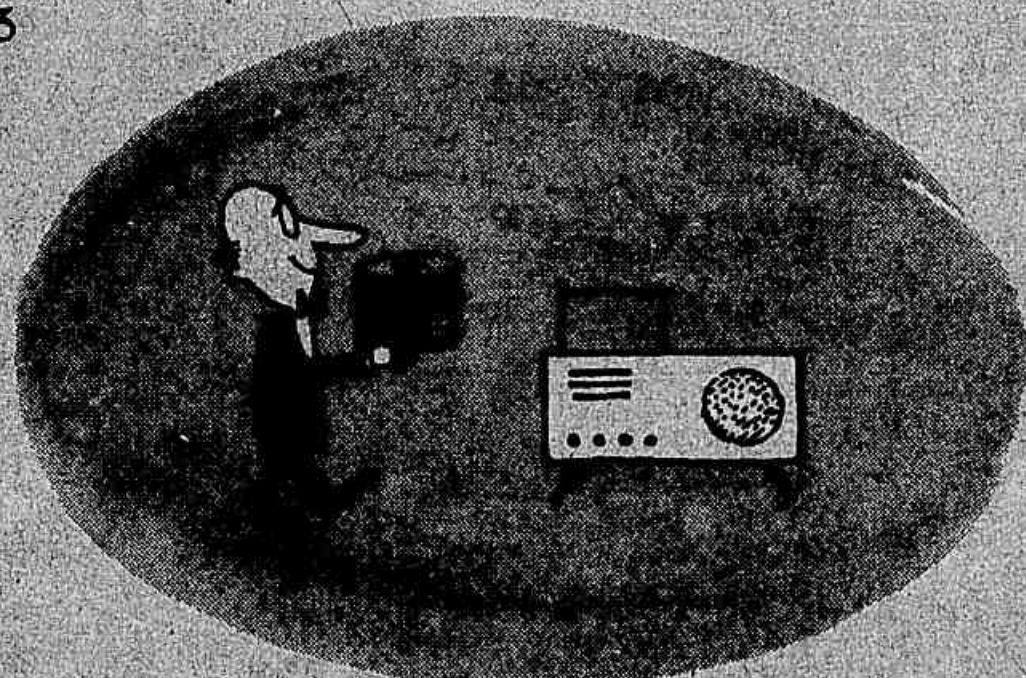
SE VOCÊ RECEBER A VISITA DE UMA
AMIGA E DELA AMIGUINHA, ACONSELHO:

2



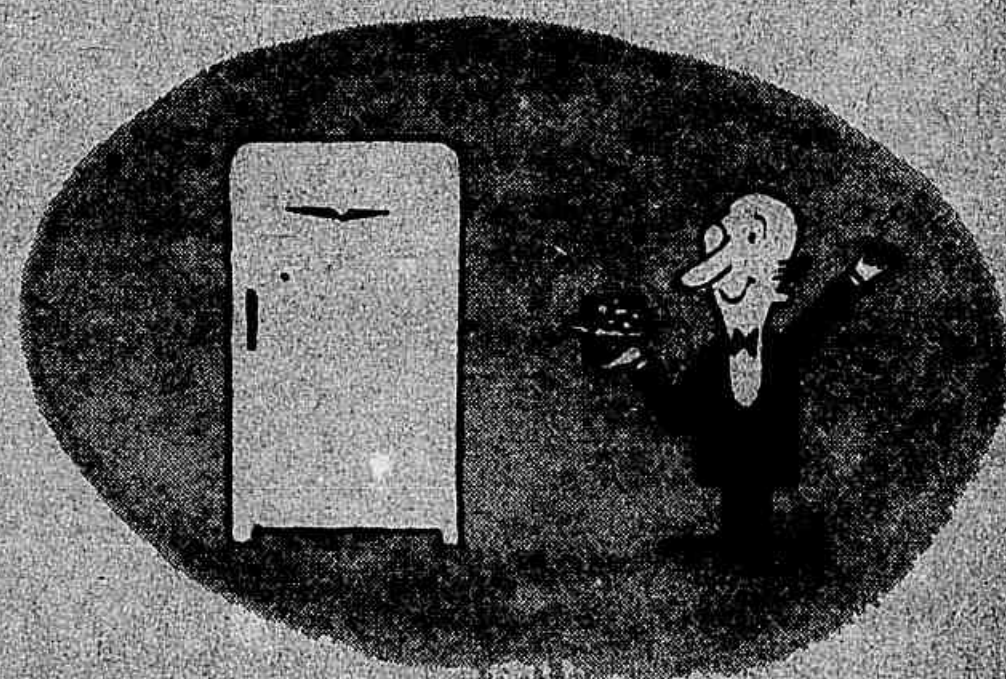
LUZ SUAVE PARA NÃO FERIR A VISTA...

3



UMA SELEÇÃO DE MÚSICAS HI-FI MELODIOSAS...

5



COMESTÍVEIS LEVES, DE SABOR DELICADO...

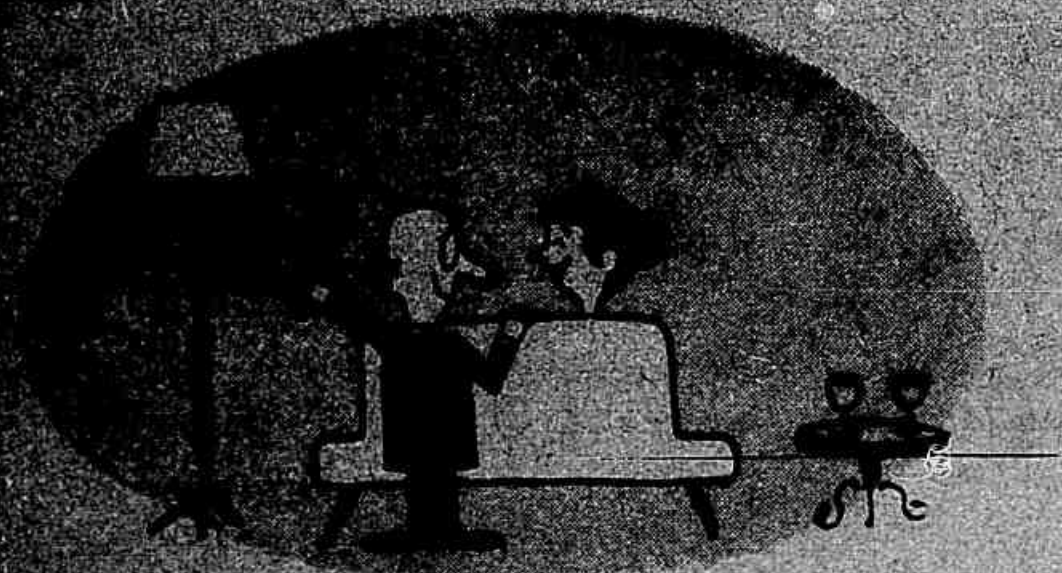


... E BEBIDAS...

7



AMF 1210



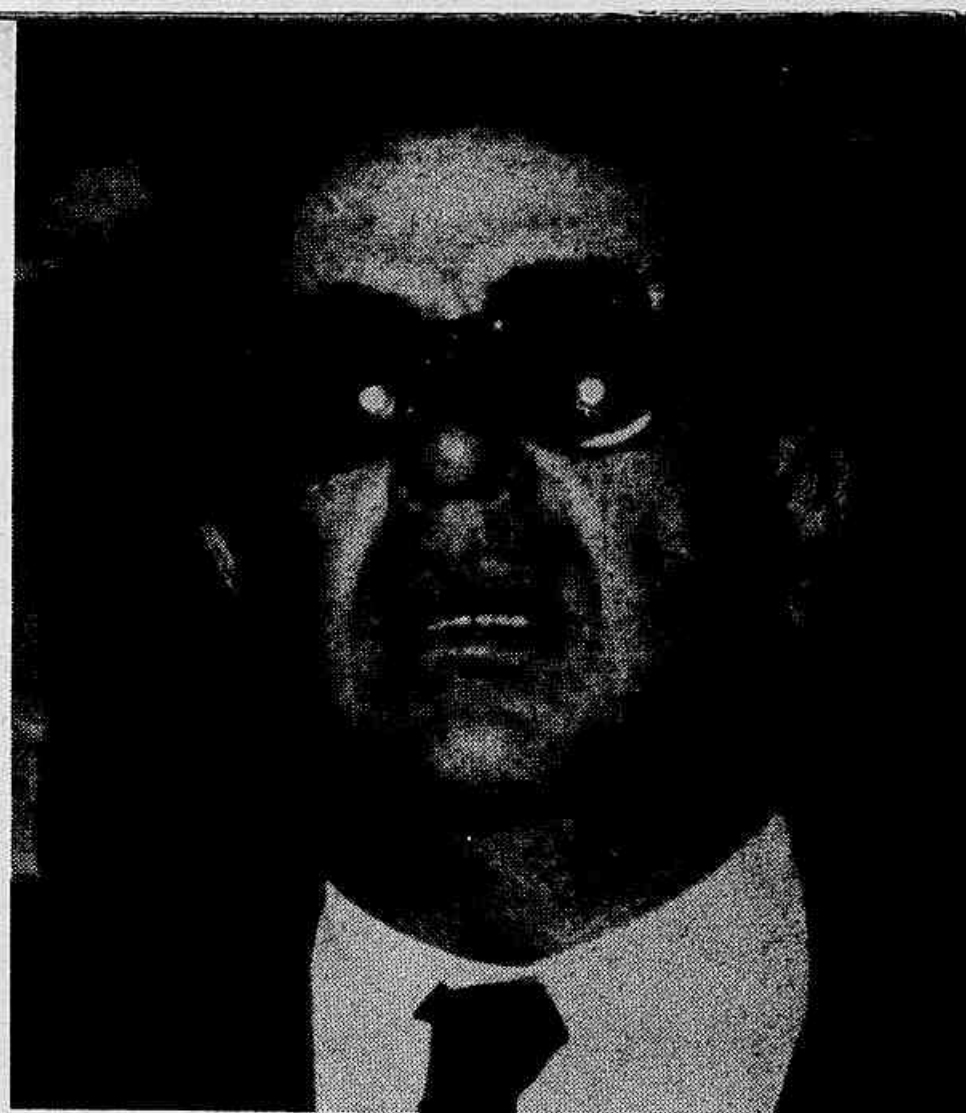
... DEPOIS, MEU CARO: BOA NOITE E BOA SORTE...

DON ANTONIO



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



Amaral Peixoto

PANORAMA

UM JOGO DE AMADORES sacudiu a política brasileira esta semana. De repente, os cordões escaparam das mãos dos chefes partidários, dos chefes políticos ostensivos, e passaram a ser manejados por mãos menos dexteras, inexperientes, sem dúvida, mas que se apresentavam eufóricamente, como se estivesse fazendo a própria descoberta do Brasil.

Não foi à-toa que se deu a reviravolta. Desde que chegou à Presidência, o sr. Juscelino Kubitschek desejava assumir, de fato, a direção do Governo federal. Os tremendos compromissos eleitorais não o deixavam proceder como queria. De repente, num momento de saturação da vida econômica e financeira do país, num instante de evidente desgaste das composições materiais e psicológicas das forças que o levaram ao Poder, o sr. Juscelino Kubitschek vislumbrou a possibilidade da libertação. E por ela entrou, com rara determinação, com um desassombro realmente digno de inveja.

O SR. JUSCELINO KUBITSCHKEK RESOLVEU ASSUMIR A PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. Seu último discurso de candidato foi aquele em que lançou a denominada "Operação Pan-Americana", que, ainda, é uma plataforma de aspirante ao Governo, à semelhança de todas as orações em que, já com certa monotonia, o sr. Juscelino Kubitschek se vem repetindo, desde que aportou ao Catete. A partir desse momento, (inspirado por conselheiros mas aproveitado pelo Presidente com extraordinária habilidade para penetrar pelas frinchas favoráveis), o sr. Juscelino Kubitschek não era mais o Presidente enleado, cheio de recelos, hesitações e contemporizações que desembarcou no Catete à base de um esquema armado pelo sr. Amaral Peixoto e cumprido pela sua determinação de ser o sucessor de Vargas. Era outro homem. Como que um Alexandre, o Grande, pronto a todas as conquistas e para o qual os companheiros de luta passavam a ter importância menor.

NAO TEM NENHUMA LÓGICA A REFORMA GOVERNAMENTAL, para quem a quiser encarar sob os olhos das relações de causa e efeito. Não é uma reforma política, porque o Presidente não está constituindo Ministério para enfrentar as eleições — e deverá reformá-lo depois de 3 de outubro. Não é administrativa, porque não incorpora novos valores ao campo da administração — salvo o sr. Mario Pinotti, velho valor consolidado — e até tumultua sem vantagem o quadro anterior. Não tem lógica porque não assenta na lógica política ou administrativa. Repousa no íntimo da psicologia do sr. Kubitschek. Decidiu assumir, de fato, a direção do Governo. E quis tudo novo, banhado pelas águas lustrais de um renascimento imaginário mas consolador. A casa é velha, porém o recém-chegado deseja trocar as posições dos móveis. E o faz com desenvoltura, com alegria, com a certeza de estar inovando, de estar trocando de ambiente. Para ele, chamar-se-á fun-

cional, esse estilo em que entram os velhos trastes mineiros, os santinhos de pau ôco da zona da mineração, as rombudas arcas, os pesados jacarandás e os retábulos pejados de anjos barrocos das igrejas setecentistas.

GRANDE TRABALHO TIVERAM OS BORRACHEIROS OFICIAIS nos últimos dias, procurando recauchutar homens, instituições e programas. Trabalho penoso, por certo, impossível de praticar nas oficinas federais, em alguns casos de extremo desgaste do material, como o que se verificou com o sr. José Maria Alkmim. Para esses casos, de pneu envelhecido e material envilecido, só a recauchutagem na própria terra natal, pela recuperação dos filamentos originais da fibra — pode salvar para rolos futuros o herói parado. Outros pneus governamentais, bastante roídos pelo uso, "carecas" na acepção do termo automobilístico, tiveram de ser novamente tratados. Não adianta se apresentar de banda branca. Não iludem mais a pedestre nenhum.

MAS OS HOMENS SÃO IRRECAUCHUTAVEIS. Os da situação e os da Oposição. Os primeiros não acordam melhores pelo simples fato de, na noite anterior, terem ido para o "Diário Oficial" com um título diferente. Os da Oposição porque podem ter também essa possibilidade.

Se estivessemos num regime parlamentarista, o Presidente da República teria chamado o chefe da Oposição ou o presidente do maior partido oposicionista e lhe pedido que constituísse o novo Governo. Esta lógica primária funcionou nos episódios da semana finda. O sr. Juraci Magalhães e seus companheiros ponderaram bem os termos da proposta, sabendo que a situação da moda é profundamente udenista. Preferiram não participar do Ministério. A eleição está aí. As circunstâncias políticas e econômicas atuais não se modificarão muito. Para que comprometer-se, já, com o Governo? Não querem pastas. Continuam vigilantes. Aguardam os acontecimentos. O convite de JK não foi aceito.

OS AMADORES CERCARAM JK. Querendo livrar-se das tutelas que o oprimem, o Chefe do Governo caiu nas mãos dos políticos cerebrinos, que passaram a armar esquemas extremamente absurdos. Chegou momento em que a confusão dos esquemas era geral e sua falta de propósitos considerada total. Nenhuma pessoa de bom senso faria o que se propôs, então. O Presidente estava em núpcias com a liberdade e passou a malbaratá-la com quem não a sabia usar. Todos os esquemas eram possíveis, todas as combinações razoáveis, todos os caminhos trafegáveis. Para a esquerda, para a direita, para a frente, para baixo, para cima, para trás.

Assim terminou a semana: O sr. Juscelino Kubitschek, à semelhança do notável cavaleiro, cavalgou o fogoso corcel e partiu em todas as direções...



DEBAIXO DOS REFLETORES

TENDO SIDO chamado ao trapézio com grande insistência para substituir o sr. José Maria Alkmim, o sr. Lucas Lopes chegou esta semana ao Ministério da Fazenda e tomou posse, antes, no Catete, em cerimônia a que estiveram presentes todos os Ministros (ou então Ministros) com exceção do General Lott e do Brigadeiro Melo.

"Apesar de não gostar da ribalta", como éle próprio declarou, no primeiro contacto com a imprensa, após a transmissão do cargo, eis o sr. Lucas Lopes debaixo dos refletores, — pronto a sofrer a crua curiosidade, a implacável curiosidade que cerca todo ministro da Fazenda. O novo astro ascendeu ao firmamento com o vertiginoso declínio do sr. José Maria Alkmim, cuja passagem pela pasta foi uma advertência a muito político: não basta ser um grande líder parlamentar ou um grande condutor partidário para ocupar o Ministério da Fazenda. E' preciso entender, mesmo, do riscado, para escapar, inclusive, à sanha dos "assessores", aqueles pais das obras governamentais que, na opinião de um ex-presidente da Confederação Nacional da Indústria, exercem no Brasil a ditadura dos pareceristas.

Acusado de "entreguista" dos recursos naturais e da economia do país, dado como frio papa de uma escola de céticos do presente e do futuro do Brasil, cuja permanência na face da Terra só se deveria a influxos e proteções exteriores, o ex-ministro da Viação procurou dissipar êsses carimbos. Aplicou a "Ala

Lúcio Metra chamado à Prefeitura, resistiu, mas não pôde recusar. O velho patacho do Ministério da Viação, com 38 bilhões de cruzetros a bordo, repete "Cambóinhas": encalha na Praça Quinze para não naufragar na Guanabara. Logo agora, que ia começar a produzir "Angosturas". Salve-se o GEICON.

♦ O sr. Luthero Vargas está reunindo amigos para fundar um jornal que defen-

da a sua campanha eleitoral, "baseada no nacionalismo e na defesa da bandeira de Vargas". No hospital em que o sr. Luthero trabalha, como ortopedista, por motivos de perseguição política à sua pessoa, só existe um enfermeiro para cada andar com 120 dentes e um único servente para a limpeza.

♦ O sr. Lucas Lopes resolveu dedicar os primeiros dias de sua administração, no

Moça" (que no PSD corresponde, "mutatis mutandis", à "Banda de Música" da UDN) e é a verdadeira milícia de frente do decrepito partido). Conseguiu infiltrar-se em outros setores, ditos "nacionalistas".

Vai, assim, começar a segunda fase da luta "nacionalismo" versus "entreguismo". A luta econômica, como afirmamos há um mês, nestas colunas, desloca-se para o campo político e lhe dá o seu sentido final, de que os discursos parlamentares e as posses de Ministros são apenas a exteriorização para o grande público.

Como, entretanto, o Brasil é o país da Batalha de Itararé — é possível que o grande e esperado prélio também não se dê. Pelo sistema de pesos e contrapesos, tão ao gosto do caráter de Macunaíma, e pela composição aparentemente equilibrada das forças, nenhuma avançará demais. Ambas talvez se interpenetrem, se fundam e surjam com nova cara, na qual estarão unidos os traços originais de cada uma.

DURANTE A FUNÇÃO

Na hora em que o sr. José Maria Alkmim (com voz sumida) passava o cargo ao sr. Lucas Lopes (com voz forte), perguntei a diversas pessoas o que achavam do ato, se estavam satisfeitos, se esperavam mudanças para melhor. Respostas:

Sr. Manuel Ferreira Guimarães (ex-Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, dirigente da Panair do Brasil, grande industrial, figura de prol das classes conservadoras) — Estamos todos satisfeitos, satisfeitíssimos.

Sr. Hélio Jaguaribe, (formulador político do Grupo de Itatiaia, inspirador do ISEB, uma espécie de Escola Superior de Guerra, Civil) — E' muito melhor. Alkmim já não sabia o que estava fazendo, andava aos trancos e barrancos, agia com desespero. Não pega essa história de virar "nacionalista" à última hora. Nacionalismo não é bandeira que qualquer um se enrole com ela, porque precise para se salvar e, por isso, passe a ser nacionalista.

Sr. Rui Gomes de Almeida (Presidente da Associação Comercial, grande exportador de café, — rindo muito) — Há um ano que eu não vinha a este Gabinete. Hoje estou aqui. Assim não era possível. Hoje é dia 26, a safra começa a 1.º de julho e ainda não existe instrução nenhuma para o cofé. (Respondendo a outra pergunta: — Sim, o Presidente me disse: Agora que o Ministro Alkmim saiu, estamos de pazes feitas).

Sr. Afonso Almiro (Diretor do Serviço de Estatística Econômica e Financeira, um dos "bureaux" mais estáveis do Tesouro, conselheiro de Ministros) — Eu não falo. Minha função não é de falar. E' trabalhar.

Sr. João Francisco Gomes Puga (grande atacadista de aves e animais abatidos, um dos principais abastecedores dos estômagos brasileiros). — Estão satisfeitos na Associação Comercial. O que sai é um homem que demonstrou coragem, mas o que entra parece mais indicado para o Ministério.

Coronel José Alexínio Bittencourt (Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, figura mais notória do grupo "nacionalista" do Conselho de Segurança e das Forças Armadas) — Se a política do petróleo vai ser mudada? Não. Aquela fortaleza é inexpugnável.

Um desconhecido — Alquimia é, de fato, uma ciência medieval.

O espetáculo foi assistido, do princípio ao fim, pelo "Cobra", o bom e prestante contínuo, guarda reposteiro que faz parte do inventário de bens e utensílios do Gabinete. "Cobra", homem profundamente lacônico, não dizia nada. Por tudo passava o olhar tranqüilo e quase misterioso com que vê entrada e saída de visitantes, entrada e saída de Ministros.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

Ministério da Fazenda, ao nosso saci-pererê, ou seja, o café, cuja venda precisava de ser regularizada até 30 de junho. O Brasil, segundo o sr. Oswaldo Aranha, é um saci-pererê. Vive sobre um pé só: um pé de café.

♦ Se o sr. Lucas Nogueira Garcez fôsse, mesmo, para o Ministério da Viação, o sr. Juscelino Kubitschek perderia imediatamente o apoio da bancada do PSP, disse-

me o deputado Rubens Ferreira Martins, ex-líder da bancada, almoçando no "Real" uma peixada com o prefeito de Santos.

♦ Com a morte do deputado Leoberto Leal, o sr. Osmar Cunha, prefeito de Florianópolis, ficou com o caminho extremamente facilitado para a deputação federal, este ano, e a governança do Estado, em 1960. O sr. Leoberto Leal era o seu competidor dentro do PSD. "A esse preço, não, eu não queria", expressou-me o sr. Osmar Cunha, referindo-se à morte de Leoberto, Nereu e Jorge Lacerda no avião.

♦ Vai serenando a situação na UDN. O partido resolveu não participar, mesmo, do Ministério. Prefere esperar, com mais calma que lhe seja dado o que já lhe é devido.

♦ O velho chanceler Macedo Soares resolveu morrer com um belo canto do cisne. Não transigiu com o Catete, não admitiu as superposições de JK, não aceitou convite para ficar. Decidiu ir embora de qualquer maneira. Na Colômbia, o presidente eleito, Lleras Camargo, adoeceu subitamente. Diagnóstico provável: falta de interlocutor experimentado, no momento, no Brasil.

♦ No Gabinete de Lúcio Meira, no M. V. O. P., os principais planos e programas de base eram conduzidos pelo Ministro e pelo técnico Ottolmy Strauch. Grandes trabalhos ficam interrompidos.

♦ Enfim, o sr. Mario Pinotti no Ministério da Saúde. Nunca se viu um órgão tão bem talhado para um homem. Não se compreende como o sr. Pinotti, titular natural do cargo, não seja o seu titular vitalício. Coisas da organização administrativa brasileira...

♦ Os últimos dias do alistamento eleitoral (prorrogado) povoaram os cafés, ruas e bares da Esplanada do Castelo. Alguns pensaram que era devido à reforma do Ministério (cada qual tratando de se segurar) ou "ressaca" do futebol. Engano. Era o alistamento, que estendia filas por todos os postos.

♦ JK não teve dúvidas. Mandou um bilhete azul formal a todos os dirigentes que pretendem candidatar-se a postos eletivos em 3 de outubro. Expediu-lhes uma circular seca, dura, legal. Os que queriam fazer-se de desentendidos, os que pretendiam deixar "lenços" nos lugares tiveram de mudar de conversa e arrumar a trouxa. Desta vez, o exemplo veio de cima. Alkmim teve de passar o cargo ao seu maior adversário.

♦ O sr. Mário Meneghetti vai ficando no Ministério da Agricultura porque Jango assim o quer. Meneghetti é a garantia de união das forças petebistas no Rio Grande do Sul.

♦ E agora que terminam as danças de Negrão de Lima, até então nosso amável alcaide, o escritor Romeu de Avelar (que não deixará, jamais, de ser de Alagoas), atendendo a inúmeros pedidos, esclarece que o "Tranquiado do Jacu" é uma dança que se dança assim: dois passos prá frente; três passos prá trás...

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

5 DE JULHO de 1908. Domingo. Nas bancas, mais um número da "REVISTA DA SEMANA", "a única publicação do gênero, no Brasil, trazendo, além de larga cópia de gravuras pelos mais adiantados processos conhecidos, texto variado em literatura, ciências e artes".

Realmente, não era pequeno o noticiário com ilustrações. Na segunda página. "a nova estação central das barcas da Companhia Cantareira, em Niterói, inaugurada segunda-feira última, 29 de junho" e "a primeira barca que atracou à nova ponte". Em seguida, diversos flagrantes das comemorações ao marechal Floriano Peixoto: a organização do préstito, na praça Ferreira Viana, vendo-se "o primeiro bonde, conduzindo a Comissão Glorificadora", um instantâneo com o vice-presidente da República, dr. Nilo Peçanha e o senador Pires Ferreira, e fotografias tiradas no cemitério de São João Batista, junto ao túmulo do marechal, vendo-se "a multidão aglomerada, enquanto discursava o sr. N. do Nascimento". Adiante, poses da atriz Palmira Bastos e do ator e empresário Rangel Júnior, os clássicos "instantâneos" das ruas e a página de modas, com "penteados modernos e blusa elegante para senhoritas". Mais, ainda: a parte ilustrada registrava o "pic-nic" do Clube dos Democráticos, no rio Douro e uma festa da União dos Atradores, na Tijuca; e, principalmente, "a inauguração do reservatório do Pedregulho e a ligação dos novos encanamentos do rio Xerém", obras feitas sob a direção do engenheiro Sampaio Corrêa e que visavam a resolver o problema do abastecimento d'água da cidade.

Tôrres do Camarote, dava a s notícias de teatro, falando em Palmira Bastos — de quem se publicava o retrato, conforme já foi dito: "chegou, viu, representou e venceu a admiração popular; a companhia Taveira, contratando-a agora, deu-nos um presente régio, que vai atrair ao Recreio toda a população do Rio de Janeiro". Acrescentava que "Frégoli, o saudoso Frégoli do Camaleonte, do Né Sartolé, do Pozzo já prevete?, que tanto se popularizou aqui e tantos imitadores tem provocado, estreou com êxito no Teatro São Pedro, mostrando que o tempo não venceu a sua vela bulhosa, sempre a mesma, provocadora e atraente". Dizia da estréia da "pomposa e afinada Companhia Vitale no Carlos Gomes, com uma entrada solene" e do sucesso de José Ricardo e sua "troupe"

no Apolo, com operetas clássicas e lembrava a próxima chegada de De Feraudy-Brandès para o Lírico, observando "e digam que o Rio não se diverte à noite!".

Para termina, Tôres lamentava a partida de Tina di Lorenzo: "A noite da despedida foi tocante e expressiva. Nada faltou para que a talentosa atriz verificasse o quanto a admiramos. O próprio Artur de Azevedo não se conteve, sentiu-se vibrado pela chispa do improviso e atirou-lhe, do camarote, um ramilhete de versos simples, expressivos e deliciosos".

Mendes Júnior atacava o comentário da semana: "Desde alguns dias que os telegramas publicados nos jornais desta capital se referem com certa insistência ao boato de cessão dos couraçados brasileiros atualmente em construção em estaleiros ingleses a uma forte nação estrangeira". Primeiro, era o Japão; depois, eram os Estados Unidos, "nação justamente rival da precedente". Ora, tal boato chegava através de telegramas, via Argentina, daí a observação do autor: "A insistência com que a notícia vem sendo espalhada aos quatro ventos demonstra o evidente incômodo que deve causar aos vizinhos do Prata o projeto da nossa reorganização naval".

Mas Mendes Júnior punha um ponto final: "Tranquilizem-se os vizinhos; o Brasil foi sempre cavalheiro e nunca abusará, como nunca soube abusar, da superioridade das suas forças".

Enquanto, na sua *croniqueta*, Raulino falava dos "festejos de São Pedro, com o mesmo ardor de todos os anos, enchendo-se o ar dos fogachos e balões, atroando-se os ouvidos com a pirotécnica indígena de sempre"; do novo projeto, no Conselho Municipal, criando casas balneárias para a população; e das obras da Exposição Nacional, "atraindo dia a dia a atenção geral, tornando-se a nota de destaque de todos os comentários lisonjeiros", que se estendiam ao seu realizador, "Sampaio Corrêa, a iniciativa em pessoa".

E Raulino marcava: "Agora, sim, agora é que o inverno carioca se revelou todo frialdade pela manhã, todo chuvisco pela tarde, toda umidade pelo dia inteiro, o sol, esse sol que nos favoreceu a semana passada com uma luz suave, benevolente, andou também a fazer brilhantes luzentes como a careca do Barbosa Lima.

NEGRÃO FALOU 9 HORAS DO "DECÁLOGO DA TOLICE"

GILBERTO GUIMARÃES (especial)

« O tempo há de passar sobre essas misérias e lavá-las, como o oceano lava do lixo das praias a orla sempre alvejante do seu azul. Há de afastar-se a ressaca enlameada; mas ainda após ficará ressoando o nosso protesto e do nosso desafio, que endereço à justiça dos meus concidadãos, abrindo-lhes tôdas as páginas da minha vida íntima... »

Foi com essas palavras de Rui Barbosa que o Prefeito Negrão de Lima terminou na madrugada de quarta-feira última (2,30 horas) na Sala do Orçamento, da Câmara dos Deputados, a sua defesa perante a Comissão Parlamentar de Inquérito Contra a Corrupção e as Fraudes Eleitorais, das acusações que lhe foram feitas e dirigidas àquele órgão, pelos vereadores cariocas Dulce Magalhães e Gladstone Chaves de Melo, do PDC, Hélio Walcacer e Mário Piragibe, do PR.

CITAÇÕES

Como geralmente acontece em seus depoimentos públicos, ainda desta vez, o Prefeito Negrão de Lima foi fértil em citações, das quais este repórter anotou algumas. Referindo-se à conceituação jurídica da corrupção eleitoral, o Prefeito citou os códigos eleitorais vigente, de 36 e 32, os códigos Penal de 1890 e Criminal do Império, bem assim tratadistas da matéria, isto é, Otávio Kelly, Edgard Costa, Bento Faria e Galdino Siqueira.

SHAKESPEARE

Shakespeare foi, também citado pelo Prefeito, quando provou, declarando os nomes dos 16 beneficiados, que o vereador Hélio Walcacer, conseguiu 16 prioridades de telefones, fato que, o referido Walcacer considerou, na denúncia, de «favor precioso e espúrio». A essa altura, o sr. Negrão de Lima, após perguntar «Se é espúrio por que aceitou?» e, logo após, «Onde estava com a cabeça?», citou a seguinte «fala» de personagem do «Romeu e Julieta»: «Na sua fronte a vergonha teria vergonha de assentar-se». E acrescentou: «No espírito desta frase o vereador Walcacer enterra-se de cabeça enquiada...»

DRUMMOND

Quando afirmava nada ter a ver com a distribuição das cotas dos vereadores na Verba 100 — Subvenções e Auxílios, o Prefeito Negrão de Lima citou o poeta Carlos Drummond de Andrade, a quem considerou de «príncipe da poesia moderna brasileira». Leu o poema: «Quadrilha», no qual o poeta, após citar o destino de várias pessoas, diz que a heroína casa com «Jota Pinto Fernandes, que não entrou na história». E concluiu: «Sou eu o Jota Pinto Fernandes». O riso explodiu na sala, tendo-se notado o sofrimento dos deputados Leite Neto e Adauto Cardoso, que, não desejando, perder a linha, respectivamente, de Presidente da Comissão e de principal acusador do Prefeito, conseguiram, a custo, manter-se sérios...

CARTAS

As cartas, no trato das coisas políticas, representam sempre um perigo, isso porque os seus autores, às vezes, delas se esquecem, mas os destinatários sempre as arquivam. Manejando cartas do vereador Walcacer, o Prefeito Negrão de Lima provou que aquele representante solicitou, em duas missivas, cessão de imóveis da Prefeitura para amigos seus, e na denúncia considerou tais cessões como fontes de corrupção eleitoral.



Ainda do sr. Walcacer, o Prefeito desenterrou outra cartinha, esta dirigida ao sr. Péricles Barbosa, diretor do Montepio, solicitando uma antecipação de pagamento de empréstimo a funcionário amigo seu, (dêle, Walcacer) do dia 21 para 3 de abril, no que foi atendido. Esse sistema de antecipações de empréstimo foi, também, pelos denunciante, considerado imoral. Ainda a respeito de Montepio, surgiu uma carta diferente, de autoria do sr. Mário Loureiro Fernandes, antigo diretor daquela autarquia, defendendo-a dos ataques contendo na denúncia e dando ao Prefeito grande e autorizada cobertura moral, visto tratar-se de um técnico

de nomeada, velho e inatacável alto funcionário da Prefeitura. E aqui termina o capítulo das cartas.

INCIDENTE

Logo na exposição do primeiro item de sua defesa o Prefeito teve um incidente com o deputado Adauto Cardoso. E' que o deputado udenista queria interromper a exposição com perguntas. O sr. Negrão de Lima, inconformado com aquele método obstrucionista, exaltou-se, declarando, com veemência: «Sou acusado e preciso defender-me». Os assistentes reagiram com palmas, o que deixou o sr. Adauto zangado, chamando a todos de «claque». Serenados os ânimos pelo Presidente Leite Neto, o Prefeito pediu desculpas da exaltação e lembrou a opinião de um antigo professor dele, e do deputado Adauto, segundo a qual, «quem se defende tem o direito de ser caloroso». O sr. Lúcio Cardoso aceitou as escusas do Prefeito e concordou em só fazer perguntas após a exposição de cada item.



Coube à sra. Ivete Vargas, no seu bonito trapézio côr de chumbo, prender a atenção de todos, através de um aparte o qual, bem analisado, só deixa bem o próprio Prefeito Negrão de Lima. Declarou a representante de S. Paulo, em resumo, o seguinte: se a denúncia procurava configurar corrupção eleitoral, da parte do Prefeito e se este não era, como não é candidato, nem tem candidato, nem se interessa por nenhum deles, as acusações foram «infundadas, injustas e até irrisórias». Em certos pontos essas acusações deveriam ter sido feitas à Câmara Municipal e não ao Prefeito. Daí se conclui que, na opinião de dona Ivete, a Comissão

estava perdendo o seu precioso tempo com aquele inquérito, com aqueles 10 itens, os quais, à certa altura de sua exposição, o próprio sr. Negrão de Lima classificou de «decálogo da tolice».

A sra. Ivete Vargas, entretanto, que tem as suas diferenças com o sr. Jânio Quadros aproveitou a oportunidade e disse cobras e lagartos do seu governo. Prometeu oficializar a denúncia (por escrito e com firma reconhecida) de maneira que, talvez tenhamos, naquela mesma sala, um debate entre a bela e a fera...

SORRISO

Sorrir é um direito universalmente reconhecido, embora, como todo o direito, sujeito a uma regulamentação. Afrânio Peixoto cita em uma das suas páginas que, certa feita, numa igreja, sentiu uma vontade irresistível de sorrir. Para obedecer à regulamentação desse direito, deve ter sofrido muito, ao que não quis se conformar, no início do depoimento do Prefeito, o vereador Amândio Fonseca. O representante do PTB ficou bem defronte do sr. Adauto Cardoso, dedicando-lhe, constantemente, um sorriso sob medida. O deputado não gostou, como ninguém gostaria, evidentemente. Reclamou ao Presidente da Comissão, o policiamento da Casa entendeu-se com o sorridente Amândio, mais tarde o vereador teve um entendimento com o sr. Leite Neto e tudo acabou muito bem. Daí por diante, o sr. Amândio Fonseca apresentou ao dr. Adauto uma fisionomia carrancuda.

TRISAVÔ

Conhecendo, há 10 anos, os srs. Geraldo e Nelson Moreira, este repórter sempre os considerou, como toda a gente, como tio e sobrinho. Os acusadores do Prefeito descobriram no fato de Nelson está substituindo Geraldo no cargo de Secretário de Agricultura, uma prova de corrupção eleitoral, por parte do Prefeito Negrão de Lima. O Prefeito, após provar que não há lei que proíba uma substituição dessa natureza, apresentou, a título de curiosidade um esquema genealógico da família Moreira. Resultados: Os srs. Geraldo e Nelson são primos em sétimo grau; o tronco desse longínquo parentesco é um trisavô, um homem que, talvez, tenha assistido à chegada de d. João VI ao Rio de Janeiro.

AGRICULTURA

Foi, justamente, na Secretaria da Agricultura que se fixou o primeiro item da denúncia contra o Prefeito. Além do parentesco já colocado no seu devido lugar, dizia a denúncia que existia uma máquina eleitoral naquele setor de administração da PDF. O Prefeito provou que não. As nomeações dos srs. Geraldo e Nelson Moreira obedeceram a indicações da bancada do PTB, como anteriormente, acontecera com o sr. José Romero, hoje Ministro do Tribunal de Contas da Prefeitura. No Brasil e em várias países é praxe governar-se em harmonia com partidos políticos, porque os Executivos precisam de base legislativa. «Só eu não podia fazer isso?», pergunta o Prefeito. Esclareceu, também o Prefeito o fato de alguns pedidos de licença para feirantes serem despachados antes de pedidos idênticos feitos em datas anteriores. Nada de favoritismo. Simplesmente cumprimento mais rápido de exigências burocráticas, na instrução do processo.

CONFIANÇA

Sobre esse assunto, o dep. Adauto quis que o Prefeito abrisse as portas da Secretaria de Agricultura. O sr. Negrão de Lima declarou que consentiria, desde que fôsse pelos meios legais, isto é, requerimento aprovado pela Câmara Municipal ou Comissão de Inquérito.

O dr. Adauto perguntou então, se o Prefeito não tinha confiança nos arquivos.

«— Tenho toda a confiança nos arquivos — respondeu o Prefeito. Não confio, entretanto, na lealdade dos meus denunciantes».

Ia surgindo, aí outro incidente, mas o deputado Guilhermino de Oliveira apartou, estranhando que o dr. Adauto estivesse ali defendendo prerrogativas de vereadores e não da própria Comissão de Inquérito, a qual integra.

IMÓVEIS

Na questão dos imóveis da Prefeitura, o sr. Negrão de Lima provou que é mais conveniente ceder a título precário, porque a PDF poderá tomá-los quando quiser e bem entender. A cessão por hasta pública implica em prazo determinado, o que poderá prejudicar os interesses da Prefeitura. Afirmou o Prefeito que, em sua gestão não foi cedido prédio algum. Que os atuais ocupantes é que consentiram em propaganda eleitoral nas fachadas dos imóveis, principalmente na Av. Presidente Vargas. Não

NEGRÃO: SE EU FAÇO CORRUPÇÃO ELEITORAL COM EMPREGOS, DEMITINDO NÃO TERIA RESULTADO.

há, nisso, interferência da Prefeitura muito menos discriminação partidária. Citou vários imóveis com propaganda de candidatos da oposição entre elas a do deputado Afonso Arinos, candidato a Senador. Apresentou textos legais que permitem a cessão de imóveis a funcionários, sob o desconto de 10% dos vencimentos. Disse que o problema do lenocínio, explorado em imóveis da PDF é assunto da alçada da Polícia, mas que apoiará todas as medidas tendentes à sua extirpação. Esclareceu que a Casa Garson paga 2.500 cruzeiros pelo imóvel que ocupa, desde o governo do sr. Alim Pedro na PDF. No seu governo, impôs à Casa da Borracha um aluguel de 50.000 cruzeiros mensais pelo imóvel ocupado. Disse que a sra. Dulce Magalhães quer cessão por hasta pública porque não conhece administração. Finalizou esta parte, declarando que há necessidade de reaparelhar com pessoal e material o Departamento do Patrimônio, cujo diretor sr. Almir Tavares, muito vem colaborando para o êxito de sua administração.

ADMISSÕES

No capítulo das admissões, o sr. Negrão de Lima informou que tem admitido, garis, trabalhadores de hospitais e outros pequenos servidores, a pedidos vários. Deputados, Senadores, Vereadores, Comandantes de Tropas, e outras pessoas pedem esses pequenos empregos para pessoas modestas. Fora disso, nomeou professoras, médicos, aquelas por imperiosa necessidade do ensino e estes por decisão judicial. Revelou que nomeou dois advogados e dois delegados fiscais por absoluta necessidade de serviço. Contestou a sra. Dulce Magalhães que exige provas (talvez concurso) para garis e declarou que nunca demitiu ninguém por motivos políticos. E afirmou: «— Se eu faço corrupção eleitoral com empregos, demitindo não teria resultado. Cito, agora o deputado Raimundo Brito, relator deste inquérito, quando afirmou que «não há corrupção na demissão. O demitido não vota».

VAGAS

Em outra parte do seu depoimento, o Prefeito Negrão de Lima teve a coragem de afirmar que há 3.903 vagas nos quadros da Prefeitura, o que permite uma economia anual de 91 milhões de cruzeiros. E acrescentou com certo temor:

«— Dizendo isso agora, os jornais publicando, não sei se estarei vivo amanhã...»

Depois de acentuar que, ao entrar na Prefeitura, havia 0,48 de um gari para cada logradouro público, apresentou o seguinte esquema de nomeações anteriores ao seu governo: Mendes de Moraes, 13.093; João Vital, 9.041; Dulcídio Cardoso, 4.976; Alim Pedro, 10.833.

TELEFONES

No capítulo das prioridades telefônicas o Prefeito declarou que as concede, amparado em dispositivo legal, dentro dos critérios de interesse público (instituições assistenciais, hospitais, médicos, banqueiros, sociedades...) e de cortesia pessoal dele, Prefeito. Citou vereadores, deputados e senadores da oposição que têm conseguido prioridades, para provar que não tem havido discriminação política.

INTERNAMENTOS

A respeito de internamentos de menores, declarou que os mesmos, de acordo com a lei, são feitos através de concorrência entre os colégios, contratos e, finalmente, registro pelo Tribunal de Contas. Afirmou que ia mandar apurar se havia funcionários municipais contratando com a Prefeitura, nesse terreno de internamentos, mas que este ano ainda não foi assinado contrato algum, embora os meninos já estejam internados.

ESCOLAS

Ainda no campo da instrução primária, o sr. Negrão de Lima, dando um tom de justo orgulho à voz, declarou:

«— Graças à atuação do meu eficiente Secretário de Educação, prof. Gonzaga da Gama, foram construídas 28 escolas em menos de 70 dias.

Pela primeira vez, estamos livres do angustioso problema dos excedentes. E atingiremos o número de 100 até março vindouro, se a Câmara Municipal nos der os recursos necessários».

SUBVENÇÕES

Foi aí que o sr. Negrão de Lima arrasou com a denúncia com mais veemência, quando provou que a sra. Dulce Magalhães, (o mais forte dos quatro denunciante, na opinião do deputado Guilhermino de Oliveira), embora afirmando, na denúncia, que a cota para vereador era de 1 milhão de cruzeiros, no Orçamento de 56 (ela, Dulce) botou 2 milhões e 335 mil cruzeiros e, em 58, sua cota elevou a 2 milhões e 360 mil cruzeiros.

PAGAMENTOS

Declarou a denúncia que o Prefeito só mandava pagar subvenções de interesse dos vereadores amigos do governo. O sr. Negrão de Lima depois de dizer, textualmente, «declarar que é o Prefeito quem manda pagar é não ter aprêço ao tempo dos senhores deputados, apresentou uma impressionante lista de pagamento de subvenções feitas, total ou parcialmente, a beneficiados não só dos quatro denunciante, mas de todos os vereadores da oposição. Esses pagamentos (subvenções de 1956) estão sendo feitos em prestações, de acordo com sugestões e esquemas apresentados ao Prefeito, pelo sr. Nelson Mufarrej, Secretário de Finanças. Em 57, só houve as subvenções provenientes de leis especiais e, em 58, ainda não foi paga uma subvenção sequer.

MONTEPIO

Negou o Prefeito haver interferência política no pagamento de empréstimos comuns do Montepio. Concede antecipação, indistintamente, a tantos quantos se dirijam a si, através de requerimentos. Nos empréstimos de emergência não funciona. Declarou o Prefeito: «— Não nego a ninguém. Não procuro saber dos motivos, muitos até, íntimos que o funcionário não quer revelar, conforme declarou em seu relatório, o eficiente diretor do Montepio, dr. Péricles Barbosa. Se o motivo é íntimo não temos o direito de investigá-lo. Já concedi 4.800 antecipações e continuarei a fazê-lo».

Quanto às nomeações no Montepio, afirmou não haver nomeado ninguém, muito pelo contrário, extinguiu mais de 50 cargos ali existentes. Citou nomeações de Prefeito anteriores, em número superior a 400. E concluiu esta parte com esta pergunta: «E' este, senhores deputados, o Prefeito da corrupção eleitoral?»

CALÇAMENTOS

Referindo-se aos calçamentos de ruas, declarou o sr. Negrão de Lima que dos 6.687 logradouros existentes, existem 3.000 sem calçamento. Revelou que, longe do interesse político, os calçamentos são realizados de acordo com os pareceres dos órgãos técnicos da Secretaria de Viação e com as disponibilidades financeiras da Prefeitura. A título de ilustração, afirmou que mandou fazer a limpeza do canal da rua Visconde de Albuquerque, em obediência a requerimento da vereadora Lígia Bastos, da oposição.

LOTAÇÕES

No caso dos Lotações afirmou que a comissão de inquérito, para qual indicou um membro, o Procurador Geral, sr. José Emídio de Oliveira, tendo o denunciante Gladstone Chaves de Melo indicado dois, deu um parecer que foi por ele, Prefeito, integralmente respeitado. Que a Comissão declarou nada haver provado ter o vereador Rubem Cardoso sido subornado ou tentado subornar alguém. Sugeriu a ida do processo à Justiça, o que ele, Negrão de Lima, já havia feito. A Procuradoria já enviou o processo à Justiça. Ainda sobre lotações, declarou o Prefeito que não retirou as linhas condenadas pela Lei nº 775, por imperiosa necessidade da população e que concedeu uma linha, contrariando essa lei, atendendo o Memorial dos moradores do bairro de Lins Vasconcelos, Memorial esse encabeçado pelo denunciante, vereador Mário Piragibe.



Ângela Maria partiu em segrêdo para casar no Uruguai

ANGELA MARIA aproveitou o clima da Copa do Mundo e deu um "dribling" em seus fãs, partindo sigilosamente na manhã de domingo para o Uruguai, a fim de realizar o seu casamento com Rudolph Aleksith, decorador em Copacabana. A popular cantora realizou finalmente o seu grande desejo — o casamento, coisa que muito pouca gente acreditava em nossa cidade. Recorda-se que após o rompimento de seu noivado com o jovem Milton Carvalho muitos foram os "noivos" de Ângela Maria que apareceram no noticiário das revistas especializadas em assuntos radiofônicos. Mas Ângela trabalhou tão secretamente, que até o próprio Rudolph (que agora partiu para casar com ela) foi mantido em segredo durante muito tempo, só sendo revelado ao público da popular intérprete há pouco menos de 3 meses. O enxoval da menina Abelim, segundo apuramos, já estava pronto quando o noivado foi revelado.

POR QUE NO URUGUAI?

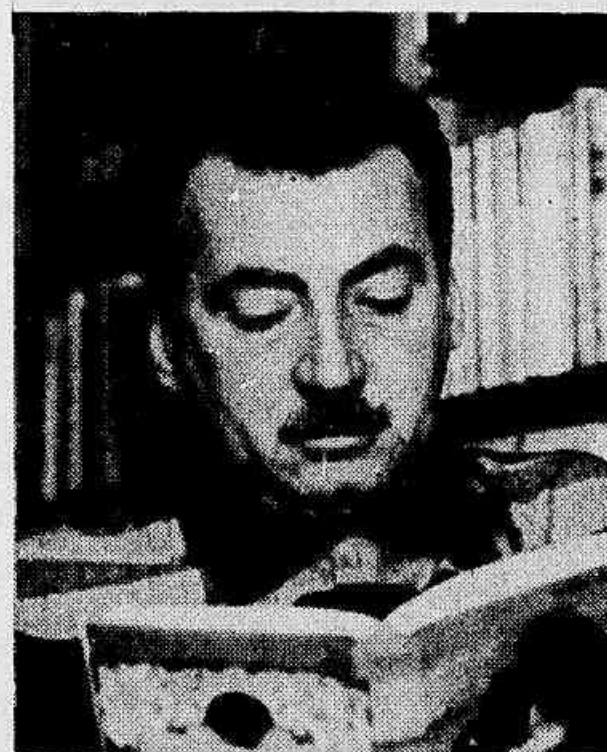
Os fãs de Ângela Maria não contavam com esta. Ângela casar no Uruguai, por quê? A razão é simples. A cantora desejava ardentemente realizar o seu enlace matrimonial no Brasil. E já havia escolhido a pequenina localidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio, para a cerimônia religiosa. Mas o cardeal vetou a união de Ângela e Rudolph pela Igreja Católica, já que o jovem decorador é desquitado (embora não fôsse casado na igreja católica e em nenhuma outra), o que levaria, nessa época, a muitos políticos tirarem partido.

Isso seria um fator negativo na luta que a igreja mantém contra o divórcio, principalmente nessa época, em que estamos próximos das eleições para deputados, senadores e vereadores.

Mas Ângela partiu feliz. E o fato de casar no Brasil ou em terras estrangeiras não desanimou. Casar é o que queria...

CARTA A MÁRIO CRAVO

ESCULTOR E MÁGICO



JORGE AMADO

OUTROS FALARÃO da cidade e do seu mistério. Aquêles que novamente a visitam e os que têm a alegria de pela primeira vez desembarcar na Bahia. Nomes conhecidos e populares integram essa caravana. Eles escreverão coisas líricas e profundas, as frases e a ternura a desdobrarem-se à lembrança dêsse contato com a terra primeira e mais bela, com a cidade negra e densa, com o mar da Bahia e o casario, com a educação do homem baiano, do negro velho do Mercado como um sábio, do artesão da feira de Água dos Meninos como um mandarim de antigas idades.

Não falarei nem da cidade nem do seu mistério, nem mesmo do livro de Motinha e de Darwin que me trouxe de repente a êsses muros, a êsses azulejos e à adolescência solta num impacto de emoção. Para o livro escrevi um prefácio, alegro-me agora com seu sucesso.

De outra coisa quero falar: da resistência da Bahia e do povo baiano ao aviltamento de sua beleza, de sua cultura. E se o faço para todos que me leiam, é a Mário Cravo que me dirijo não só porque êle pode compreender melhor que ninguém mas por ser êle responsável, e muito, por essa invencível resistência da cidade e de sua grandeza a tudo que é pequeno e vil. Como um Quixote de alegre gargalhada, como um mestre de roda de capoeira de gesto ágil e imprevisito, como um cidadão cômico de seu dever, como um artista cuja obra tão importante nasce da cidade e do homem, Mário Cravo é uma barreira contra a permanente conspiração dos esnobes e dos aventureiros de má aventura que tentam degradar essa beleza a nós legada pelos antepassados, essa cultura construída na dor e na luta pelas quais somos responsáveis todos os baianos.

Trata-se de persistente ameaça, é uma longa conspiração de subartistas, de sublitteratos, de enfarados turistas, de esnobes vindos à passeio, de aventureiros querendo enriquecer a custa da beleza da Bahia, de caçadores do fácil pitoresco, de efeminados a sujar a paisagem, de homens ricos e pobres homens. Querendo corromper o que há de mais poderoso e puro, de maior e mais belo. Querendo rebaixar à sua pequena medida essa desmesurada grandeza.

Nos anos de 1943-1944, quando a guerra era a nossa realidade e a do mundo, vi a conspiração em marcha. Entrando pelos candomblés e macumbas, transformando em sórdido objeto de comércio e dança, o canto, os ritos que até então eram apenas dança, canto e ritos, riqueza da gente mais pobre é riqueza nossa, filhos da Bahia. Transportando para improvisados palcos estrangeiros nas bases navais, a crença das filhas-de-santo, os mistérios que durante séculos haviam resistido à escravidão, à ameaça e ao medo, aos sermões dos padres e o chicote dos capatazes. Tentando transformar a pura comunhão dos homens, arrancados à floresta, com seus deuses amigos, em excitantes sexuais para a gasta e pobre sensibilidade de visitantes ricos. Reduzindo os pais-de-santo, os respeitáveis babalaôs, sacerdotes responsáveis ante seu povo e sua tradição, em ridículos dançarinos sem ambiente, a negociar com a dança e a música e com

os sentimentos dos homens. Muitos resistiram e guardaram sua pureza. Outros contaminaram-se e despiram-se de sua força vital, de chefes do povo viraram palhaços de triste picadeiro.

CONTINUOU A CONSPIRAÇÃO e hoje um príncipe dinheirista e de pétrea burrice sai pelo mundo a exhibir como imagem da Bahia um filme de última categoria. Na esteira do sucesso de Caymmi, subcompositores que jamais puseram os pés nas ruas da cidade sem comparação, deturpam ritmos, falsificam o canto do homem baiano. Maus pintores, poetinhas de voz gripada, charlatães de variada espécie, encontram o caminho da Bahia e, de súbito, quando estendemos o olhar para o mar de Salvador, somos obrigados a enxergá-los, com êles cruzamos ao descer o Pelourinho. Um horror. Tentando todos êles, com sua presença corruptora, minar a força dessa cultura baiana, desnacionalizá-la, empequenecê-la.

Longa e vasta conspiração mas fracassada. Fracassada no correr do tempo e cada dia vencida. A grande resistência vem do povo, êste povo tão civilizado, lembrando na modestia e na imensa sabedoria humana o povo chinês ou o povo hindu. Como êles, o povo baiano resiste e vence qualquer tentativa, por mais prolongada e persistente, de degradação de sua cultura nascida de democrática mistura de sangues, de lutas libertárias e de poetas como Castro Alves.

Não se pode, no entanto, esquecer o decisivo apoio de criadores como Mário Cravo à preservação e à continuidade da cultura baiana. Sua fidelidade às raízes mais profundas dessa cultura, êsse tão íntimo contato com a vida do povo, êsse misturar-se diariamente com a realidade, são características da arte da Bahia. Mário Cravo, escultor e tocador de berimbau, pintor e mestre de capoeira, é quase um símbolo da magia baiana. Só ali, em meio a seu povo, sentado no terreiro, o instrumento na mão, o riso na boca, o coração distribuído pela cidade inteira, poderia ter êle criado sua obra onde continua a grande tradição.

AFINAL QUE TRADIÇÃO é essa da cultura baiana, que marca inconfundível possui, que acento especial é êsse, de que tanto nos orgulhamos? Honra e orgulho nosso são essa tradição, essa marca, êsse acento: é a virilidade de nossa cultura, é sua mistura com a vida, com o povo, é seu acento popular, sua marca de vida vivida, sua tradição democrática e combativa. Nessa cidade de tanta beleza e de tanto mistério jamais pôde medrar a arte desligada da vida, do homem e de sua alegria, de sua dor, de sua esperança, de sua luta.

Para mim foi inesquecível espetáculo ver Mário Cravo, cercado de jovens, a levar adiante a bandeira levantada um dia nas mãos de Castro Alves, empunhada no começo do Brasil por Gregório de Matos. A mesma boca de imprecacões de Gregório e agora a boca de Mário, o mesmo ímpeto de Castro Alves, e a sadia gargalhada do povo. Invencível Bahia! Tudo que é pequeno, feio e vil aqui não pode medrar.



Marque um encontro
com os fatos da semana
lendo o **NOVO**

mundo
ILUSTRADO

O Brasil e o Mundo
estão semanalmente presentes nas
páginas do "Mundo Ilustrado"
através o depoimento de uma grande
equipe de reporteres nacionais e
estrangeiros.

Todo impresso em rotogravura. Maravilhosas páginas em cores.

Os melhores cronistas. Colaboradores seleccionados.

assim é o novo mundo ilustrado

Organização do

Diário de Notícias



Uma pequena lição

EU SEI TUDO



TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



NÓS SABEMOS TUDO



VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO

Semana

REVISTA DA

Nº 28 — 12 julho 58 — Cr\$ 10,00

DE VOLTA,
OS CAMPEÕES
DO MUNDO

